



Tribuna de Debates

Com as conferências estaduais esquentando o debate do 9º Congresso do PCdoB. Nesta **Tribuna de Debates**, a maioria dos artigos discute a questão do Partido. O próximo dia 28 de agosto é o último prazo para entrega dos artigos que serão publicados na última edição da **Tribuna de Debates**.

A Classe Operária



R\$ 1,00

Órgão Central do Partido Comunista do Brasil

Congresso da CUT aprova plano de ação contra FHC



O ato de abertura contou com a presença de várias personalidades. Acima, Wagner Gomes, defendendo a chapa da CSC

Mais de 2 mil delegados, reunidos no 6º Congresso Nacional da CUT, aprovaram plano de luta contra FHC. O encontro, realizado em São Paulo, de 13 a 17 de agosto, teve momentos de acirrada disputa, como a avaliação da atuação da entidade no episódio da Previdência. Foi marcado pela oposição ao governo e pela defesa da unidade e da democracia interna, para unificar e impulsionar a luta dos trabalhadores. Com chapa própria, a CSC elegeu quatro integrantes para a Executiva.

Página 3

Festival juvenil reúne mais de 12 mil em Cuba

O 14º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes reuniu mais de 12 mil jovens de 132 países. Durante uma semana, aconteceram debates, atividades culturais e visitas à diversas províncias. O Tribunal Antiimperialista foi um dos principais eventos e condenou os Estados Unidos como principal causador dos males políticos, econômicos, sociais e culturais que

afetam a juventude. Mesmo com a proibição do governo dos EUA, lá estavam mais de 800 norte-americanos, confraternizando com jovens de todos os continentes e condenando a lei Helms-Burton.

A declaração do Festival faz um apelo aos jovens e estudantes de todo o mundo para que encontrem a unidade na luta em defesa de seus direitos e aspirações. **Página 24**



Delegação brasileira presente no Encontro Internacional dos Trabalhadores frente à Globalização e o Neoliberalismo

Foro de São Paulo defende soberania e democracia

Página 22

Trabalhadores querem globalizar a resistência

Reunidos em Havana, mais de 1300 trabalhadores discutem as consequências nefastas da globalização neoliberal. Desemprego, desregulamentação de direitos e supressão de benefícios são comuns a todos os países. O encontro destacou a necessidade de ampliar a resistência e decidiu pela realização de jornadas de luta contra o neoliberalismo. **Página 23**

Confira as publicações dos parlamentares do PCdoB

Página 21

Sociólogo Betinho morre aos 62 anos

O Brasil perdeu Betinho. O sociólogo Herbert de Souza morreu no dia 9. Hemofílico, era portador do vírus da Aids, assim como seus irmãos, o cartunista Henfil e o músico Chico Mário. Os três irmãos contraíram o vírus em função de transfusão de sangue. Receberam sangue contaminado, graças ao criminoso e histórico descaso dos sucessivos governos brasileiros com a saúde.

Sua luta contra a Aids e contra a fome transformaram-se em símbolo de permanente ação contra uma realidade adversa e esperança na construção de um mundo novo.

Líder estudantil, Betinho ingressou na Juventude Universitária Católica (JUC) no fim dos anos 50. Ajudou a fundar, em 1962, a Ação Popular (AP). Trabalhou no Ministério da Educação de João Goulart, quando veio o golpe militar de 1964. Perseguido pela ditadura, foi obrigado a se exilar no Uruguai. Temia ser torturado - hemofílico, fatalmente morreria nas mãos dos carrascos.

Em Montevidéu aproximou-se de Leonel Brizola, que articulava a resistência ao regime. Brizola defendia a volta ao Brasil pacificamente. Betinho e seus jovens companheiros de AP pregavam a volta clandestina e a luta armada.

De volta ao Brasil, Betinho viveu na clandestinidade até 1971, quando foi obrigado a novo exílio, agora no Chile. Em Santiago, trabalhou no governo socialista do presidente Salvador Allende. Quando o general



Daniel (dir.) filho de Betinho, leva o caixão do pai à cremação

Augusto Pinochet liderou o golpe militar, Betinho partiu para o Panamá e para o México, onde deu aulas na Universidade Autónoma.

Naqueles anos de chumbo, no Brasil desenvolvia-se a luta pela anistia. Uma canção de João Bosco e Aldir Blanc tornou-se hino do movimento pela libertação dos presos políticos e fim das perseguições: *O bêbado e a equilibrista*. Gravada por Elis Regina, a música cantava um Brasil "que sonha com a volta do irmão do Henfil, com tanta gente que partiu num rabo de foguete"... No dia 16 de setembro de 1979, desembarcou no Rio como um dos primeiros beneficiados pela Lei da Anistia.

Em 1986 descobriu que era portador do vírus da Aids. Na direção do Instituto Brasileiro de Análises Sócio-Econômicas (Ibase) liderou campanhas contra a fome e para esclarecer a população para o risco da Aids. Também fundou, na década de 80, a Associação Brasileira In-

terdisciplinar de Aids (Abia). Em 1989, organizou e liderou a Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e Pela Vida.

Rompimento com FHC

No governo Itamar Franco integrou o Conselho de Segurança Alimentar. No governo Fernando Henrique Cardoso, Betinho foi conselheiro do programa Comunidade Solidária, de onde se afastou em 1995, denunciando o descaso governamental com as questões sociais. Recebeu dois prêmios internacionais: o Prêmio Global 500 1991, dado pela ONU a personalidades que se destacam na defesa do meio ambiente, e o Criança da Paz 1993, do Unicef.

Para além da demagogia das elites e do governo que "lamentam" a morte de Betinho, mas ficam aliviados com a sua ausência, os verdadeiros lutadores por um Brasil digno e soberano sabem que perderam um companheiro de lutas.

Edição especial da Presença da Mulher



No dia 28 de agosto a Editora Anita e a União Brasileira de Mulheres lançarão o número 29 de revista *Presença da Mulher*. Será realizado na Editora na rua Monsenhor Passaláqua, 159, Bela Vista, a partir das 18h:30. A revista está completando 11 anos. Nasceu preocupada em falar para as mulheres brasileiras que emergiam daquele final da década de 70.

Hoje, continua sintonizada com os problemas, as bandeiras e as novas questões surgidas no movimento de mulheres

e no país. Este número traz matérias e reportagens sobre saúde da mulher trabalhadora, a situação das mulheres cubanas, a repercussão do aborto na mídia, a resistência das mulheres em zonas de conflito como o Timor Leste, a vinda do papa ao Brasil, a experiência de um grupo de teatro constituído por prostitutas, a questão da clonagem. Traz, também, um encarte sobre os rumos do movimento emancipacionista e o papel das Organizações Não Governamentais. Não deixe de ler!

PCdoB propõe ampla frente contra o governo FHC

No programa de rádio e TV do Partido Comunista do Brasil veiculado no dia 21, o presidente do Partido, João Amazonas, fez a avaliação política do atual governo e defendeu a organização de uma ampla frente oposicionista, para "derrotar os que governam mal o país".

Esta é a íntegra da intervenção de João Amazonas no programa:

"A cada dia torna-se mais claro o rumo que segue o país, sob o governo de Fernando Henrique Cardoso. Ele não se cansa de repetir que tudo vai bem. Faz intensa propaganda do Plano Real. Suas palavras não têm apoio na realidade. A estabilidade da moeda é mantida à custa do tremendo endividamento externo e interno, que prejudica a vida do povo e compromete o futuro do país.

O objetivo da política de FHC não é a defesa da independência nacional, mas a dependência sempre maior aos banqueiros internacionais. Não é a ampliação da democracia para o povo, mas as restrições e ameaças às liberdades civis; não é o desenvolvimento do país que assegure a criação de empregos, mas o desaquecimento da economia que gera o desemprego; não é o atendimento das justas reivindicações dos trabalhadores, mas o arrocho salarial e o salário mínimo de fome; não é a prioridade da área social, mas o apoio e ajuda aos banqueiros.

Organizar a oposição decidida ao governo de FHC e à sua política neoliberal é a tarefa mais importante do momento.

O Partido Comunista do Brasil conchama os trabalhadores e o povo, os partidos políticos de esquerda e democráticos, as organizações sindicais e populares, a juventude, a intelectualidade a construir uma ampla união para enfrentar e derrotar os que governam mal o país.

É preciso construir uma poderosa frente de todos os que se opõem ao neoliberalismo. E lutar para eleger, em 1998, um governo democrático que realize as aspirações progressistas da imensa maioria da nação."

Amazonas reúne-se com Arraes e Brizola

O presidente do PCdoB, João Amazonas, reuniu-se com o governador de Pernambuco, Miguel Arraes (PSB), e o ex-governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola (PDT), no dia 14 de agosto, em Brasília. Durante o encontro, o dirigente comunista destacou a necessidade dos partidos de esquerda se unirem em torno de uma candidatura única para a Presidência da República nas eleições do próximo ano. A aliança eleitoral deve envolver o leque mais amplo possível de partidos oposicionistas, além do PCdoB, PSB, PDT e PT.

Adesões ao Partido no Piauí

No dia 8 de agosto o PCdoB promoveu uma manifestação em comemoração do Dia do Estudante, em Teresina, Piauí. Foi feita uma homenagem a Che Guevara e aos guerrilheiros do Araguaia. O ato ocorreu na região do grande Itararé e contou com a participação do vereador comunista Anselmo Dias e do presidente estadual do Partido, Osmar Júnior. Durante o processo de preparação do ato foram filiados cerca de 40 novos militantes, inclusive lideranças estudantis e dirigentes da UJS.

No dia 9 foi realizada a assembléia de base do Itararé, quando o PCdoB recebeu novos filiados, inclusive os compositores e músicos Alcides Valeriano e Silmara.

PCdoB na Câmara de Vitória da Conquista

O PCdoB baiano ganhou recentemente um novo vereador. Trata-se do companheiro Miguel Felício, que era primeiro suplente de vereador no município de Vitória da Conquista. Felício ocupou a vaga aberta pelo vereador Jádriel Matos, que foi convidado pelo prefeito Guilherme Menezes (PT) para compor o secretariado municipal. É a primeira vez que este funcionário do BNB e ex-presidente do Sindicato dos Bancários de Conquista cumpre mandato parlamentar.

Por que o Congresso desagrada as elites

Uma pesquisa feita pela vice-liderança de Comunicação e Estratégia do PSDB põe alguma luz sobre a campanha sistemática que as elites brasileiras fazem contra o Congresso Nacional. Ela mostra que, dos 4.090 discursos ali feitos de 15 de abril a 25 de julho de 1997, 1.435 foram contra o governo e só 652 a favor. Boa parte dos discursos contra Fernando Henrique Cardoso foram feitos por parlamentares de sua própria base política. Os campeões da tribuna oposicionista foram PP (58% dos discursos), PPB (11%) e PCdoB (10%).

EXPEDIENTE

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas - Edição: Guiomar Prates (Mtb 7061/31/04v), Pedro de Oliveira, (Mtb 9.813 -SP) e Carlos Pompe (Mtb 249/01/128/AL)

Editoração Eletrônica: Marco Black - Administração: Eriberto Muniz. Publicação quinzenal da Editora Jornalística A Classe Operária - rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo/SP

CEP 01318-020 - Fone: (011) 604 4140 - Fax: (011) 606 0412

PCdoB na Internet: <http://www.pcdob.org.br>, E-mail: agprincipios@ax.ibase.org.br



Mais de 2 mil trabalhadores participaram do 6º Congresso da Central Única dos Trabalhadores, que aprovou calendário de lutas contra FHC. Vicentinho foi reeleito para a presidência da entidade. A Corrente Sindical Classista elegeu quatro diretores para a Executiva da CUT

CUT aprova: chega de FHC

Guiomar Prates

A oposição ao governo federal foi a marca do 6º congresso da Central Única dos Trabalhadores, realizado em São Paulo, de 13 a 17 de agosto. O encontro definiu os lemas *Chega de FHC* e *FHC nunca mais*, como eixo de luta para o próximo período e aprovou, por ampla maioria, um plano de lutas unitário e consensual.

As críticas à tendência majoritária na CUT, a Articulação Sindical, foram contundentes, principalmente no que se refere às vacilações do presidente da entidade, Vicentinho, no episódio da reforma da Previdência, em que ele priorizou a negociação com o governo em detrimento da mobilização dos trabalhadores, indispondo a central com os setores que lutam contra as reformas neoliberais, inclusive com os partidos de esquerda que atuam no Congresso Nacional. A falta de democracia interna foi outro aspecto bastante lembrado, assim como a necessidade de modificar essa relação, permitindo que todas as forças que atuam na CUT tenham espaço e possam contribuir para o fortalecimento da luta dos trabalhadores.

A eleição da nova direção da



Fotos: Maurício Moraes

Animação da CSC na plenária do 6º Congresso da CUT

CUT, realizada no último dia do congresso mostrou que a Articulação ainda conta com maioria mas não vive mais a situação confortável de algum tempo atrás. Tomado isoladamente, o resultado da eleição não reflete todos os problemas que vive a corrente política de Vicentinho. Para que pudesse compor sua chapa, foram necessárias muitas horas de reunião dessa tendência. Uma briga entre Vicentinho e João Vaccari, ex-se-

cretário-geral e atual vice-presidente da CUT, colocou as lideranças do Sindicato dos Bancários de São Paulo, um dos maiores do país, em pé de guerra com o setor da Articulação capitaneado por Vicentinho. Eles discordam do balanço da luta na reforma da Previdência, querem mais transparência e um comportamento mais coletivo da direção. Além disso, houve um crescimento da oposição. O Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, por exemplo, pela primeira vez elegeu delegados da oposição ao Congresso da CUT. Esses fatos contribuíram para que o Congresso fosse mais equilibrado do ponto de vista político.

A tese aprovada sobre conjuntura internacional aponta que "o cenário atual está caracterizado pelo avanço da globalização econômica, financeira e comercial, defendida pelos organismos internacionais com base na ideologia neoliberal". Fala ainda das principais tendências da globalização e o impacto no mundo do trabalho. A Corrente Sindical Classista apresentou várias emendas que foram incorporadas ao texto.

A discussão sobre a conjuntura nacional esquentou o debate e a polarização levou à votação em urna. Os principais aspectos discutidos foram as bases políticas e econômicas do neoliberalismo no Brasil, o combate às reformas do governo FHC, a contradição entre a modernização neoliberal e a questão social, o projeto das elites para a manutenção no poder e a necessidade de um projeto alternativo dos trabalhadores.

O balanço político da CUT dividiu o plenário. Foi um debate acirrado. A CSC fez as críticas necessárias mas também analisou o papel importante que a CUT cumpriu quando priorizou as mobilizações de rua e a unidade dos trabalhadores. Exemplos de acerto foram a greve geral realizada no ano passado, a marcha sobre Brasília, em 17 de abril, as mobilizações do 1º de maio e do dia 25 de julho, além da realização da Conferência Nacional sobre Terra, Trabalho e Cidadania,

A emenda específica sobre a atuação da CUT na reforma da Previdência teve a votação mais apertada do Congresso: 958 delegados aprovaram o texto da direção, 936 votaram emenda da oposição, 12 votaram outra proposição e foram registrados 27 votos em branco e 14 nulos. Nesta votação, a Articulação não obteve a maioria absoluta.

Alguns temas que eram considerados polêmicos não foram definidos. A proposta de aprovação do sindicato orgânico não foi apreciada e deverá voltar ao debate na próxima plenária nacional da entidade. A criação da Secretária da Mulher foi discutida mas não foi votada e também deverá constar da pauta da próxima plenária nacional.

Cinco chapas disputaram a direção da CUT: A chapa presidida por Vicentinho obteve 1.080 votos, totalizando 52% e terá maioria na direção. Em segundo lugar ficou a chapa do MTS, com 629 votos; em terceiro, a chapa liderada por Wagner Gomes, da CSC, com 282 votos, 14% do total. Com este percentual, a Corrente Sindical Classista terá quatro membros na Executiva da CUT: Wagner Gomes (metroviários/SP), Gilda Almeida (Farmacêuticos/SP), Paschoal Carneiro (metalúrgicos/BA) e Sérgio Barroso (médicos/AL).

Os números do congresso

O congresso teve a participação de 2.141 delegados credenciados. O número de inscritos era de 2.255. Não compareceram, portanto, 5,43% dos delegados eleitos.

O congresso contou ainda com a presença de 320 observadores e 105 convidados. Durante o encontro foi realizada uma pesquisa sobre o perfil dos delegados. Os índices indicaram que a idade de 48,9% dos presentes ao ConCUT está entre 30 e 39 anos e que a participação feminina foi de 27%.

O percentual de delegados que trabalham no setor público é de 35,7%; na iniciativa priva-

da, 29,4%; e em empresas estatais, 19,3%. O índice de trabalhadores rurais ficou em 13,7%.

O tempo de militância sindical ficou assim distribuído: Com mais de 15 anos - 25,9%; entre 11 e 14 anos - 22,3%; de 5 a 8 anos - 23,1%; de 9 a 10 anos - 17,2%; e até 4 anos - 11,5%.

A CUT tem, atualmente, 19.537.193 trabalhadores na base. Destes, 6.056.064 são sindicalizados. A sindicalização alcança 31% da base.

Os 24 congressos estaduais da CUT, realizados entre os meses de junho e julho, reuniram 7.447 delegados.



Wagner, Gilda, Paschoal e Barroso, na executiva

CALENDÁRIO DE LUTAS

O congresso da CUT aprovou um calendário de lutas para o segundo semestre

20/8 - Caravanas a Brasília contra a reforma administrativa e da Previdência;

29/8 - Ato pela Dignidade e pela Vida, em Volta Redonda/RJ, com a CUT, todo o movimento popular, sociedade civil e partidos de esquerda;

07/9 - Grito dos Excluídos;

16/9 - Dia Nacional de Luta em defesa da justiça, Terra, Emprego, Previdência e Cidadania com caravanas ao local do julgamento do líder dos Sem-Terra, José Rainha.

Final de Setembro - Reunião da direção nacional para discutir a continuidade do calendário de lutas com a organização da Marcha Nacional contra o desemprego e a possibilidade de construção da greve geral.

RESULTADO ELEITORAL

Chapa 1 - Liga Bolchevique Internacionalista - 16 votos - 0 na Executiva
Chapa 2 - Corrente Sindical Classista - 262 votos - 4 na Executiva
Chapa 3 - Articulação Sindical - 1.080 votos - 17 na Executiva
Chapa 4 - O Trabalho - 86 votos - 1 na Executiva
Chapa 5 - Alternativa Sindical Socialista - 629 votos - 10 na Executiva



Trabalhadores rurais: no campo e nas cidades o desemprego é um flagelo

Desemprego, um pesadelo (do) Real

Aldo Rebelo*

O desemprego é a maior chaga social deste final de século. Sem escolher credo, raça ou nível de desenvolvimento, o desemprego é um problema que tira o sono dos trabalhadores no mundo todo.

Segundo a Organização Mundial do Trabalho (OIT), um bilhão de pessoas, ou 30% da força de trabalho mundial, encontram-se desempregadas ou subempregadas. Na União Européia, o número de desempregados já passa dos 34 milhões de pessoas, número só atingido no período imediatamente posterior à 2ª Guerra Mundial. Na América Latina, a média do índice de desemprego vem crescendo ininterruptamente, desde 1993. Na Argentina a taxa de desemprego é de 18,3%, no Uruguai, 12,5%, na Colômbia, 11,2%, no Peru, 9,2%, no Equador, 6,8%. Mesmo nos países com taxas menores de desocupação - o Brasil, com 5,9%, entre eles -, parcelas muito altas da população sobrevivem graças ao subemprego. Basta olhar a taxa de desemprego calculada pelo Seade/Dieese. Utilizando critérios mais rigorosos que consideram, além do desemprego abeto, o chamado desemprego oculto pela subocupação e pelo desalento, aponta uma taxa de desemprego na Região Metropolitana de São Paulo, no mês de maio de 1997, de 16%, ou seja, 1.387.000 pessoas desempregadas.

Segundo dados da Fiesp, a indústria de São Paulo demitiu em 1996, 176 mil trabalhadores. Em 1995, 179,87 mil postos de trabalho foram fechados e no biênio 1991/92, 278 mil trabalhadores perderam seus empregos em cada ano. Desde o final de 1990, a indústria de São Paulo cortou 924,37 mil

vagas, das quais 320,86 mil depois do Plano Real.

A Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) do Seade/Dieese indica que a taxa de desemprego na Região Metropolitana de São Paulo, cresceu de 13,2% para 15,1%, entre 1995 e 1996, aumentando o número absoluto de pessoas desempregadas em 192 mil pessoas.

De acordo com o Ministério do Trabalho, o Brasil perdeu 2,060 milhões de empregos formais nos anos 90. Entre janeiro de 1990 e junho de 1996, as empresas brasileiras contrataram 52,508 milhões e demitiram 54,568 no mesmo período. Para agravar ainda mais a situação, a População Economicamente Ativa (PEA) cresceu de 64,47 milhões para 74,11 milhões de trabalhadores.

Tais níveis de desemprego, além de um absurdo econômico, são insustentáveis tanto do ponto de vista político quanto do social. Para eximir-se da responsabilidade por tal situação, o governo FHC, bem como os demais governos que curvando-se ao chamado "Consenso de Washington" mostra uma fé cega no mercado, procuram atribuir a responsabilidade de tal situação à globalização. Não é verdade, contudo, que a globalização seja uma força supranacional incontrolável. O Estado-nação é ainda a influência dominante nos resultados econômicos e do mercado de trabalho. Se chegamos a tal situação é porque houve uma decisão política do governo de nada fazer para impedir o seu agravamento. Da mesma forma que o governo tem instrumentos para influir na taxa de inflação, na taxa de juros, na taxa de câmbio, não é menos verdade que disponha de outros instrumentos para combater o desemprego. A questão é que o combate ao desemprego foi co-

locado em segundo plano em nome do alcance da estabilidade dos preços e da chamada "eficiência econômica".

As sucessivas medidas que vêm sendo tomadas visando "flexibilizar" o mercado de trabalho, supostamente visando atacar o problema do desemprego, são um retrocesso nas relações entre capital e trabalho. No limiar do século 21, volta-se, em muitos aspectos, às mesmas condições vigentes no século 19, quando o trabalho, reduzido à condição de simples mercadoria, tinha seu preço e ocupação unicamente determinados pelas leis da oferta e da procura.

Projetos do governo, como o que cria demissão por avanço tecnológico vão nessa direção. De acordo com anteprojeto de lei complementar enviado ao Congresso, deixam de ser "sem justa causa" os cortes de trabalhadores feitos por empresas às voltas com "retração grave" do mercado (motivo econômico) ou pela introdução de equipamentos que poupem mão-de-obra (considerado "motivo tecnológico").

No sentido inverso, projetos como o dos deputados federais Inácio Arruda e Paulo Paim, propondo a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais ou os projetos de lei apresentados pelo deputado Nivaldo Santana, criando o passe-desemprego no Metrô e nos trens da CPTM, assim como a não suspensão para os trabalhadores desempregados do fornecimento de água e energia elétrica, que ora tramitam na Assembléia Legislativa de São Paulo, fazem parte da luta de resistência dos trabalhadores contra a exploração capitalista.

*Jornalista e deputado federal pelo PCdoB de São Paulo

Câmara Federal homenageia a UNE

O transcurso dos 60 anos de fundação da União Nacional dos Estudantes foi comemorado com uma sessão solene na Câmara dos Deputados.

Foi uma iniciativa conjunta dos deputados Lindberg Farias (RJ), Aldo Arantes (GO), Aldo Rebelo (SP), Ricardo Gomyde (PR), do PCdoB, e Chico Vigilante (DF), do PT. A sessão foi presidida pelo deputado Michel Temer, presidente da Câmara, com uma mesa formada pelo deputado Paes de Andrade, presidente nacional do PMDB, Ricardo Capelli, novo presidente da UNE, e pelo professor João Carlos Todorov, reitor da Universidade de Brasília (UnB).

Compareceram também o senador José Sarney (PFL-AP); José Carlos Almeida, reitor da Universidade Católica da Bahia e presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB); Kerisson Lopes, presidente da UBES; Hélio José da Silva, presidente da Comissão de Justiça e Paz, representando a CNBB; Jorge Ferreira, Conselheiro Político da Embaixada de Cuba; José Dirceu, presidente nacional do PT; e dezenas de deputados de todos os partidos.

Lindberg Farias destacou a trajetória da UNE em defesa da educação e da universidade, e sua estreita vinculação com a luta em defesa dos interesses nacionais e sociais: a UNE tem a tarefa histórica de mobilizar a juventude para lutar também por mudanças profundas na sociedade.

Aldo Arantes lembrou o papel da UNE nas "grandes batalhas decisivas da luta pela democracia no Brasil". Aldo Rebelo, também ex-presidente da entidade, exaltou a rebeldia da juventude e sua inquietação com os problemas que atingem a educação e a sociedade. Ricardo Gomyde disse que a UNE encabeça a luta contra as distorções no sistema educacional, principalmente contra as elevadas mensalidades.

Os deputados Pedro Valadares (PSB-SE), Wolney Queiroz (PDT-PE), Arnaldo Faria de Sá (PPB-SP), Augusto Nardes (PPB-RS), Eduardo Coelho (PSDB-SP), Simara Ellery (PMDB-BA) e Esther Grossi (PT-RS), falaram em nome de seus partidos, registrando aspectos históricos da trajetória da UNE. A Câmara dos Deputados ofereceu um almoço em homenagem à nova diretoria da UNE.

Seminário impulsiona trabalho com operários

Joel Batista*

Realizou-se no dia 6 de julho o Seminário Operário do PCdoB, com a presença de 60 metalúrgicos, vidreiros, marceneiros, químicos e papeleiros de Campinas, Santos, ABC, São José dos Campos, Amparo, além da capital. Também estavam presentes Arnaldo (assessor do Sindicato dos Metalúrgicos de Betim/MG) e Wallace (diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro).

O seminário estimulou a reflexão sobre a centralidade da classe operária como agente da transformação social, hoje questionada por diversos círculos que atuam fora e também dentro do movimento operário.

Ficou evidente a necessidade de avançar na análise dos fenômenos que ocorrem no mundo do trabalho e que incidem diretamente na consciência do operário.

O seminário é um marco importante do desenvolvimento do trabalho operário feito pelo Partido e terá continuidade em outras medidas: seminários todo semestre, reuniões por regiões e categorias, correspondência mensal com materiais de interesse através da mala-direta. Estuda-se a viabilidade de um caderno periódico sobre as lutas operárias e preparação de cursos para formação política e teórica dos militantes operários.

*Da Comissão Política do PCdoB/SP



Operários participam de seminário do PCdoB em São Paulo



O 9º Congresso do Partido Comunista do Brasil entra em nova fase. Em todos os Estados estão sendo realizadas as Conferências que elegerão os delegados para a plenária final, e a *Tribuna de Debates* vai chegando ao seu número final

PCdoB cresce e aprofunda debates no 9º Congresso

Carlos Pompe

São Paulo será o Estado com maior participação numérica na plenária final do Congresso do Partido. O Estado reuniu 4.100 militantes em 160 reuniões de base na capital e 180 no interior, envolvendo 114 cidades. "Em 94, reunimos 3 mil filiados. O aumento é resultado do grande esforço dos dirigentes para reunir os filiados por assembleias de base. Foram muitos quilômetros rodados, muitas conversas, muito convencimento político", relata Jairo José, secretário de organização do PCdoB-SP e membro do Comitê Central.

O dirigente destaca a atuação positiva dos sindicalistas, "que apesar das atividades de suas áreas, como campanhas salariais, atividades congressuais da CUT, tanto na capital quanto no interior, tiveram um desempenho expressivo, inclusive com o aumento da participação operária no Partido, apesar das baixas que tivemos em Pindamonhangaba e Ribeirão Preto".

Reanimação partidária

Jairo também ressalta "a presença de 110 pessoas na reunião de base em Paranapanema, na Zona Sul da capital, e a reanimação partidária em Osasco, Santo André e Americana, assim como a atuação em Diadema, que reuniu 40 pessoas e no último congresso do Partido não teve nada."

Conferências mobilizam cerca de 2 mil baianos

Mariana Carneiro

O PCdoB da Bahia deve realizar cerca de 110 conferências municipais, mobilizando entre 1.700 e 2 mil participantes em todo o Estado. Em Salvador, participaram da conferência 500 militantes, no último dia 9. Além de Salvador, as principais conferências realizadas foram nos municípios de Alagoinhas, Pojuca, Eunápolis, Guanambi, Jequié, Itamaraju, Serrinha, Angical, Camaçari, Correntina, Barreiras e Irecê, entre outras,

Em São Paulo, como vem acontecendo em todo o país, o Congresso do PCdoB está sendo um momento especial para a retomada das atividades partidárias em locais onde ela era inexistente, e a formação do Partido em locais como Rio Grande da Serra, Guaratinguetá, Ourinhos, Ferraz de Vasconcelos, Santa Bárbara, Peruibe, Cubatão, Praia Grande e Teodoro Sampaio.

Alterar métodos

Na avaliação de Jairo, o Congresso está sendo importante, no aspecto organizativo, também por alertar a direção sobre "a necessidade de alterar métodos e estilo de contatos com os filiados. Foi criticado o 'elitismo' na abordagem apenas dos filiados que vêm até à sede do Partido. Poucas vezes a direção vai até onde está o filiado. Também notamos a necessidade de uma utilização melhor dos mandatos parlamentares e da atividade da juventude, que ficou aquém de suas possibilidades."

O PCdoB de São Paulo também resolveu criar, novamente, a Comissão Municipal da capital, para otimizar as atividades dos comunistas na maior cidade do país. "Nosso grande objetivo é crescer e incorporar cada vez mais os filiados às atividades partidárias. Tornar o nosso Partido apto a enfrentar os grandes desafios que nos são colocados diante da atual situação política do país".



Jairo José, da direção do PCdoB, fala na Conferência Municipal de São Paulo

Fortalecimento e crescimento partidário no Amazonas

Sebastião Raposo

Nos próximos dias 29, 30 e 31 de agosto o Amazonas realiza a Conferência Regional que elegerá 68 delegados para o 9º Congresso do PCdoB. Segundo Delciney Oliveira, da comissão política do Partido, 1.695 militantes discutiram os documentos do congresso no Estado. No processo de mobilização, o vereador Raimundo Alho, do município de Novo Aripuanã, filiou-se ao Partido. No interior do Estado foram realizadas conferências em 25 municípios, reunindo 707 militantes. Em Manaus, a capital, 982 militantes foram mobilizados pelos diretórios distritais do Centro, zonas Oeste, Leste, Norte, Sul, trabalhadores do Distrito Industrial e Universidade do Amazonas, além das

bases de Juventude e Cultura. Para Delciney, "o resultado é positivo para o crescimento e fortalecimento do PCdoB no Amazonas, que amplia sua interferência na sociedade e se transforma na maior sustentação da oposição às ilegalidades, imoralidade e insegurança do cidadão, que vêm sendo adotadas como políticas pelo governo de Amazonino Mendes".

Ceará envolve 1.400 comunistas nas discussões

Abel Rodrigues Avelar

No Ceará o 9º Congresso está sendo um processo rico e muito proveitoso. Cerca de 50 Conferências Municipais, antecedidas de mais de uma centena de Assembleias de Base, envolveram nas discussões algo em torno de 1.400 camaradas. A fase inicial do Congresso mexeu com o coletivo partidário, estimulando a militância a

participar da elaboração da política do nosso Partido, analisando criticamente a nossa atividade e renovando as direções.

Dá para adiantar ainda que o PC do B no Ceará vai seguindo um rumo correto. A participação nas últimas eleições com candidatura própria para a Prefeitura de Fortaleza deu ao Partido ao alcançar um resultado espetacular, quando nosso candidato fica em 2º lugar e à

frente da candidatura do governo tucano no Estado, mas também ao mostrar a nossa capacidade de trabalhar harmoniosamente com os demais coligados. A atuação na vida institucional, aliada a um trabalho persistente no movimento popular, vai criando condições para novos saltos. Isto abre novas perspectivas de crescimento tanto na capital como, especialmente, no interior.

EDITORIAL

Impulsionando a polêmica

Com a presente edição, a *Tribuna de Debates* entra em sua última etapa. Até o dia 28 de agosto, a Comissão encarregada pelo Comitê Central estará recebendo artigos para o último número. Será o final de um processo aberto, coletivo e responsável de debates, que enriquece e aperfeiçoa o **Projeto de Resolução Política** apresentado pelo CC. Por se tratar da última edição, espera-se de todos que as contrições estejam dentro dos parâmetros do regulamento da *Tribuna*.

O presente número demonstra que o debate veio num crescendo, dando grandes contribuições ao processo em curso de realização de Conferências Estaduais. Sem dúvida, a *Tribuna* vem refletindo e ao mesmo tempo impulsionando a polêmica em torno de questões nodais contidas no **Projeto de Resolução**. Temos certeza de que isso amadurece ainda mais a assimilação coletiva de nossa política.

Quadros e militantes têm demonstrado com seus artigos o grande lastro de unidade política que vai se forjando em torno das tarefas essenciais do Partido na atualidade. É um capital precioso para os comunistas. Também o crivo coletivo demonstrou, até aqui, que há terreno para, partindo desse patamar, aprofundar o enfoque dos temas contidos no **Projeto**, notadamente quanto à caracterização da crise do capitalismo, dos problemas relacionados à ampla frente proposta de combate ao neoliberalismo e às questões de um partido forte, grande, de princípios e de feições modernas.

Em todo o país, cumpriu-se a fase municipal das Conferências, o que significa que temos já centenas de novos dirigentes eleitos. Sobre eles, e mais os delegados e delegadas às conferências estaduais, recai o principal esforço de manter o

debate partidário interno em torno do 9º Congresso. Toca a eles a elevada responsabilidade de conduzir o processo ao nível de aprofundamento que a realidade exige de nós.

Ao lado dessa tarefa, a hora é também de realizar o esforço de mobilização, organização e controle para as conferências estaduais e garantir os recursos econômicos para a inscrição dos delegados ao Congresso.

Mantêm-se abertas as vias para novas contribuições a esta *Tribuna*. Pode-se mesmo dizer que elas não são apenas um direito, mas um dever dos militantes. Ao mesmo tempo, impõe-se o esforço por captar o espírito das questões e transformá-las em emendas efetivas aos documentos. É isto que permitirá, efetivamente, dizer que as decisões do Congresso foram obra coletiva, vinda de baixo até em cima.

Fortalecer o partido operário

Vital Nolasco*

Diversas opiniões que circulam na sociedade têm levantado a questão da diminuição da classe operária, e que em função disto ela já não teria papel fundamental na produção e conseqüentemente na revolução e na construção do socialismo. É bom salientar que somente na Inglaterra e possivelmente na Alemanha, em determinado período histórico, a classe operária chegou a ser maioria na sociedade. Na Rússia, à época da Revolução, a classe operária era minoria considerável da população, e mesmo nos primórdios da construção do socialismo.

Em nosso país, a classe operária sempre foi minoria da população. Há poucas décadas, a população do campo era maior que da cidade. Quando o Partido foi fundado, em 22, a classe operária era incipiente, mas o Partido nasce como um de partido de classe, e sempre se caracterizou como tal.

No decorrer da história recente de nosso país, em vários momentos a classe operária jogou papel destacado na luta de nosso povo. Foi assim na década de 50, na década de 60, antes e depois do golpe militar. Foram inúmeras greves e manifestações operárias, que marcaram a heróica luta de resistência à ditadura militar. Estão ainda presentes em nossa memória as greves de Betim e Contagem em 68, a heróica greve de Osasco em 68, o Primeiro de Maio naquele ano na praça da Sé, as grandiosas greves de 79, a luta pela conquista da redução da jornada de trabalho e as greves gerais da década de 80, para não falar da recente greve dos petroleiros. Penso até que nós devemos analisar do ponto de vista autocrítico nossa inserção no mo-

vimento operário contemporâneo. Mas o que gostaria mesmo de destacar é que, mesmo sendo minoria na sociedade, a classe operária brasileira sempre teve um papel destacado na luta de nosso povo.

Então, deste ponto de vista, o argumento de ser minoria ou de estar diminuindo não se justifica. E do ponto de vista de centralidade do trabalho é falso o argumento de que sob o capitalismo poderíamos prescindir da classe operária, pois a produção poderia ser totalmente informatizada. Sob o aspecto da perspectiva histórica essa possibilidade poderá vir a existir, mas não está na ordem do dia e, sem dúvida, não ocorrerá nos marcos do capitalismo, que continua e continuará sendo o regime da exploração do trabalho e a contradição entre capital e trabalho continuará existindo e se aguçando.

No Brasil convivem formas ultra modernas de produção com formas atrasadas e mesmo artesanais, muitas vezes dentro de uma mesma empresa. Não podemos negar que a classe operária passa por mutações quer na sua composição, na sua forma de viver e se relacionar com outras classes, seu nível de escolaridade e outros fatores que precisam e devem ser compreendidos para que possamos mudar nossos métodos de abordá-la e formas de organizá-la etc.

O movimento operário passa por uma crise, na qual atuam alguns fatores. A crise do capitalismo, a ofensiva neoliberal, as novas tecnologias e novos métodos de gerenciamento e a derrota do socialismo. Esta situação objetiva não deixa de influenciar no subjetivo da classe, como nas suas lideranças. No Brasil principalmente, onde forças social-democratas e de direita hegemônicas o movimento operário e sindical. Há de se

ressaltar a disputa que faz a burguesia no aspecto ideológico. Hoje já não basta para a burguesia comprar a força de trabalho, mas também a inteligência dos operários, sua subjetividade, e colocá-la a serviço do capital. Então surgem as idéias da parceria da participação nos lucros etc. Se envolve até a família do operário, que passa a fazer parte da grande família empresarial onde, segundo o capital, os interesses familiares estão estritamente ligados aos interesses e ao sucesso da empresa. Vão se amortecendo os embates de classe. A negociação ou negociata passam a ser priorizadas à mobilização. A greve, que foi caracterizada por Lênin como a escola de luta dos operários, passa a ser secundarizada em função dos conchavos.

Nas fábricas já não se utiliza o chefe capataz, pois os próprios operários se policiam, o que conta é a produção. Passa a vigorar a idéia da competição, não se fala mais da solidariedade de classe.

Todos esses desafios são colocados para dificultar a elevação do nível de consciência dos operários. Mas ao invés de assumirmos o discurso da burguesia, aliás a burguesia faz esse discurso porque sabe que os operários são seus co-veiros, devemos empreender esforços para superar as dificuldades, que são muitas.

Temos que elevar o nível político dos operários, educá-los para a revolução. Se faz necessário que a classe operária assumira seu papel dirigente do processo de conquista e construção do socialismo. É necessário retomarmos a organização dentro das fábricas. Sem abrir mão das formas institucionais, como CIPA, comissões legais, e até criar outros instrumentos institucionais, como os delegados sindicais, é necessário criar formas

clandestinas ou semi clandestinas para organizar células do Partido, comissões de fabricas etc.

Sem deixar de atuar nos sindicatos existentes, os que nós dirigimos e mesmo os dirigidos pela direita, devemos travar uma luta para sua modificação. Se faz necessário que os sindicatos englobem o conjunto dos operários, inclusive os terceirizados, os desempregados e os que estão no chamado mercado informal.

Atenção especial deve ser dada à luta ideológica. Temos que restabelecer a solidariedade de classe. É preciso desenvolver campanhas de solidariedade a outras categorias em luta e a outros povos, como o povo cubano. Temos que incentivar a criação de mecanismos que prestem solidariedade ao desempregado, ao companheiro que enfrenta uma doença grave etc.

No campo da propaganda, penso que devemos estudar o relançamento de um jornal de massas que aborde as principais questões do mundo do trabalho. É urgente que o Partido promova cursos específicos para operários. Temos que promover seminários que abordem as questões do mundo do trabalho, a exemplo do que foi organizado em São Paulo. Fazer propaganda massiva juntos aos operários das idéias e da política do Partido, organizar mutirões constantes nas portas de fabricas, convidar amplamente os operários para se filiarem ao Partido. Usar recursos audiovisuais para difundir nossas idéias, enfim empreender todo um movimento de abordagem massiva dos operários.

São grandes desafios, mas nosso Partido saberá superá-los e com toda certeza construiremos um grande partido operário, pois existe espaço para isto.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Mauricio Grabois

*Do Comitê Central



Palavras o vento leva

Oswaldo Bertolino*

Em junho de 1995 a Comissão Sindical Nacional do Partido publicou um livreto com a finalidade, segundo a apresentação de João Batista Lemos, do Comitê Central, de provocar "o debate sobre questões fundamentais para que o PCdoB se coloque à altura de enfrentar" os desafios do neoliberalismo. Não deve existir na história recente do Partido nada melhor sobre os pressupostos pelos quais os sindicalistas comunistas - e o militante do Partido em geral - devem se orientar. Mas, para lembrar o escritor alemão Johann Wolfgang Goethe, "é possível reconhecer a utilidade de uma idéia sem, contudo, compreender como usá-la adequadamente".

Para qualquer sindicalista, distinguir qual a ação correta, na relação cotidiana, entre pendurar os padrões num poste e os querer como parceiros talvez seja uma das coisas mais complicadas da vida. Não são raros os casos em que a estrada de Damasco aparece na frente do dirigente de uma organização de massa para descortinar a possibilidade de troca, a exemplo do episódio bíblico da conversão de Paulo, das convicções classistas por outras de colaboração de classes. A fronteira entre "buscar novas formas de organização e de luta", segundo o texto da Comissão Sindical, e a acomodação burocrática, é muito frágil.

Para enfrentar a reestruturação do capitalismo monopolista, entretanto, a busca dessas "novas formas" é uma imposição natural. A exigência mínima da

vida do comunista nessa nova conformação, contudo, é a observação dos princípios classistas. O problema é que esses princípios não nascem do vazio. E o que surge, como conclusão, é um também novo desafio para o Partido. "Essa realidade de brutal ofensiva do capital em todos os campos ressalta ainda mais a necessidade da contribuição do nosso Partido à luta dos trabalhadores em defesa de seus interesses imediatos e históricos. O Partido é que tem condições de desempenhar esse papel, pois desenvolve a teoria revolucionária emancipadora da classe operária guiada por uma nova concepção de mundo", diz o texto.

Soa bem. Mas não nos basta. "Cabe ao Partido assumir essa nova tarefa. Para cumpri-la com êxito, impõe-se cuidar mais e melhor do Partido, prepará-lo para os grandes embates que se avizinham", diz o documento do 9º Congresso quando trata da tarefa do PCdoB diante da "ofensiva do neoliberalismo". Cuidar mais e melhor do Partido. Eis aqui uma questão sobre a qual repousa uma debilidade de um tamanho respeitável. A dimensão micro do problema é o comunista militante e quase sempre dirigente de uma organização popular com noções preliminares adquiridas pela prática cotidiana. As premissas para uma melhor capacitação individual de análise política, econômica e ideológica existem. A dimensão macro é o Partido como "pólo dinâmico da elaboração de políticas e de análises da correlação de forças na sociedade".

Sem a simbiose dessas duas dimen-

sões, que depende tanto de ações individuais quanto coletivas, as afirmações do Partido não passam de proclamações vazias. E o resultado é uma aplicação distorcida das diretrizes classistas que em alguns casos pouco se diferenciam das práticas orientadas por concepções reformistas e de colaboração de classes. O apego ao burocratismo e à formalidade é o caminho mais fácil para quem precisa dar respostas aos problemas do cotidiano. Dizer que as entidades dirigidas por comunistas não estão imunes à ofensiva política e ideológica neoliberal, além de ser uma obviedade, é uma forma de tergiversar e, por que não dizer, passar por cima da complexidade natural desses conturbados dias. Por seu imediatismo, as organizações populares reservam poucos espaços para "cuidar mais e melhor do Partido".

Esse é um problema que precisa ser visto de maneira muito particular. Existe um certo distanciamento entre o que se escreve e se diz e o que se pratica. A dimensão micro do problema, a vida das pessoas, precisa encontrar canais para se integrar à dimensão macro e criar os mecanismos que permitam atender a necessidade de "cuidar do Partido". Mais importante do que saber o que vem se fazendo a esse respeito até agora, entretanto, é saber o que não se vem fazendo. Existe uma certa confusão que predomina em algumas opiniões - particularmente na atuação sindical - entre o papel do Partido e o fato de ele não ter direitos administrativos sobre as organizações de massa. A distinção en-

tre uma e outra coisa é uma condição básica. Mas não é o caso de relegar os organismos do Partido a meros observadores formais sobre os problemas de princípios. Sem ações concretas que transformem as proclamações em realidade, a tendência é um distanciamento entre os princípios e a prática. Atividades de formação - e existe uma diversidade muito grande que se enquadra nessa formulação - não são certamente coisas desligadas das mobilizações e das condições objetivas. Mas também não são meras tarefas que podem ser diluídas na rotina e dadas como secundárias. A ênfase justificável nas atividades rotineiras não pode servir de escudo para práticas distantes da vida política do Partido.

O desafio é grande. Entendo que precisa receber mais atenção. Sem a vontade de pôr em prática certas condições que já estão descritas em documentos do Partido, o discurso vai se distanciando da vida. A dispersão é cada vez mais acentuada. Este problema não é uma catástrofe que nos ameaça, mas, como tendência, precisa ser combatido. As organizações de massa são bases sociais para a realização dos objetivos do Partido. É através delas que se pode pulsar as aspirações do povo, mobilizá-lo na luta e elevar o seu nível de consciência política. São condições mais do que suficientes para justificar uma atenção especial para a ligação da vida política com as ações cotidianas. E isso depende de iniciativas de cada um de nós, em todos os níveis das atividades do Partido.

* Do O. B. dos Metroviários - SP

Programa e tática

Luciano Siqueira*

Ao lado de uma compreensão mais avançada acerca do próprio Partido como organização de vanguarda face às exigências da luta revolucionária na atualidade, destaca-se como contribuição central deste 9º Congresso a formulação de uma tática política geral que, bem sucedida, conduzirá, na prática, a uma aproximação do movimento real com o nosso objetivo estratégico.

Com efeito, dentre as tantas questões integrantes do corpo geral do documento *Enfrentar a escalada neoliberal construindo ampla frente nacional, democrática e popular* - análise consistente da situação mundial e do país - a proposição de um projeto alternativo ao modelo neoliberal vigente, destinado a forjar ampla conjugação de forças apoiada em uma parceria entre a esquerda unificada e setores de centro, tem enorme significado político imediato e estratégico.

Numa visão apressada, alguns até poderiam anotar uma contradição entre o atual Programa do Partido, socialista, e o projeto alternativo ao modelo neoliberal ali sugerido.

O Programa Socialista é categórico ao afirmar que, *superadas* as classes dominantes e *obsoletas* as instituições que dirigem, na "encruzilhada histórica em que se encontra o Brasil, somente o socialismo científico, tendo por base a classe operária, os trabalhadores da cidade e do campo, os setores progressistas da sociedade, pode abrir um novo caminho de independência, liberdade, progresso..."¹ Vale dizer, só a partir de um *novo poder*, de natureza socialista,

será possível saída eficaz para o impasse atual da sociedade brasileira.

Já o documento *Enfrentar a escalada...*² assinala, em seu item 98 e seguintes, que "...o Brasil reúne condições estruturais - físicas, econômicas, recursos humanos e naturais - compatíveis com uma alternativa própria", a ser sustentada por uma "larga frente oposicionista nacional, com base no movimento de massas organizado", explorando, "na construção de uma política nacional, as contradições entre os Estados Unidos, a Alemanha-Europa e o Japão." E indica os pontos referenciais de um "programa não neoliberal", que abrangem desde um governo democrático empenhado na preservação da soberania nacional e no progresso social às relações de trabalho e a reforma agrária, passando pelo desenho de um novo modelo econômico, sustentado na poupança interna e na mobilização dos recursos materiais e das forças vivas da nação. Uma plataforma avançada, mas não socialista; de ruptura com o modelo neoliberal, mas não de superação do capitalismo.

Mas a contradição é apenas aparente. Na verdade, ao oferecer às forças populares e democráticas do país um projeto alternativo ao neoliberalismo *ainda nos marcos do capitalismo brasileiro*, longe de negarmos o *Programa Socialista*, trabalhamos a seu favor. Em outras palavras: *o projeto alternativo é o modo prático de abordar o Programa nas atuais condições da luta política no país*, ou seja, no horizonte político visível e presumível a curto prazo. Pois o próprio *Programa Socialista*, em seu capítulo VI (*O caminho para alcançar o socialismo*), indica que "importância

particular na mobilização das massas, buscando isolar ou neutralizar os inimigos, tem a fixação de objetivos concretos de nível mais elevado... relacionados com a questão do poder, visando tirar o Brasil do atraso e da pobreza, garantir a liberdade para o povo, afirmar a identidade nacional."³ Isto é, objetivos que, factíveis sob certas condições políticas, objetivamente sirvam de *aproximação* ao objetivo estratégico.

Este é, aliás, um elemento constitutivo do patrimônio teórico acumulado pelo PCdoB a partir de 1962. A 6ª Conferência Nacional⁴, em 1968, estabeleceu teórica e politicamente essa relação dialética entre objetivos programáticos e plataforma tática. O Partido não abre mão do seu *Programa Socialista*, mas apresenta proposições políticas de curto e médio prazo capazes de unir forças e galvanizar a adesão e entusiasmo das massas, tendo em vista objetivos imediatos no combate ao inimigo principal. Proposições obviamente influenciadas pelo nosso pensamento programático, porém suficientemente flexíveis e hábeis, atentas à correlação de forças existente, ao estágio atual da consciência e da organização das massas e às inclinações das correntes políticas e sociais suscetíveis de serem unidas ou neutralizadas. Tudo tendo como propósito básico acumular forças em função do objetivo estratégico.

Este fundamento tático é responsável pela trajetória exitosa do PCdoB nos últimos 35 anos, assegurando-lhe a condição de partícipe das forças políticas que efetivamente atuam na vida nacional - como registra o balanço contido no

documento *Enfrentar a escalada...*⁵.

Mas é preciso que não se entenda a questão de modo simplista, superficial, esquemático. A *aproximação* do "programa não neoliberal" com o *Programa Socialista* não se materializará apenas, nem principalmente, no conteúdo dos diversos tópicos que o compõem (embora aí se encontrem pontos de confluência com o conteúdo do *Programa Socialista*). A *aproximação* se dará primordialmente através das suas consequências políticas práticas. Na medida em que o "programa não neoliberal" efetivamente ponha em movimento forças políticas e sociais amplas, e desperte para a luta grandes contingentes das massas trabalhadoras e do povo, serão engendrados fatores subjetivos e objetivos necessários a uma gradativa alteração na correlação de forças políticas em âmbito nacional - hoje francamente favoráveis a FHC e às forças neoliberais. Ou seja: a *aproximação* se dará sobretudo através da mudança do curso do desenvolvimento econômico e da luta política no país.

Portanto, por mais relevantes e candentes que sejam os problemas teóricos e políticos em debate, o coletivo partidário não pode deixar de compreender que é na proposta tática que reside a essência da resolução política do 9º Congresso.

*Do Comitê Central e presidente do PCdoB-PE

1 - Cf. Programa Socialista para o Brasil, itens 26 e 28.
2 - Cf. *Enfrentar a escalada neoliberal construindo ampla frente oposicionista nacional, democrática e popular*, itens 82 a 99.

3 - Programa Socialista, item 96.
4 - *União dos Patriotas para a Luta e a Paz da Classe, da Ditadura e da Ameaça Neocolonialista*, dezembro de 1968.

5 - *União dos Patriotas para a Luta e a Paz da Classe, da Ditadura e da Ameaça Neocolonialista*, dezembro de 1968.





O capitalismo está em crise?

Altamiro Borges *

Entre outros méritos, o processo do 9º Congresso do Partido deflagrou um rico e até inesperado debate sobre a situação atual do capitalismo. Essa reflexão, que nada tem de diletante, é fundamental na definição da estratégia de superação deste sistema. Penso que ela deve ser estimulada, inclusive após o congresso, e que devem ser evitadas posturas dogmáticas e mesmo rotulações precipitadas - que só inibiriam esse esforço de análise multilateral da realidade.

Ciente das minhas limitações no estudo da economia, gostaria de expressar três posições iniciais sobre esse tema tão complexo. 1) o sistema capitalista vive a mais prolongada e profunda crise da sua história; 2) a queda tendencial da taxa de lucro é a causa fundante desta crise; 3) apesar do afirmado anteriormente, o capitalismo não cairá de podre - sua superação histórica depende da iniciativa revolucionária dos trabalhadores.

1) A retomada econômica dos EUA após a recessão de 90-91, o intenso processo da reestruturação produtiva e as medidas ortodoxas adotadas pelo neoliberalismo - para não falar dos efeitos da "globalização" - têm sido apontados como alguns dos fatores que indicariam um relançamento do sistema capitalista. Economistas burgueses mais otimistas, como Steven Weber, falam inclusive no fim das crises cíclicas e prevêem um futuro radiante para o capitalismo. "As ondas dos ciclos econômicos podem estar se transformando em suaves ondulações" ¹.

A realidade concreta, entretanto, não permite tamanho otimismo. O boom capitalista do pós-guerra, decorrente da adoção de medidas extra-econômicas (tipo keynesiana), deu lugar, na década de 70, à mais longa crise deste modo de produção. Na síntese de Claudio Katz, ela é "caracterizada por taxas muito baixas de crescimento, apavorante expansão do desemprego, bancarrotas fiscais generalizadas dos Estados e, sobretudo, descontrole da especulação financeira que, desde 1987, ameaça desencadear um crack geral" ².

No essencial, nenhum destes indicadores sofreu qualquer reversão - o que

pode apontar a tendência mais geral de que o capitalismo vive uma crise crônica, com traços diferentes das anteriores. Os movimentos cíclicos, que persistem, encaixariam-se nesta moldura estrutural. Vale mencionar que esta crise não atinge somente a periferia do sistema, mas seu coração. Todos os países do G-7, cada um com suas nuances, estão envolvidos nela. Além disso, ela não afeta apenas os pequenos negócios. GM, Toyota e IBM, para citar três das maiores corporações mundiais, passam por turbulências na disputa pelo restrito mercado de consumo.

Esta tendência é que justifica o descrédito diante da tese do "relançamento do capitalismo". Tendo a concordar com a idéia chave do húngaro István Mészáros. Para ele, "seria um grande erro interpretar a ausência de flutuações extremas ou de tempestades de súbita irrupção como a evidência de um desenvolvimento saudável e sustentado, mais do que como a representação de um 'continuum depressivo', que exhibe as características de uma crise cumulativa, endêmica, mais ou menos permanente e crônica, com a perspectiva última de uma 'crise estrutural' cada vez mais profunda" ³.

Além disso, o que é apresentado como sintoma de revigoração do sistema não se mostra tão sólido. A badalada recuperação dos EUA se dá nas bases frágeis de um país que passou de maior credor para maior devedor do mundo, que sofre com a permanente desvalorização do dólar e a acirrada concorrência do Japão e Alemanha. O "declínio do império", apesar das contradições inerentes, mostra-se como forte tendência na história. A intensa propaganda americana, como a que alardeia a queda dos índices de desemprego (esca-moteando o fato de que o EUA são recordistas na precarização do trabalho), não deve nebulizar o senso crítico.

Quanto à capacidade revitalizadora das novas tecnologias, é preciso evitar um certo "fetichismo tecnológico". Tais inovações não caem do céu, nem são neutras. Elas não representam a superação da crise, mas sim uma resposta do capital à queda tendencial das taxas de lucro. Por outro lado, elas agudizam ao extremo as contradições do sistema. A

encarniçada concorrência estimula os altos investimentos nas novas tecnologias; já o aumento da composição orgânica do capital, que ao eliminar o trabalho vivo reduz as taxas de lucro e estreita a massa de consumidores, tende a frear a própria difusão da automação.

Já no se refere aos resultados da implantação do neoliberalismo, a experiência internacional não é assim tão animadora para a burguesia. Se do ponto de vista ideológico tal projeto significou uma vitória momentânea do capital, já no terreno econômico os efeitos são desastrosos - desindustrialização, desemprego, baixos índices de crescimento e crise do Estado. Na prática, serve apenas aos interesses especulativos da oligarquia financeira. É a expressão da fase mais destrutiva e regressiva do capitalismo, que agrava as tensões sociais e só agora colhe os primeiros e significativos reveses eleitorais.

2- No curto espaço que resta, rápidos comentários sobre as outras duas posições para debate. Penso que a atual crise do capitalismo reforça uma antiga tese de Marx, até certo ponto esquecida, sobre a queda tendencial da taxa de lucro - por ele mesmo considerada "a lei mais importante da economia moderna". Ela evidenciaria os limites estruturais deste modo de produção. Como afirma Osvaldo Coggiola, "a progressiva eliminação do trabalho vivo do processo de produção tende a eliminar o motor e o fundamento do capitalismo, que é a apropriação do sobre-trabalho vivo - pois o trabalho objetivado, morto, não produz sobre-trabalho, ou seja, mais-valia" ⁴.

Seguindo essa linha de raciocínio, a queda tendencial da taxa de lucro seria a causa fundante - nem sempre visível - da prolongada e crônica crise atual. Apesar das dificuldades de mensurar esse fator, existem alguns estudos que demonstram seu peso. Segundo relatório da OCDE, entre 73/82, a taxa de lucro líquido caiu de 18,8% para 4,2% nos EUA; de 35% para 14,3% no Japão; de 14,1% para 8,1% na Alemanha; e de 6,6% para - 0,6% na Inglaterra. Esses entraves no processo de valorização do capital é que explicariam as agressivas medidas neoliberais, a reestruturação produtiva, o deslocamento dos investimentos produtivos para a especulação

financeira - a tal "financeirização da economia".

O próprio François Chesnais, que realizou um alentado estudo sobre os efeitos destrutivos do aumento das operações financeiras no mundo, parece concordar com essa idéia. "A autonomia do setor financeiro nunca pode ser senão uma autonomia 'relativa'. Os capitais que se valorizam na esfera financeira nasceram - e continuam nascendo - no setor produtivo ... A esfera financeira alimenta-se da riqueza criada pelo investimento e pela mobilização de uma força de trabalho de múltiplos níveis de qualificação. Ela mesma não cria nada. Representa a arena onde se joga o jogo da soma zero" ⁵. Tal trecho serve de alerta diante da tese da "financeirização", que, se levada ao extremo, colocaria em xeque a centralidade do trabalho e o próprio papel estratégico da classe operária.

3) De tudo o que foi dito, que não se conclua que o sistema capitalista chegou à sua fase terminal e que o socialismo é seu sucedâneo "natural". Qualquer visão catastrofista ou fatalista só redundaria numa estratégia equivocada num momento que é de resistência e de acumulação de forças dos trabalhadores. Como afirma o programa socialista do partido, a superação histórica deste modo de produção será "consequência inevitável da luta de classes". Depende, em última instância, da iniciativa revolucionária dos trabalhadores.

Em tese, o capitalismo ainda tem duas "alternativas". Em outros momentos de grave crise, ele já demonstrou ter margem de manobra para adotar medidas extra-econômicas que lhe deram novo fôlego. Afora essa possibilidade, há a alternativa, inicialmente apontada por Engels, de um processo de degradação continua da humanidade - que ficou mais conhecida na frase de Rosa de Luxemburgo: "socialismo ou barbárie" capitalista.

*Do Comitê Estadual do PCdoB-SP

1- Weber, Steven. Em *Foreign affairs*, publicação da *Gazeta Mercantil*, número 10, julho/97.

2- Katz, Claudio e Coggiola, Osvaldo. *Neoliberalismo ou crise do capital?* Editora Xamã, 1995, São Paulo.

3- Mészáros, István. *Produção destrutiva e estado capitalista*. Editora Ensaio, 1989, São Paulo.

4- Coggiola, Osvaldo. Obra citada.

5- Chesnais, François. *A mundialização do capital*. Editora Xamã, 1996, São Paulo.

Unidos sem fronteiras

Paulo R. M. Peres *

As ações cada vez mais ampliadas do imperialismo, em todos os setores da economia mundial, fazem com que as fronteiras políticas dos países desapareçam, criando, com isso, uma luta por mercados, por parte das potências econômicas, que não diz respeito às querelas nacionais dos países visados.

A síntese dessa política imperialista é a proposta advinda dos Estados Unidos para os países da América Latina, onde não mais se faz necessário forças armadas para defender fronteiras, mas sim somente para o controle interno.

Isto significa robustecer o aparato repressivo de governo, garantindo toda a sorte de ações antipopulares. Em contrapartida, em não havendo defesas, a soberania dos países latino-americanos,

com exceção de Cuba, estará mais desgastada do que agora, possibilitando um poder de barganha maior por parte dos EUA que, em tal condição, tornam-se, enquanto potência militar, mais facilmente a polícia do mundo, pois as ações belicosas que fazem, com exceção da Segunda Guerra Mundial, são contra países que não lhes deveriam dizer respeito, haja vista a Coreia, o Vietnã, a Granada, a Guatemala, a Líbia e o Golfo Pérsico.

Some-se a isto as ameaças constantes contra Cuba e os freqüentes deslocamentos de suas forças-tarefas nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico, possuindo ainda grande número de bases militares, milhares de soldados espalhados por vários países e ogivas nucleares apontando para outros tantos. Em verdade, o general prussiano Carl von Cla-

wsewitz preconiza em seu livro *Da Guerra*: "A guerra é a política feita pelas armas."

Todo este projetado e demarcado cenário torna-se, em potencial, um verdadeiro teatro de operações militares, tendo enquanto objetivo garantir pelas armas a condição de exploração e rapina dos EUA, numa economia cada vez mais conturbada pelas ameaças de crescimento do Japão e da União Européia, fazendo com que se acirre ainda mais o controle exercido.

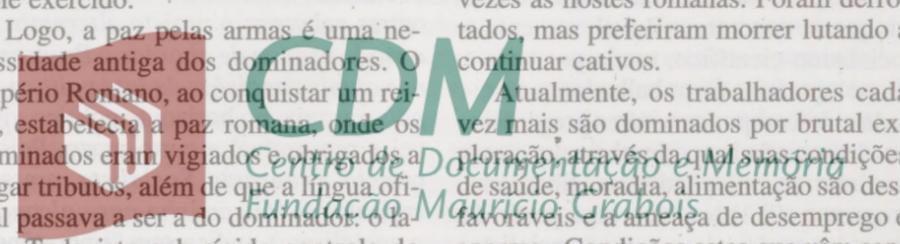
Logo, a paz pelas armas é uma necessidade antiga dos dominadores. O Império Romano, ao conquistar um reino, estabelecia a paz romana onde os dominados eram vigiados e obrigados a pagar tributos, além de que a língua oficial passava a ser a do dominador. O latim. Tudo isto sob rígido controle do

exército romano. Também não era permitido que os países dominados tivessem exército.

Coincidência? Não. Em verdade é a busca efetiva por uma eficaz política de ganhos ou lucros, antes pela Roma Imperial, hoje pelo imperialismo mundial.

Contra isto, na Roma antiga, em 79 a.C., os escravos de Capua, liderados por Spartacus, uniram-se aos escravos de outras cidades e sublevaram o sul da Península Itálica, derrotando por várias vezes as hostes romanas. Foram derrotados, mas preferiram morrer lutando a continuar cativos.

Atualmente, os trabalhadores cada vez mais são dominados por brutal exploração, através da qual suas condições de saúde, moradia, alimentação são desfavoráveis e a ameaça de desemprego é enorme. Condições estas que vêm sen-





do observadas em quase todos os países.

O processo deflagrador destas mazelas é o sistema capitalista. Então, se o capitalismo gera no mundo estas problemáticas, creio ser o momento de reunirmos esforços e estreitarmos laços de solidariedade e de intercâmbio, com centrais sindicais e partidos políticos marxistas e de cunho socialista e progressista, em nível mundial, procurando alavancar uma luta ampla contra o imperialismo, com ações combinadas em prol da derrota capitalista, quer no campo eleitoral, quer no da revolução.

Para isto, o PCdoB, como um referencial do comunismo internacional, deve inaugurar este processo, procurando estabelecer debates e reuniões com centrais sindicais e partidos de outros países, com objetivo, a médio prazo, de ações concretas das partes, nos respectivos países.

Os estudantes mexicanos, por exemplo, que reivindicam maiores verbas para a educação, têm potencialmente como aliados, neste aspecto, os estudantes da Guatemala, do Paraguai, do Quênia etc., que também exigem um maior nível educacional.

Os funcionários da Ford, da Volkswagen ou da GM, quer no Brasil, no México ou na Alemanha, trazem uma pauta de reivindicações que, mesmo diferenciada em alguns pontos, diz respeito a melhorar suas condições de vida e de trabalho.

Em ambos os casos, governos e indústrias trazem consigo, inerente aos seus poderes, o ideário liberal consubstanciado no capitalismo. E não é contra o capitalismo que combatemos?

O intercâmbio pode ser o deflagrador de um processo amplo e dinâmico, que irá se materializar na tão decantada

fraternidade entre os povos, em prol de uma sociedade justa.

Objetivos amplos e nobres merecem ações desta natureza. O domínio romano foi amplo, mas também amplas foram as frentes de luta contra aquela dominação.

Atualmente, os tentáculos do imperialismo se estendem por quase todo o mundo. Quanto maiores forem as frentes de luta mais avançaremos rumo à revolução socialista.

* Presidente do PCdoB em Sant'Ana do Livramento-RS

Sobre a situação internacional

Renildo Souza*

A dominação exercida pelos grandes conglomerados capitalistas agrava-se por toda parte. Aprofunda-se a contradição fundamental do capitalismo entre a produção social e apropriação privada. Mantêm-se os velhos antagonismos. A teoria leninista do imperialismo não é substituída pela chamada teoria da globalização. As novas formas e a exacerbada do domínio do capital financeiro, da exportação de capitais, da concentração e centralização do capital (inclusive mega-fusões de empresas) e da redivisão de esferas de influência (inclusive blocos econômicos) reclamam, contudo, atualização e desenvolvimento teórico.

Não é correta a afirmação de Octavio Ianni de "que o globalismo pode conter vários imperialismos assim como diferentes regionalismos, muitos nacionalismos e uma infinidade de localismos".¹ Comete-se dois erros: primeiro, como Kautsky, restringe-se o imperialismo à relação entre metrópole e países atrasados e, em seguida, suprime-se essa própria relação entre potências imperialistas e nações dependentes, alegando-se o esvaziamento dos Estados nacionais e a desterritorialização das empresas e capitais. Entretanto, a demanda e os mercados internos são responsáveis por 90% dos empregos na maioria dos países; 95% da formação do capital são satisfeitos pela poupança interna. O G-7, os principais bancos e as empresas monopolistas concentram decisões e poder político e econômico no mundo. Ao suposto esmaecimento do Estado nacional dos países dependentes não corresponde o enfraquecimento dos Estados dos países centrais.

Os três grandes períodos da história do capitalismo são: 1) do séc. XVI ao séc. XVIII com o capital comercial e fluxos internacionais de riqueza; 2) no séc. XIX com o capital industrial e a configuração do mercado capitalista mundial; e 3) do final do séc. XIX aos nossos dias, domínio do capital financeiro e dos monopólios. Depois da Segunda Guerra, retomou-se e acelerou-se a internacionalização do capital, sob a hegemonia americana. Após duas décadas de forte crescimento econômico, irrompeu a crise dos anos 70, na forma de estagnação, nos países centrais. O capitalismo já não comportava o keynesianismo (colapso dessa terapia anti-cíclica), nos países adiantados. Os problemas na base econômica motivaram a resposta na forma do neoliberalismo.

Os eurodólares, os petrodólares, a dívida externa, o endividamento público, os fundos de pensão e de investimentos, os derivativos, ao lado da desregulação financeira, flutuação das ta-

xas de câmbio e livre mobilidade dos fluxos de capitais, compõem uma trajetória de hipertrofia e integração (desigual) dos mercados financeiros nos últimos 25 anos. Chesnais fala que a riqueza é gerada na produção, mas o comando é da esfera financeira. Lênin já falava que: "O 'soberano' atual é já o capital financeiro, particularmente móvel e flexível, cujos fios se entrelaçam no plano nacional e internacional, e que é anônimo e sem relação direta com a produção, que se concentra com extraordinária facilidade e que já é extremamente concentrado, uma vez que algumas centenas de milionários detêm em suas mãos a sorte de todo o mundo".² No momento recessivo, há um tipo de financeirização parasitando sobretudo as dívidas públicas, enquanto no momento de crescimento, esse parasitismo recai diretamente sobre a produção, na especulação no mercado acionário.

O capital financeiro, os monopólios e a participação econômica direta do Estado foram mudanças estruturais no capitalismo. A instabilidade financeira global presentemente também possui caráter estrutural. Esse tipo de instabilidade estrutural tem limitado o crescimento econômico a um nível medíocre e engendra potencial risco sistêmico, mas, contraditoriamente, também tem sido um recurso, válvula de escape, para a atual economia.

A evolução financeira, as medidas neoconservadoras que converteram os monopólios em mega-corporações, a redução dos impostos para as grandes empresas, a absorção de importantes fluxos de poupança externa, os ataques aos salários e direitos dos trabalhadores contribuíram para a atual fase cíclica de crescimento dos Estados Unidos. Nesse quadro, não falta quem se entusiasme, falando em fim dos ciclos econômicos e "nova economia". Também, recentemente, os EUA tiveram um momento de crescimento a partir do final de 1982, mas em 1987 houve o *crash* da Bolsa de N. Iorque e a produção entrou em recessão em 1990-1991. A "euforia irracional" não representa crescimento intemporal, em equilíbrio. A economia americana do período dos grandes excedentes comerciais e taxa de câmbio estável, até o início dos anos 70, motor da economia internacional, não voltará.

As atuais importantes recuperações financeira, tecnológica e produtiva dos EUA e sua predominância diplomática e militar não revertem o processo de enfraquecimento relativo de sua hegemonia. A Inglaterra perdeu sua hegemonia no prazo da depressão de 1873, outra depressão (1929, maior escala internacional) e duas guerras mundiais. A explicitação e formalização da hegemonia

americana só ocorre no final da Segunda Guerra.

O documento do CC para o 9º Congresso não afirma que o capitalismo está estagnado, não faz previsões catastrofistas de colapso e auto-derrocada do capitalismo. Desde os anos 70, cai o ritmo de crescimento e agrava-se o desemprego estrutural e isto é importante sim. A OCDE, em sucessivos anos, vê desmentidas suas previsões otimistas. O Japão continua com dificuldades recessivas. Depois da crise cambial e financeira do México, agora foi a vez da Tailândia, Malásia, Indonésia, Filipinas e Singapura. Os Estados debatem-se com grandes dívidas públicas. Seria arbitrário o prognóstico relativo ao automatismo do advento da fase A, ascendente, do ciclo de Konradieff. Tal voluntarista previsão seria embalada pelo desempenho momentâneo dos EUA, novas tecnologias, reestruturação produtiva, incorporação do mercado do Leste Europeu etc.

As contemporâneas mudanças tecnológicas (microeletrônica, comunicações etc.) não podem ser subestimadas, mas sua contrapartida tem sido a elevação da composição orgânica do capital, que em condições históricas determinadas, em um período de longo prazo, faz declinar a taxa de lucro. A atuação da lei da tendência decrescente da taxa de lucro ocorre efetivamente, embora não haja atuação linear e contínua, nem marcha para

colapso porque há o movimento da taxa de mais-valia e o aumento da produtividade resultando em redução dos custos unitários de produção.

A reestruturação produtiva implica em novas formas de organização da produção de mercadorias, mas significa também "dança de cadeiras", desvalorização de capitais fracos e forçosamente obsoletos. A mediação da concorrência não é suficiente para ajustar e equalizar as diferenças entre os valores dos meios de produção anteriores (referentes à composição orgânica do capital) e os valores dos meios de produção correntes (referentes à composição de valor de capital) e, assim, ocorrem crises e desvalorizações abruptas e brutais. A desregulação e liberalização comercial e financeira, em escala internacional cada vez mais ampla, reforça a anarquia do sistema. A recomposição do capitalismo objetiva a elevação da taxa média de lucro. Essa elevação depende cada vez mais decisivamente da expansão do capital no mercado internacional. Um arranjo mundial multipolar, baseado na tríade EUA, Japão e Alemanha (União Européia), fomenta as tensões e instabilidade do sistema capitalista.

*Renildo Souza, do Comitê Central e presidente do PCdoB-BA.

1 - IANNI, Octavio. *Globalização e Imperialismo*. In: *Crítica Marxista*, vol. 1, n. 3, 1996.

2 - LÊNIN, Vladimir I. Prefácio. In: Bukharin, N. *O Imperialismo e a Economia Mundial*.

Promoção Especial

A Classe Operária



Faça ou renove a sua assinatura anual de 30 publicações do jornal **A Classe Operária** e ganhe uma agenda 1997, em homenagem a Che Guevara, por apenas R\$ 35,00.

Ligue (011) 604 4140 / (011) 606 0412

Formas de pagamento:

- Cheque nominal à Editora Jornalística **A Classe Operária**
- Vale Postal

- Cartão Credicard/Diners nº _____ Validade: _____

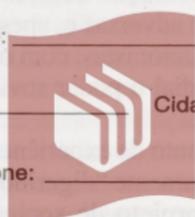
Nome: _____ Profissão: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Telefone: _____



CDM

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois



A queda da muralha e a tática não neoliberal

Parte 2

Jorge Barreto*

Mesmo tendo clara a estratégia socialista como a decisão do proletariado de, ao conquistar o poder político, realizar a transição para o socialismo (e não o reconhecimento da nova ordem econômica como socialista), é preciso tomar em consideração a correlação de forças atual, a nível mundial e nacional, para definir bem a tática e (re)afirmar o programa da transição ao socialismo.

Partindo de afirmativas como: o desenvolvimento da revolução nos diversos países se realizará sob formas e ritmos diferentes; a inevitabilidade da revolução internacional não significa a inevitabilidade da revolução num período pré-determinado e curto; que anterior a um período de revolução internacional, seja possível ocorrer uma série de derrotas de diferentes revoluções, podemos localizar melhor o momento histórico por qual passamos.

Superando a crise do entre-guerras, objetivamente, após a destruição violenta de gigantesca massa de forças produtivas, a aliança pacífica imperialista ressurgiu, após a Segunda Guerra Mundial, apoiando-se (temporariamente) na "cooperação" mútua e na retomada com

maior intensidade da exploração dos países capitalistas dependentes, tendo como definição estratégica derrotar o socialismo no mundo, em particular na URSS.

Mas Marx já assinalava que, ao vencer as crises do capitalismo, a burguesia preparava então **crises mais generalizadas e mais graves**, diminuindo os meios de evitá-las. Após a chamada época de ouro, uma crise econômica crônica e prolongada do capitalismo foi gestada, não sendo revertida com a aplicação do neoliberalismo.

A demora na solução desta crise não minimiza os efeitos causados pela desigualdade de crescimento entre as potências imperialistas, e também não retarda, a contento da "paz" mundial, a decomposição do país mais rico em capital (EUA), acelerando com isto o processo de **lutas não pacíficas** por uma nova partilha do mundo. Vale ressaltar que o capitalismo agonizante ou capitalismo de transição, assim classificado pela essência econômica do imperialismo, mesmo levando em conta que sua decomposição possa durar ainda um período "relativamente" longo, encontra hoje "razoável" di-

ficuldade em retomar seus índices da década de 1950/1960.

É preciso pensar nesta correlação de forças, tomá-la em consideração ao orientar nossa atuação política.

É preciso **alterar a atual correlação de forças**. Não contamos mais com a força política da URSS que possuía poderosa máquina para galvanizar parte da humanidade para um novo modo de produção. A contraposição ao capitalismo-imperialismo das grandes potências, EUA à frente, ruiu, abrindo largo espaço ideológico e político para o esmagamento dos povos que lutavam (e lutam) pôr uma verdadeira independência nacional.

Coloca-se assim, na ordem do dia, a luta para mais e mais se agudizar e aprofundar as contradições atuais geradas pelo imperialismo.

A correlação de forças que ainda se apresenta permite fôlego suficiente para retalhar o Brasil (e outros países) entre os gigantes conglomerados financeiros mundiais. É preciso alterar essa correlação de forças, tendo na derrota do neoliberalismo, no Brasil e no mundo, um ponto chave para abrir novas perspectivas às forças revolucionárias.

Mas para barrar o neoliberalismo no

Brasil, "a tempo" da não destruição de nosso país, uma aliança de todos os setores não neoliberais precisará se impor. Neste momento, uma aliança **centrada** nas formas de luta legais como a organização de grandes manifestações populares, greves nacionais políticas, melhor preparação para as disputas eleitorais e conquista de esferas estatais de poder. Uma aliança atenta, em particular, para o grande embate das eleições de 1998.

Levando em conta a situação ainda adversa da correlação de forças no Brasil, o Congresso do Partido precisará adotar, de maneira precisa, resoluções táticas frente às novas tarefas e a atual situação política de hegemonia do neoliberalismo no país. Uma tática **não neoliberal** (em oposição ao neoliberalismo) que nos aproxime de nosso objetivo estratégico.

A máxima de que o âmago da tática marxista é a correlação de forças, está mais do que nunca presente.

*Do Comitê Estadual - PCdoB-RJ

ERRATA: Na Parte 1 deste artigo (TD nº3), no 9º parágrafo, onde se lê: "Nesta medida a evolução democrático-burguesa na Rússia está terminada", leia-se: "Nesta medida a revolução democrático-burguesa na Rússia está terminada".

O partido de vanguarda e a questão do campo

Paulo Vinícius*

"A ditadura do proletariado não significa o fim da luta de classes, mas a sua continuação sob uma nova forma e com novas armas. Enquanto subsistirem as classes, enquanto a burguesia derrubada num país decuplicar os seus ataques contra o socialismo à escala internacional, essa ditadura é necessária. A classe dos pequenos agricultores não pode deixar de passar por uma série de vacilações na época de transição. As dificuldades da situação de transição e a influência da burguesia provocam inevitavelmente, de tempos a tempos, vacilações no estado de espírito dessa massa. O proletariado, enfraquecido e até em certo ponto desclassificado pela destruição de sua base vital - a grande indústria mecanizada -, tem de assumir uma tarefa histórica muito difícil e importantíssima: manter-se firme apesar dessas vacilações e levar a cabo a sua obra de emancipação do trabalho do jugo do capital."

Lênin

Na defesa de Lênin sobre a NEP, brilhantemente se expõe necessidade de uma visão dialética da realidade na formulação dos caminhos a serem trilhados após a tomada do poder na construção de algo inaudito: a sociedade socialista. Quebram-se aí milhares de anos onde a exploração era regra, para cons-

truir algo grandioso e sem modelos (no máximo a Comuna de Paris). A partir daquele ano os explorados tiveram a noção do seu poder e o quanto poderiam construir sem as garras da opressão.

E a história dessa está indissoluvelmente ligada à construção da concepção do partido de vanguarda, Estado-maior da classe operária capaz não só de dirigir o Estado, mas de reformulá-lo a serviço do proletariado.

A URSS que nascia não era só uma nação atrasada: era uma nação arruinada pela I Guerra e pela Guerra Civil. Os danos contra a indústria e a lavoura tornavam a sobrevivência da Revolução algo aparentemente impossível. A esperada revolução mundial não ocorreria, só com as próprias forças podia contar aquele povo para a construção do socialismo num país que tinha a economia desde a economia patriarcal até o capitalismo de Estado, com o proletariado em minoria imerso numa gigantesca massa de camponeses. Marx não previra (e nem podia, não era mãe Dinah) que a primeira revolução ocorresse nessas condições tão adversas e, apesar das lamúrias liquidacionistas, com ou sem revolução mundial o poder soviético não podia morrer.

Esse conjunto de experiências precisavam ser criticamente "digeridos" na elaboração do projeto de sociedade que construímos para o Brasil. O capitalis-

mo assim fez na sua ânsia por aumentar a exploração e prolongar sua existência, basta lembrar do New Deal de Roosevelt na busca da superação do crack da Bolsa de New York em 29 ou fazer uma comparação (sem maiores pretensões) entre o espírito dos Sábados Comunistas e a Qualidade Total.

Ao papel de vanguarda é imprescindível a análise sistemática da realidade, dentro do materialismo histórico e dialético. A paralisia é a morte, dentro dos desafios da luta de classe é que se prova a validade da conceituação da vanguarda. O dogmatismo não é só incorreto, é incompatível com o papel que temos a desempenhar, é irmão do carreirismo e inimigo da genialidade necessária na superação das dificuldades da construção socialista, material e ideológica. Sobre tudo é necessária a sistematização das experiências nacionais, assim como o conhecimento da realidade local, na busca desses caminhos. Nesse sentido, temos o exemplo de Lênin do ponto de vista da confiança que tinha no coletivo partidário, na sistematização das experiências da gestão do Estado e no combate acirrado contra os oportunistas e concepções pequenas burguesas através dessa sistematização e da utilização do marxismo.

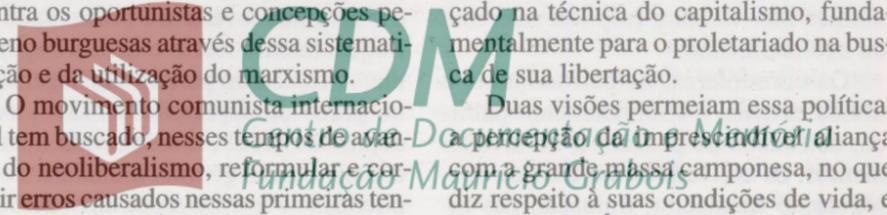
O movimento comunista internacional tem buscado, nesses tempos de avanço do neoliberalismo, reformular e corrigir erros causados nessas primeiras ten-

tativas de construção do socialismo. Entre esses, o dogmatismo, despreparo para a luta de classes na nova sociedade e o desarmamento ideológico da vanguarda e a subestimação do papel da direção coletiva são claramente perceptíveis. Nesse reformular, sob a pressão da globalização e dos problemas econômicos, praticamente todos os países socialistas que resistem têm realizado aberturas no que diz respeito à participação do capital privado internacional na sua vida econômica.

Para isso, creio ser inevitável um estudo do período da NEP (Nova Política Econômica), onde o poder soviético permitiu uma participação efetiva e dirigida do capital privado para viabilizar um nivelamento das forças produtivas e dar fôlego aos camponeses exauridos pelo Comunismo de Guerra.

Naquele período, sem concessões que pusessem em xeque o poder soviético, pagou-se um "tributo" ao capitalismo para aprender. Combatendo a pequena propriedade, irmã carnal da sabotagem, desenvolvendo as forças produtivas e absorvendo o que havia de mais avançado na técnica do capitalismo, fundamentalmente para o proletariado na busca de sua libertação.

Duas visões permeiam essa política: a percepção da importância da aliança com a grande massa camponesa, no que diz respeito à suas condições de vida, e





a constante preocupação com o aprendizado na gestão do Estado, reconstruindo o país arruinado e superando o atraso secular da Rússia czarista.

No Brasil, percebemos que a Reforma Agrária será tarefa do socialismo, pela impossibilidade do capitalismo dependente de efetivá-la. Será também imprescindível como elemento da aliança do proletariado com os camponeses, mesmo compreendendo a visão capitalista da pequena propriedade camponesa e seu difícil controle. Entretanto, o que norteia a manutenção de propriedades capitalistas de médio porte?

É claro o fato de não ser adequada a total expropriação e a estatização até da barraquinha do pipoqueiro, mas a redação do *Programa*, quando diz em seu ponto nº 54: "(...) fixação de teto máximo para as propriedades rurais, segundo regiões do país." Isso permitirá a exploração da propriedade do solo por capitalistas de médio e grande porte, nos faz ter alguns questionamentos:

O que significa, do ponto de vista da produção agrícola, o conjunto dessas propriedades?

Quais os desdobramentos políticos dessas medidas?

Com uma parcela considerável da produção agrícola sob a responsabilidade dos capitalistas não estamos dando a estes papéis importante na vida econômica do país e capacidade para sabotar o regime socialista?

Papel efetivo na economia significa poder político. As concessões feitas por Cuba, China e etc. têm um preço. Tais concessões são feitas de bom grado devido à maré da reação que assalta o globo? Por acreditar que a resposta correta é a segunda, entendo que são medidas extremas para garantir a sobrevivência de tais experiências. Numa nova maré revolucionária, tais concessões seriam justificáveis?

Num processo de retomada da onda revolucionária que nos permita chegar ao poder, mesmo sem partido único, se configura uma nova correlação de forças a nível mundial. Dentro desse quadro, a construção econômica se dá de acordo com os objetivos do Estado Socialista - quanto das tarefas econômicas de desenvolvimento nacional ou de re-

sistência ante as represálias da burguesia aliada do poder.

O que não está claro é se nessa correlação de forças seriam justificáveis tais concessões, assim como o que queremos do ponto de vista da economia socialista. A concentração de grandes empresas no capitalismo é utilizada como arma para a exploração do povo. No socialismo, sob a direção da classe operária, essa concentração não significa menor possibilidade de sabotagem e maior produtividade para o bem estar do povo?

A estabilidade do novo poder que surgirá num processo revolucionário depende também da quantidade de pão que o povo terá a sua mesa, do progresso na educação, saúde, na melhoria das suas condições de vida. Concessões às pequenas propriedades são justificáveis principalmente pela aliança operário-camponesa. O limite de negociação se dá com esse aliado de classe tendo a seu lado a preocupação de como fortalecer a economia socialista e evitar o desperdício e a preocupação com o melhor aproveitamento da técnica em todos os ramos de atividade em benefício do povo

e enfraquecendo o sentimento pequeno burguês na construção do homem e da mulher da sociedade socialista.

Habilidade é uma palavra muito leve para definir as exigências da vanguarda do proletariado. O que se percebe claramente é que a preparação da vanguarda para esta tarefa se dá no dia a dia. Não podemos esperar a Rede Globo ser expropriada para buscar mecanismos de propaganda que aproximem o Partido das massas e combatam os valores do capitalismo, forçando os lutadores de que a revolução necessita. Não podemos esperar a chegada ao poder para conhecer a fundo a realidade das nossas regiões e o que impede o seu desenvolvimento. Não podemos esperar a revolução para construir através das frentes de massa alternativas que questionem a estrutura pseudo-democrática do capitalismo e que sobretudo façam os trabalhadores se sentirem como o centro da política, por terem descoberto o seu papel de classe.

* Da direção da UJS, O. B. da Barra do Ceará

Socialismo ou barbárie

Percival dos Santos Alves*

"A crítica arrancou as flores imaginárias que enfeitavam as cadeias, não para que o homem use as cadeias sem qualquer fantasia ou consolação, mas para que se liberte das cadeias e apanhe a flor viva."

Karl Marx

No limiar do Século XXI, descortina-se para os trabalhadores e os povos um horizonte sombrio. Mas este horizonte trás consigo a centelha da rebeldia e da revolta dos oprimidos, de milhões e milhões de proletários marginalizados e excluídos pelo capitalismo, que os aliena e os embrutece.

Com o desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, o capitalismo atinge, no final do Século XIX, a sua fase superior - o capitalismo financeiro ou imperialismo. Mas, longe de diminuir, a exploração e a opressão sobre os trabalhadores e os povos têm se intensificado. Esta corresponde a uma lei do próprio sistema capitalista.

A guerra imperialista de 1914 - 18 fez arrebentar a corrente do sistema no seu "elo mais fraco": a Rússia. Estouraram revoluções na Alemanha e Itália - ambas derrotadas. O proletariado é reprimido a ferro e fogo. Somente na Rússia, onde as condições objetivas e subjetivas estavam amadurecidas, o proletariado galga o poder e implanta, pela primeira vez na história, o socialismo. Depois de enfrentar a invasão estrangeira e a guerra civil, a Rússia avança na construção do socialismo. Dezoito anos depois, torna-se a segunda potência do mundo. Mas a besta-fera - o nazismo -, produto da ideologia burguesa, se arremete contra a pátria do socialismo, causando graves prejuízos: mais de vinte milhões de mortos, milhares de fábricas e cidades destruídas, os campos arrasados. Contudo, o nazismo é derrotado e o proletariado soviético, conduzido pelo seu partido - o Partido Comunista - expulsa os invasores e lança-se à reconstrução de sua economia. O socialismo avança em outros países. Porém, as vicissitudes da luta, os erros cometidos e a falta de vigilância revolucionária le-

vam a muitos revezes. A partir de 1956, aproveitadores de toda espécie, agentes da quinta-coluna, tomam o poder e minam o sistema socialista, implantam a confusão no seio do povo e, paulatinamente, o socialismo é destruído.

A partir da Segunda Guerra Mundial, os países capitalistas desenvolvidos - os Estados Unidos à frente - acuados pelas conquistas socialistas no Leste Europeu e na China, cedem às pressões do proletariado, que alcança conquistas significativas. Grandes setores da classe trabalhadora atingem o chamado "estado de bem-estar social" e se iludem sobre as "vantagens" do capitalismo.

Nos meados da década de 70, aprofunda-se a crise do sistema e o capitalismo tenta se reestruturar para poder sobreviver. O imperialismo é derrotado no sudeste da Ásia e o socialismo sai vitorioso no Vietnã. A reestruturação do capitalismo leva ao neoliberalismo, a ideologia burguesa (mas tão velha quanto o liberalismo do Século XIX), que não é nada mais nada menos do que liberdade para o capital, aumento da taxa de mais-valia, não intervenção do Estado na economia (privatizações das empresas estatais) e "diminuição" do poder do Estado (o chamado "Estado mínimo") etc. e que leva ao aumento do desemprego e à perda de conquistas históricas dos trabalhadores. A "guerra fria", a propaganda anticomunista e a traição acabam com os remanescentes do socialismo do Leste Europeu. A URSS se desintegra.

Os países imperialistas passam a dominar totalmente a economia e as finanças em nível mundial e aumentam a ofensiva contra os países subdesenvolvidos e os trabalhadores. O neoliberalismo, com o objetivo de manter os trabalhadores cada vez mais afastados do processo político-social, propagandeia que as idéias socialistas foram ultrapassadas e que o novo são as idéias liberais, a economia de mercado, a não-intervenção do Estado na economia e muito outros disparates.

Na América Latina, e no Brasil em particular, a ofensiva neoliberal é devastadora: aumento das desigualdades sociais, do desemprego, do sucateamento

da educação e da saúde públicas, exclusão de milhões de trabalhadores etc.

O capitalismo, apesar de suas inerentes contradições, crises cíclicas e estruturais, não cairá por si mesmo, pois encontra sempre formas de sobreviver. É preciso ser derrubado. Seus alicerces são profundos e estão assentados numa base econômica (infra-estrutura) e numa estrutura jurídico-política e ideológica que se integram dialeticamente. Não basta apenas derrubar o poder econômico, socializar os meios de produção. É preciso ir mais fundo e impor mudanças profundas e radicais à superestrutura.

Para se contrapor à ideologia da burguesia - caduca e opressora - temos que apresentar uma outra teoria, porém nova, revolucionária, que derrube os pilares do velho sistema até os alicerces. Esta teoria, nova porque é verdadeira, é o marxismo vivo e criador, sem dogmatismo e guiado pela dialética que produz o novo e faz a história. Mas, o marxismo quer ser estudado e assimilado pelo proletariado e por todos aqueles que têm consciência do processo de transformação social e da teoria e prática como construção dialética do devir. O próprio Marx mostrou a importância da teoria como arma do proletariado: "A arma da crítica não pode evidentemente substituir a crítica das armas, a força material deve ser derrubada pela força material, mas a teoria, quando penetra nas massas, também se torna força material. A teoria é capaz de penetrar nas massas quando faz demonstração *ad hominem*, e ela faz demonstrações *ad hominem* quando se torna radical. Ser radical é tomar as coisas pela raiz. E a raiz do homem é o próprio homem."

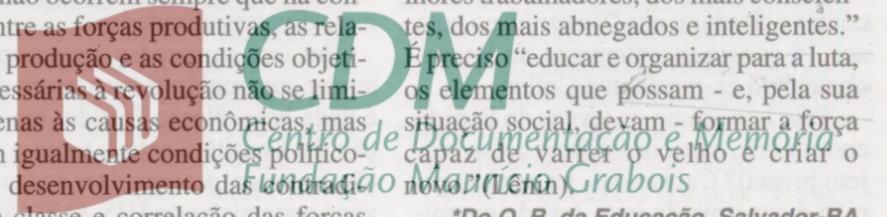
Portanto, para a superação do sistema capitalista temos que compreender e analisar dialeticamente as condições objetivas e subjetivas, pois as revoluções sociais não ocorrem sempre que há conflitos entre as forças produtivas, as condições de produção e as condições objetivas necessárias à revolução não se limitam apenas às causas econômicas, mas incluem igualmente condições político-sociais, desenvolvimento das condições de classe e correlação das forças

das classes em luta. É preciso também que os fatores objetivos estejam entrelaçados com os fatores subjetivos, como o nível de consciência e de organização das massas e da sua vanguarda e a direção das massas por um partido revolucionário. Isto é uma lei da revolução social, confirmada pelas revoluções russa, chinesa e cubana.

Neste sentido está colocada para nós, comunistas, a necessidade de um partido grande, de massas, marxista-leninista, para conduzir a luta pela superação do sistema capitalista e a construção de uma nova sociedade. Para que isto se concretize é preciso que o Partido esteja inserido nas massas, que sinta a "pulsção das massas" e conheça a linguagem que é preciso para lhes falar a cada momento. Que os militantes desenvolvam a solidariedade, a crítica e a autocrítica e pugnem pela unidade do proletariado. Só assim será possível levar a teoria às massas e lhes ganhar a confiança. Daí a necessidade da unidade e de organização do proletariado e de que os militantes e os quadros do Partido atuem de forma conseqüente nos sindicatos e os transformem em escolas de luta e de elevação do nível de consciência das massas trabalhadoras, em "correias de transmissão" das idéias do Partido sem, contudo, partidizar-lo e subordiná-lo à luta econômica e à luta política. Como disse Lênin: "Os sindicatos são uma escola, escola de unificação, escola de solidariedade, de defesa dos interesses proletários, escola de direção e administração."

Também não se deve confundir o sindicado com o Partido. O sindicato reúne todos os trabalhadores, independentemente de suas convicções políticas e religiosas, luta pelos interesses da classe que representa, enquanto que o "Partido Comunista é uma parte da classe proletária (...) é formado pela seleção do melhores trabalhadores, dos mais conscientes, dos mais abnegados e inteligentes." É preciso "educar e organizar para a luta, os elementos que possam - e, pela sua situação social, devam - formar a força capaz de varrer o velho e criar o novo (Lênin).

*Do O. B. da Educação, Salvador-BA





Os comunistas e as frentes de classes

Daniel Golovaty Cursino*

As frentes de classes constituem um fenômeno bastante comum na história moderna. Elas estiveram presentes em todas as revoluções burguesas, mais acentuadamente naquelas que possuíram autêntica participação popular. O caso clássico é o da Revolução Francesa, na qual o processo da luta de classes desenvolveu-se até o fim. Da mesma maneira, a **formação** da classe operária na Inglaterra, país onde primeiro ela surgiu, está diretamente ligada ao fenômeno da frente de classes. E. P. Tompson, eminente historiador do marxismo inglês, remonta o surgimento da classe operária inglesa ao movimento cartista, no bojo do qual reunia-se um variegado leque de classes. Com o fim deste movimento, foi atendida boa parte das reivindicações de todos os setores envolvidos, **menos** aquelas reivindicações específicas da classe operária. Com a derrota, os operários ingleses viram-se sozinhos, tomando assim consciência de sua identidade de classe e da necessidade de constituírem sua independência política ante as demais classes da sociedade.

Entretanto, seria somente com o processo revolucionário francês de 1848 que a luta da classe operária tomaria contornos mais precisos, justamente pela radicalização do processo da luta de classes típica deste país. Novamente, no decorrer do processo revolucionário o proletariado ficou sozinho, só que desta vez o resultado foi seu esmagamento em sangue durante as Jornadas de Junho. Após a derrota de Junho, portanto em pleno **refluxo** da Revolução, a pequena burguesia, colocada à margem pelo grande

capital, viu-se ante a necessidade de procurar uma aliança com a classe operária. Esta, uma vez que estava enfraquecida, uniu-se ao partido da pequena burguesia, só que **abrindo mão** da sua própria autonomia política. Marx criticou a **forma** com que se forjou esta aliança, uma vez que “em vez de retirar um suplemento de força do proletariado, o partido democrático contagiou-o com a sua própria debilidade” (Marx). Portanto, a lição política que Marx tirou deste processo revolucionário (1848-51) foi que, em suas alianças, é **imprescindível** que o proletariado mantenha sua independência política e seus métodos próprios de luta.

A maior parte das frentes de classe, tanto nas fases ascendentes do movimento operário quanto em seu refluxo, se deu de forma espontânea, como uma necessidade **prática** da luta de classes. A Revolução Russa de Fevereiro talvez seja o exemplo mais notável ocorrido na História de uma ampla frente de classes constituída espontaneamente. Lênin caracterizou-a desta forma em suas “Cartas de Longe”: “O fato de que a revolução (de fevereiro) tenha ocorrido tão rapidamente... deve-se a uma conjuntura histórica incomum, na qual se combinavam, de maneira ‘altamente favorável’, movimentos absolutamente distintos, interesses de classes absolutamente diferentes e tendências políticas e sociais absolutamente opostas”.

Entretanto, seria impensável que o mesmo processo se repetisse na Revolução de Outubro. Com toda certeza, não fosse pela direção consciente do Partido Bolchevique, que **cimentou teórica e praticamente a frente operário-cam-**

ponesa, a Revolução de Outubro nunca teria existido! Tal é a diferença fundamental entre as revoluções burguesas e as revoluções socialistas: para estas o elemento consciente é **decisivo**. Tivesse Lênin permitido que seu partido comprometesse, mesmo que por um instante, a independência política que deve possuir o partido do proletariado, e tudo seria posto a perder! (Lembremos que quando Lênin apresentou suas Teses de Abril foi acusado, **pela maioria de seus camaradas de partido**, de “voluntarismo”, o que resultou na **derrota** das Teses pelo Comitê de Petrogrado por 13 votos contra 2).

O que estou defendendo neste artigo é que para o marxismo revolucionário (marxismo-leninismo), **toda e qualquer frente de classe necessária na luta do proletariado pelo socialismo deve ser constituída pelo Partido Comunista sem perder sua independência política**. A isto poderia-se tentar objetar que, para Lênin, tudo dependia da correlação de forças. Certo? Errado! Em abril de 1917, a correlação de forças era **amplamente desfavorável** para os bolcheviques. O governo provisório ainda contava com o apoio da maioria da população e os mencheviques e SRs reinavam majoritários nos Soviotes. Ocorre que Lênin possuía a compreensão exata da tarefa histórica de seu partido. Para ele, a relação entre condições objetivas e subjetivas não era algo fixo ou estático, visto que o subjetivo nasce do objetivo **reagindo sobre ele e transformando-o** (e vice-versa). Assim, o partido bolchevique agiu sobre a objetiva correlação de forças na sociedade russa, transformando-a em

seu favor. Para tanto, não partiu da defesa do socialismo em abstrato, mas sim do nível real de consciência do povo russo, utilizando-se de uma programa de **reivindicações transitórias** de cunho democrático, mas que, **na prática**, representavam a **transição** para o socialismo (tema que não podemos desenvolver aqui).

Ora, pelo que ficou demonstrado acima, está claro que, para o marxismo, **a independência política do Partido Comunista é uma questão de princípios e não de tática**. Esta questão é de suma importância em face da política de frente popular que atualmente defende o nosso partido. Obviamente, **não** estou defendendo aqui que o PCdoB abandone esta política. Tal seria de uma puerilidade consumada, visto que, como já foi dito, as frentes de classe decorrem de uma necessidade objetiva da luta de classes. Entretanto, não podemos eludir a questão da independência **política** de nosso partido nessa frente anti-neoliberal. Ao meu ver, tudo depende da **forma** com que o partido deve inserir-se nela. Penso que na questão específica das **frentes eleitorais** (que não se confundem com a frente única) nosso Partido tem aberto mão, em grande parte, da independência necessária que deve caracterizar o partido da classe operária. Refiro-me aqui especificamente à campanha presidencial de 94 e à campanha para a prefeitura de São Paulo de 96. Urge abrir a discussão sobre uma candidatura própria do PCdoB para presidente nas eleições de 98! (Esta proposta pretendo desenvolver em outro artigo nesta *Tribuna*).

*Do O. B. da USP

União da Juventude Socialista: celeiro de futuros comunistas

Luciano Oliveira*

O PCdoB entra no processo do 9º Congresso completando 75 anos de existência, tendo como característica predominante a sua jovialidade na defesa intransigente dos interesses do Brasil. Somos, sem dúvida nenhuma, apesar de ainda sermos um partido pequeno, um grande calo no sapato da burguesia. Tendo como referencial aglutinar todos os setores democráticos e progressistas, nosso Partido procura atuar na sociedade como um referencial de luta e resistência. Historicamente, a juventude brasileira sempre esteve presente nos momentos de maior efervescência política do nosso país; foi assim na luta do Estado Novo, no *Petróleo é nosso*, na luta contra a ditadura, nas *Diretas já*, no voto aos 16 anos e recentemente no impeachment do ex-presidente Collor.

Dito isso, como os jovens do Partido contribuirão para consolidar o nosso projeto juvenil? Camaradas, na minha opinião é construindo uma grande organi-

zação juvenil na defesa do socialismo no Brasil. Essa organização é a *União da Juventude Socialista*. Construir a UJS, hoje, é a alternativa a ser oferecida a essa juventude sem perspectiva. No Brasil e no mundo a juventude é cada vez mais marginalizada. Pesquisa feita recentemente indica que 80% dos jovens de Nova Iorque estão sem emprego. No Brasil a situação não é diferente. Cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife etc. demonstram essa situação que é cada vez pior. Para piorar, o trabalho infantil envergonha o país. Em Pernambuco, nos últimos 5 anos o trabalho infantil aumentou em 25%, esse trabalho se acentua mais na zona canavieira, levando em conta que as crianças ajudam os pais nas mais diversas atividades.

Por isso camaradas, precisamos entender com mais nitidez a tarefa que nos é dada hoje. Nosso Partido, em resolução do Comitê Central, toma a definição acertada de organizar todos os jovens comunistas na UJS. O 8º Congres-

so Nacional da UJS, realizado em São Paulo em 96, busca esse caminho. Nesse período conquistamos importantes vitórias espalhadas pelo país. Destacando a importante vitória no 45º Congresso da UNE. No entanto, hoje, um ano depois, a UJS continua funcionando desorganizada. Nesse período apenas dois congressos estaduais aconteceram nos Estados de Pernambuco e Bahia, e Estados importantes do eixo Centro-Sul caminham ainda de forma vagarosa. Pouco esforços foram feitos no sentido de levantar a bandeira da reorganização nos Estados. Ficamos presos na vida interna das entidades estudantis, tornando-nos simplesmente corrente do M.E. (movimento estudantil). O contato nos Estados existiu de forma débil. Pouco se acompanhou e incentivou os congressos nos Estados. É preciso colocar em prática as resoluções do 8º Congresso Nacional da UJS, sermos ousados!

A UJS completa 13 anos de existência, com períodos de desfaque na sua vida, como exemplo o voto aos 16. Tor-

nar a UJS um referencial juvenil não vai ser fácil, porém as condições básicas estão dadas. Somos a força majoritária no movimento estudantil, nosso espaço entre os estudantes secundaristas e universitários têm boa receptividade, temos muitos quadros experientes, obtendo assim direções estaduais capacitadas.

O Partido sempre confiou no potencial da nossa juventude. É preciso nós, jovens comunistas, encarmos a responsabilidade de construir a nova geração de comunistas que dirigirão o Partido e a revolução.

A União da Juventude Socialista, não tenhamos dúvida, irá protagonizar grandes lutas em nosso país. Para isso, é hora de arregaçar as mangas e nos organizar nas escolas, universidades, municípios e nas tribos, enfim, aonde estiverem os jovens, construir a consciência socialista na juventude brasileira.

Secretário de Formação de UJS/PE
Fundação Maurício Grube
e membro do Comitê Municipal do PCdoB no Recife



PCdoB - entre a tradição e a modernidade

Elder Vieira*

O PCdoB nasce como produto necessário da onda que assolou o Brasil do início do século. É contemporâneo da Semana de Arte Moderna, do então movimento operário mundial pujante e do nacional incipiente. Portanto, foi e é uma das expressões mais representativas da modernidade, entendida, a um só tempo, como novidade e mudança, e como tensão entre o velho e o novo. Podemos até ousar dizer que a Semana foi a resposta dos extratos intelectuais médios ao decadentismo das aristocracias rurais brasileiras; o Partido, a da classe operária. Logo, o que está posto para o Partido é como **permanecer atual, moderno.**

Ao final da vida, Mario de Andrade, procedendo a um balanço do modernismo brasileiro, declara: "De repente, nos pegamos combatendo lençóis artificiais de fantasmas". E conclui que faltou aos modernistas vincular-se às multidões, o que fez deles uns *inatuais*. Aos 75 anos, os comunistas igualmente diagnosticam que manter-se moderno é vincular-se mais e melhor às massas. Para tanto, já revolucionaram sua estratégia. Buscam, em seu novo congresso, ajustar sua tática. No entanto, no que respeita à sua organização e seus métodos, parecem também "combatendo lençóis artificiais de fantasmas".

O centralismo democrático é o que há de mais avançado e moderno em organização e funcionamento partidário. Também grande expressão teórica moderna do início do século, o *partido de novo tipo* reúne dialeticamente a mais profunda democracia interna e mais coesa ação política. Contudo, ele é um princípio, não uma forma. Para cada realidade temporal e espacial, deverá ser aplicado de modo correspondente.

No caso brasileiro, o centralismo democrático jamais foi aplicado plenamente (não se sabe, na verdade, se chegou a

ser em algum lugar). Aqui, vivemos sempre sob a antidemocracia. Só nos últimos doze anos é que o Partido experimentou uma legalidade tão larga. Essa realidade, principalmente a do Estado e da ditadura militar, levou a concentrar-se a elaboração, as decisões e até mesmo certas execuções nas direções partidárias. Além disso, duas tradições influenciaram decisivamente a organização do PCdoB: a soviética e a do tenentismo, ambas com forte vetor militar e centralista. Isso causou distorções na aplicação do centralismo democrático entre nós. A ponto do Partido viver hoje distendido entre o *centralismo exacerbado* e o *liberalismo* - o que, para alguns desavisados, confunde-se com a luta entre tradição e modernidade.

A pretexto de combater o liberalismo, alguns camaradas têm levantado o argumento de que somos uma *organização centralizada*. Com isso, intentam proteger o Partido da desagregação pelo resgate de uma mal assimilada "tradição bolchevique". Mal sabem esses companheiros que, ao contrário do centralismo democrático, aplicam um *centralismo autoritário*, e que liberalismo e centralização excessiva caminham juntos. Na verdade, é justamente esse centralismo exacerbado que alimenta o liberalismo, o que por sua vez abre alas para o *autoritarismo* - autoritarismo que afasta militantes, abriga o dogma, a burocracia e a incompetência, e inibe o crescimento partidário. Esse *centralismo histórico* alimenta o liberalismo na medida em que retira do coletivo a responsabilidade de elaboração e decisão e a concentra na direção. Com isso, rompe com o centralismo democrático que, não funcionando, joga cada militante para uma ação isolada e acrítica, abrindo espaço para interesses pessoais ou até mesmo de grupo. Isso verifica-se com muita força no meio juvenil partidário, principal-

mente entre aqueles companheiros das direções das entidades de massa.

Essa simbiose *ultracentralização/liberalismo* e seus efeitos são matriz da concepção, aparentemente moderna, de *partido de lideranças* (ou *partido de bando*), que atende pelo "combativo" nome de *partido de massas*. Essa concepção de partido ganha expressão na idéia muito em voga de *partido de movimento*: um partido com centro único de direção, organizado por movimentos dos setores sociais - juventude, mulheres, operários, cultura, ecologia, cidadania, negros etc. Esses setores atuam automaticamente, elaborando políticas específicas, enquanto a direção alimenta-os de ideologia e política geral. O PCdoB já vive em certa medida os germes dessa realidade: temos como uma federação política de corporações, orientadas por um centro político que elabora e atua no imediato - imediato muitas vezes circunscrito à vida interna das entidades de massas. O Partido cresce em número, marca sua presença na paisagem política, mas não incorpora novos filiados, enraíza-se pouco e, apesar de formular bem na instâncias superiores, não coloca em xeque a ordem. Institucionaliza-se.

O exemplo mais presente de como quer-se esse partido de massas é o encaminhamento dado à chamada reestruturação da UJS: de instrumento de massas, organização ampla da juventude, sem vínculos orgânicos com o PCdoB e com vínculos políticos através da ação da militância comunista, a UJS vai sendo transformada, *a despeito das resoluções de seu 8.º Congresso e desconsiderando as divergências da maioria dos militantes comunistas jovens*, em uma UJC - "organização de massas" do Partido, com relativa autonomia, onde impera o centralismo. Os jovens comunistas, "dispensados" de organizarem-se no

PCdoB, militarizam na UJS e lá debateriam como aplicar a política partidária à frente juvenil. Ou seja, aos militantes caberia discutir como aplicar a política, não qual a política. Devem reunir-se quando houver congressos ou questões de fundo para o Partido. O cotidiano partidário, assim resumiria-se, para as bases, a observar as decisões tomadas ou destilar descontentamento. Para as direções da UJS, a acompanharem congressos estudantis. A prevalecer essa concepção, o PCdoB transformar-se-á numa organização de bandos dirigidos por caciques que tudo sabem e tudo podem. Assim, ingressará na "modernidade" petista e incorporará uma tradição que lhe é estranhíssima: a do coronelismo.

O poeta Drummond superou a dicotomia tradição/modernidade fazendo-se contemporâneo; cantando "o tempo presente, os homens a vida presente". Aos comunistas, construtores do amanhã, a modernização está no desafio de transformar o PCdoB, em curto prazo, numa consigna que incorpore milhares e mobilize milhões. Para tanto, é necessário resgatar a relação dialética entre centralização e democracia, construindo a opinião partidária coletivamente, sem atropelos e adaptando nossa organização às realidades onde atuamos. Dialogar com o pensamento mais avançado de nosso tempo e ser a vanguarda cuja voz seja o canal privilegiado de expressão e materialização da vontade popular. Eis nossa contemporaneidade.

Proposta de emenda: 1. Acrescentar ao balanço análise da vida interna e do centralismo na história do PCdoB; 2. No parágrafo 40, onde se lê "construído como ampla organização de massas", escreva-se "construído como privilegiado instrumento de mobilização das massas".

*Escritor, secretário político do Comitê do PCdoB-USP

O racismo e a infra-estrutura social

Parte 2

Salaciel Fabrício Vilela*

Uma abordagem revolucionária do problema do racismo exige os seguintes pressupostos:

1) Considerar o racismo como algo socialmente criado - portanto, que atende a determinadas necessidades de um segmento ou classe social - e, conseqüentemente, socialmente superável;

2) Rejeitar o mito da democracia racial em sociedade como a brasileira, pois tal formulação considera a possibilidade de segmentos sociais distintos em hierarquias sociais diferentes terem o mesmo *status* social e, portanto, conviverem harmoniosamente. Esta harmonia não existe nem em termos de cultura, apesar de diversos teóricos considerarem o Brasil como um "tritador de culturas" (acredito ser mais um triturador das culturas não-brancas);

3) Diferenciar racismo de preconceitos ou discriminação. O primeiro é a ação sistêmica, ou a construção material e simbólica que justifica e legitima as desigualdades sociais. Portanto, seus pro-

duto são conseqüências sociais - ou um "apartheid" social. Já o preconceito ou a discriminação originam-se do racismo sistêmico. São práticas pontuais e assistemáticas que se reproduzem no âmbito das relações cotidianas.

O racismo, enquanto sistema de relação social, enseja uma práxis política de exclusão do diferente, com o objetivo de manutenção de uma ordem dominante.

O que move simbolicamente tal práxis é o temor da perda do poder, ainda que este "poder" seja meramente micro-estrutural ou pontual.

Assim, mais que uma mera manifestação da luta de classes, racismo é o exercício do poder excludente. Num país como o Brasil, onde uma ilha de prosperidade vive em função da espoliação de um estrato marginal cada vez mais numeroso, esta exclusão torna-se uma das ferramentas principais para a manutenção deste capitalismo dependente.

Consideramos que a luta de classes é a chave para o entendimento das relações sociais, dos sistemas de poder, porém é necessário que tal compreensão leve em

conta a transcendência desta questão infra-estrutural para o domínio da superestrutura social ou, em outras palavras, a luta de classes não se manifesta apenas no domínio econômico, mas também no plano simbólico - e é neste plano simbólico, dada a complexidade dos modernos sistemas de poder, cuja violência sistêmica se concentra muito mais no plano imaginário (ideológico) que se proliferam subsistemas de poder que ganham autonomia e se reproduzem no âmbito das relações inter e intra-classes.

A análise das relações políticas leva em consideração as práticas de classe, porém seus atores não se vinculam mecanicamente à divisão clássica das classes sociais do período. Segundo Poulantzas, a homogeneidade de campo da conjuntura consiste na consideração das práticas de classes relativas à sua ação sobre a estrutura como forças sociais. Ou seja, a ação política a ser levada em consideração está diretamente vinculada à capacidade dos segmentos - classes, frações ou grupos sociais - serem forças sociais. Ainda Poulantzas:

"Portanto, se quisermos delimitar os elementos de conjuntura, poderemos dizer:

a) são, em primeiro lugar, classe distintas e frações autônomas de classe que se refletem ao nível da prática política por efeitos pertinentes e isto caracteriza-se precisamente como forças sociais; b) além disto, podem constituir forças sociais categorias específicas que chegam, num determinado momento concreto a ter 'efeitos pertinentes' como foram definidos ao nível da prática política, sem no entanto, serem classes nem frações de classe."

A lógica da exclusão sempre esteve presente na formação do capitalismo brasileiro. Segundo Otávio Ianni, a convivência entre uma ilha de prosperidade e uma massa imensa de miseráveis (que supera os países mais pobres da América Latina) atravessou vários períodos históricos. Porém Ianni não considera isto apenas uma convivência, mas uma interdependência: os chamados dois "brasis" existem um em função do outro.

A interdependência dos dois "brasis" passa pelas características particulares do



capitalismo brasileiro. Podemos apontar três que mais se ligam ao problema aqui tratado:

1) A prioridade dada ao atendimento das demandas externas. No período da predominância da agricultura, esta desenvolveu-se sob o sistema extensivo, monocultural, latifundiário, típico da agricultura de exportação. Por isto, apesar da grande dimensão territorial do país e de priorizar a agricultura, faltavam alimentos. No período industrial, após a década de 50, o mesmo aconteceu. As indústrias transnacionais que aqui se instalaram aproveitaram o baixo custo da mão-de-obra para auferir lucros para as suas matrizes no exterior. Por isto, uma das leis combatidas pelas transnacionais, às vésperas do golpe de 64, foi a Lei de Remessa de Lucros.

2) A conformação com um mercado consumidor restrito. Isto vem em decorrência da primeira. A agricultura extensiva dos tempos coloniais e início da República era exportada e, com a renda, importavam-se produtos manufaturados destinados prioritariamente ao consumo das classes médias altas. No período industrial o incremento do setor de produção de bens de consumo duráveis vai na mesma direção. Segundo Ricardo Antunes, o produto real da indústria de transporte (incluindo a automobilística) cresceu 549,9% e a de material elétrico e telecomunicações (incluindo o ramo de eletrodomésticos) 367,7% no período de 1955 a 1961. No mesmo período, a indústria de alimentos cresceu apenas 46,4% e a têxtil 28,9%. Os

bens de consumo não duráveis, cujo consumo é realizado em maior escala pela classe operária, teve um incremento bem menor no processo de industrialização do país, denunciando o seu caráter elitista e anti-social.

3) A formação de um grande contingente de população marginalizada. Em consequência da prioridade dada às demandas externas, de conformação com um mercado consumidor "restrito", tem-se que o capitalismo brasileiro convive, desde o seu início, com um grande contingente de população marginalizada. O caráter "descartável" desta população - ou seja, ela não é necessária para as classes dominantes, pois não é consumidora e nem tem perspectivas de ser integrada

ao mercado de trabalho que cresce em ritmos inferiores ao crescimento desta população - a diferencia do conceito básico de "exército industrial de reserva".

O exército industrial de reserva implica numa certa mobilidade e sazonalidade. O contingente de população marginalizada não é pois fruto de um modelo de capitalismo que, na sua gênese, já é excludente. A existência, na história do Brasil, criando constantes crises sociais

Obs. Este artigo é continuação de **O racismo e a infraestrutura social** publicado na TD nº 4.

Nota: Do caderno especial **Legítima Defesa da União de Negros pela Igualdade (UNEGRO)**

*Do O. B. dos Metroviários-SP

Lutar e combater o racismo

Roque Assunção (Tarugo) *

O socialismo científico, cujas bases foram estabelecidas por Marx e Engels, revelava que toda a sociedade tende a tomar novas formas quando as forças produtivas chegam à sua plenitude, sem que ela possa resolver as condições que se desenvolvem em suas entranhas. Assim como a sociedade escravocrata cedeu o seu lugar à sociedade feudal e a sociedade feudal à sociedade capitalista, a sociedade capitalista terá de ceder o seu espaço à sociedade socialista. O utopismo socialista de Cabet, Owen, do real substituir o ideal é ultrapassado no salto qualitativo pela concepção científica de Marx e Engels.

A descoberta fundamentada pela investigação, no exame e na análise da produção capitalista, trocando a concepção de uma sociedade ideal pela ciência materialista da história pela investigação do processo econômico das conexões existentes na luta entre a burguesia e o proletariado. A descoberta da mais-valia, mostrou e mostra que o modo de produção capitalista fundamenta-se na apropriação do trabalho não pago. Mesmo quando adquire a força de trabalho operário, pelo pleno valor que representa como mercadoria, o capitalista dela extrai mais valor do que lhe custa. A mais-valia constitui a soma do poder da burguesia. A concepção materialista da história e a teoria da mais-valia convertem o socialismo numa ciência que, segundo Engels - "Era necessário desvendá-la em todos os seus pormenores e conexões."

As idéias de Marx e de Engels, apesar das tentativas em contrário estão na luz do dia e não obedecem a um curso dogmático. Evoluem por meio de longos debates, pela investigação científica e pela própria experiência histórica,

por isso se impõem e sobrevivem até hoje. Marx e Engels não criaram uma ciência acabada. Ao contrário, a obra deles necessita cada vez mais que nos aprofundemos, por ser científica e não absolutista. As ciências, quer da natureza, quer da história, sempre se renovam. E cabe aos socialistas científicos, que analisamos dialeticamente os problemas que a história constantemente se encarrega de formular, dar o rumo conseqüente na luta de classe nesta nova roupagem do capitalismo neoliberal globalizante, que de novo nada tem. Investigar e desenvolver a ciência socialista é dar energia aos oprimidos do mundo inteiro na continuidade da luta por uma sociedade sem classe. Investigar e desenvolver o socialismo científico é trabalhar no campo teórico e prático, com a realidade de um povo, de um país e de uma nação, entendendo as suas especificidades e diversidades culturais, étnicas e religiosas. O imperialismo na sua versão neoliberal globalizante, no fim deste milênio, traz à tona com mais veemência as grandes contradições no seio da sociedade, aumentando cada vez mais o barbarismo social, étnico, moral, cultural, econômico e político. Engendrado pela doutrina dos sete grandes países do mundo, o neoliberalismo concentra riquezas, rendas e produção em detrimento da maioria dos povos dos países do planeta, globalizando e alastrando a fome, a miséria, a violência, a criminalidade e o desemprego, como marcas maiores da sua perversidade.

O mundo se divide entre os sete ricos e usurários e em Estados-nações quebrados, subalterno e devedores. A mão ianque se acha o xerife do mundo, dita as regras e as normas para os países periféricos. Recrudesce nessa onda neoliberal globalizante o xenofobismo, o

racismo, como marcas de manifestações do desemprego estrutural em consequência das profundas modificações ocorridas na produção, no consumo e na organização da mão de obra. Dessa forma a origem étnica (cor da pele) e a origem da mão-de-obra passaram a ser elementos importantes do ingresso, ascensão e remuneração do trabalho. A onda e o incentivo do racismo no mundo são alimentados pela disputa do mercado de trabalho, propagando-se as teorias racistas desenvolvidas pela burguesia branca, colonialista e imperialista.

Os avanços tecnológicos advindos da terceira revolução técnico-científica substituem a tecnologia pesada pela leve; o emprego de grandes massas por um pequeno número de contingentes de trabalhadores, apropriando-se do saber operário e o individualizando, com uma produção mais sofisticada, gestando um novo paradigma de produção.

Os dados oficiais dos organismos internacionais e nacionais nos dão um quadro alarmante do desemprego, da miséria, da violência e as diferenças de oportunidades na área do saber. Na atualidade o direito à cidadania é rasgado, o desemprego, a violência, a criminalidade e o narcotráfico são as conseqüências e as marcas profundas das desigualdades cada vez maiores engendradas pelo imperialismo. A esterilização das mulheres negras e não brancas são incentivadas nos países periféricos como política de controle e extermínio de etnias não brancas.

As diferenças de oportunidades de empregos, salários, acesso a educação, habitação e saúde são profundas na sociedade brasileira, cada vez mais acelerada por uma política excludente e racista por parte das classes dominantes.

No nosso país todos esses fenômenos aqui levantados se dão de uma forma exacerbada. E saber tratar dessas

questões no curso da luta geral e de classe na sociedade brasileira é trabalharmos de forma científica a realidade e a história do nosso povo. Conhecer a realidade e a história do povo negro é dar um salto de qualidade na luta política por uma sociedade igualitária e fraterna.

O nosso Partido deve aprofundar e buscar acumular conhecimentos para que todos os seus militantes estejam preparados para intervir positivamente na luta de combate ao racismo e todas as manifestações preconceituosas no seio da sociedade brasileira. A tarefa de lutar e organizar cientificamente a luta de raça e classe do povo negro contra a discriminação racial não é só dos negros para os negros, e sim de toda a militância ativa do PCdoB. É nesse sentido que provooco a discussão e o debate no conjunto do Partido, para que a sua militância assuma essa bandeira de luta e trabalho à luz da realidade para a construção da sociedade futura (socialista), contribuindo assim com o legado de Marx e Engels, desenvolvendo a ciência socialista, interpretando e dando resposta a todos os fenômenos sociais e naturais na história da humanidade. Lutar contra o racismo, no bojo da luta de classe, é desenvolver na teoria e na prática a ciência do socialismo, contribuindo assim para a formação material e espiritual do novo homem que nascerá do novo dia que raiará vermelho como o Sol.

Finalizando, parabeno todo o Partido, que tem sabido enfrentar as adversidades concretas e acreditar no socialismo, e que tenhamos êxito e vitória no 9º Congresso para o avanço da sociedade brasileira.

Reporto-me também à necessidade de estar na página do PCdoB na Internet a organização dos negros e não negros comunistas e amigos, a Unegro.

*Do Comitê Estadual e O. B. dos Metalúrgicos - BA

Resgatar o respeito à raça negra

Elza Sônia Duarte Alencar *

No documento do 9º Congresso do PCdoB temos na página 8, parágrafos 92-93, um apanhado geral de todas as lutas populares com o apoio do PCdoB.

Gostaria de reforçar com mais paixão a luta do Movimento Negro no Brasil.

No instante em que o país passa por uma crise das mais profundas, onde o capitalismo reprime e aniquila a classe trabalhadora através do seu representante máximo Fernando Henrique Cardoso, assim como faz com os funcionários

públicos e os sem terra, é importante que o Partido Comunista do Brasil dê apoio mais efetivo ao movimento contra o racismo, fazendo campanha, defendendo o direito e a liberdade de participar de forma integrante na sociedade. Dessa forma teremos, com toda certeza, a aglutinação de pessoas capazes de unir forças, para combater o capitalismo e o neoliberalismo.

É responsabilidade nossa trazer para mais perto de nós a defesa do negro contra o racismo e todo tipo de discriminação, resgatando a dignidade e o respeito da raça negra.

O PC do Brasil deve travar lutas para conscientizar a massa da importância de seu papel na sociedade como um todo.

A marginalização do negro levou-o a ocupar posição subordinada e desorganizar-se.

Em outras épocas o Partido dava mais atenção a essa questão.

Evidentemente, a burguesia não terá oportunidade de acusar os partidos de esquerda de perseguir negros (lembrar a campanha de Lula).

É importante lembrar do seu papel na guerra da independência da Bahia, na Balaiada, na guerra dos Farrapos, na

Sabinada, tendo ganho caráter revolucionário.

Nós que fazemos o PC do Brasil temos o dever de estimular tornando-os influentes.

O papel do negro já foi e ainda é de grande importância no Brasil. Vivemos hoje o descaso, depois da derrota da luta quilombista. O Nordeste é a consequência viva do massacre do Quilombo dos Palmares. Se a luta de Zumbi e seus companheiros fosse legítima e justa, o Nordeste seria filho dele e não seria tão miserável e racista.

*Militante do PCdoB



Moderno é o trabalho

Jô Moraes*

Há palavras que carregam em si o peso da maldição da história. Coitadas, nem culpadas são se algum estelionatário da linguagem toma de assalto seu sentido histórico!

Assim vem sendo com as palavras **moderno e modernidade**. Depois de Collor e dos ideológicos do neoliberalismo, elas passaram a ser palavras do mal.

Talvez isso explique, em parte, a reação contrária de companheiros, quando o item 38 da tese sobre Partido reafirma "...de princípios marxista-leninista, de **feição moderna**". "Esse termo é inadequado" disseram alguns, "pode dar a idéia de capitulação ao que eles chamam de moderno". "Não podemos abrir mão do que somos", afirmaram outros.

Aí é que está. No argumento contrário se encontra exatamente a justeza da formulação da tese. Não abrimos mão do que somos porque modernos somos nós, **moderno é o trabalho** e tudo que o representa.

Neste debate do que significa o novo, o moderno, está centrada uma das mais importantes disputas ideológicas do nosso tempo. A sociedade do capital, apesar de presenciar uma revolução técnico-científica sem precedentes, não tem condições de conduzir a humanidade a se apropriar do que há de moderno nesse processo porque ela é, em essência, excludente. Mas, na disputa ideológica permanente, ela tenta se apresentar como tal.

Ainda sobre o uso da palavra moderno, houve quem argumentasse que ela tem um conteúdo ideológico de sentido contrário ao nosso. Sem querer entrar no debate desse conteúdo, porque o tempo e o espaço não o permitem, lembramos que as palavras têm o sentido da cultura e dos ouvidos do povo que as utiliza. Por isso, é bom ir ao dicionário. Lá vamos encontrar: "MODERNO - relativo aos nossos dias, aos tempos mais próximos de nós; atual; hodierno; os homens de hoje". (Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa).

Apropriando-se, pois, do sentido histórico presente da palavra moderno, como a vê e a entende a vivência da nossa gente, devemos discutir os desafios para que nosso partido adeque-se "aos nossos dias". Vejamos alguns deles:

1. Reafirmação da forma partido como instrumento dos explorados na luta

pela transformação social

Nos últimos tempos, setores da esquerda vêm defendendo que a forma partido estaria superada. Argumentam ter ela um sentido restrito ao mesmo tempo em que apontam sua perda de credibilidade junto à população. As transformações ocorridas na organização da sociedade, dizem os portadores dessa idéia, apontam para a forma movimento como a melhor resposta às necessidades do momento, pela sua amplitude e flexibilidade. No entender destes setores os movimentos passariam a jogar um papel mais decisivo no processo político em curso, sobrepondo-se à forma partido.

Não se pode negar a crise porque passa hoje a forma partido, como parte da crise do conjunto das instituições de nosso tempo. As radicais transformações ocorridas em todo o mundo, particularmente o novo modelo de domínio político do grande capital, quebrou as referências históricas da chamada democracia burguesa. A implantação de um projeto excludente, como é o neoliberal, só tem dois caminhos políticos: o autoritarismo com o fechamento do Congresso, redução de direitos e restrições democráticas ou a desmoralização das instâncias de representação política para mantê-las sob controle. (Aqui se situa a intensa campanha de mídia contra partidos e políticos).

A crise da forma partido é expressão desse processo. Ela é em parte fruto de um profundo movimento de redefinições programáticas porque passam os partidos em geral e da degenerescência ética dos que representam o grande capital. Por outro é resultante dessa estratégia desmoralizante.

Esse processo, no entanto, não indica o esgotamento histórico da forma partido como instrumento fundamental para a condução da luta pelo poder, no seu objetivo maior da transformação social.

Os partidos surgiram, no século passado, como formas usadas pela burguesia para o exercício de sua dominação, após os ventos democratizantes da Revolução Francesa, no século anterior. Posteriormente, é o movimento operário que cria seus partidos para resistir politicamente e de forma articulada a essa dominação, colocando como objetivo, também, a conquista do poder. Para enfrentar uma ação cada vez mais agressiva do grande capital, só uma organização de classe, estruturada para se con-

trapor. A forma movimento, pela sua inorgenicidade e diluição programática, não tem condições históricas de conduzir este confronto.

2. Atualização da teoria leninista de partido

O segundo desafio está na adequação da experiência partido ao tempo presente.

Analisando a trajetória organizativa do movimento operário desse nosso século não devemos ter receio em afirmar que **o núcleo central da teoria leninista de partido mantém sua atualidade**. Isso porque os elementos centrais da dominação de classe da burguesia - mesmo em sua nova fase - não se alteraram nos seus instrumentos básicos e sim na forma como elas se apresentam.

Continuam atuais as características ideológicas e políticas de um partido leninista: a) um partido **para a transformação social**, de ruptura; b) um partido **de classe e da classe**; c) um partido **de vanguarda e de massas**.

No plano organizativo não se apresentou outra forma que resolva, numa visão dialética, a necessidade de um partido da unidade e que se aproprie da "sabedoria coletiva" a não ser a dinâmica do **centralismo democrático**.

Quais são, pois os desafios dessa atualização?

a) O primeiro desafio é compreender que **um partido da transformação social** necessita adequar sua política às condições de ofensiva do grande capital e de acumulação de forças para a retomada da resistência operária e antineoliberal. O partido da ruptura tem que adequar sua forma de atuação às condições de defensiva estratégica do movimento revolucionário, flexibilizando-se para atuar em todos os novos espaços que permitam a contraposição ao neoliberalismo.

Nessa atualização, faz-se necessário, mais do que nunca, a reafirmação de sua identidade ideológica.

b) O **partido de classe e da classe** é bombardeado, hoje, a partir da idéia de que a modernização tecnológica retirou a classe operária do seu papel histórico transformador. Daí o desafio presente de reafirmar a centralidade do trabalho como tarefa teórica e política fundamental.

Não é suficiente, no entanto, a dimensão teórica dessa formulação. Para se tornar um **partido de classe e da classe**

precisa-se responder aos problemas cotidianos colocados aos operários pela reestruturação produtiva e pelos novos métodos de gerenciamento. É preciso responder que forma e que organização assume sua luta diante da nova realidade.

Firmar-se como um partido da classe é também fazer crescer a presença operária na estrutura. Esta é a reafirmação no terreno orgânico, da centralidade do trabalho.

c) Na acirrada disputa ideológica e política pela hegemonia deve-se compreender um **partido de vanguarda** como o que defende o projeto político da emancipação social, mas que se afirma pela adesão crescente dos setores avançados da sociedade. A autoprocamação doutrinária é absolutamente inócua e insuficiente. Ser vanguarda hoje é buscar intensamente a adesão consciente de parcelas expressivas da sociedade a seu projeto revolucionário. É ser, também, um partido grande.

Merece uma atenção especial a rica dinâmica que se desenvolve na luta social com os múltiplos e criativos processos de resistência ao capital. São os movimentos: feminista, anti-racista, ambientalista, de livre orientação sexual, pela saúde, entre tantos outros. A construção de um partido de massas exige que se analise a experiência desses movimentos para uma efetiva inserção.

d) No que diz respeito à essência organizativa do partido leninista, três questões se colocam como desafios:

- a dinamização da estrutura e ativação de suas instâncias como elemento fundamental para um partido que tem como opção a ação unitária e a valorização da participação individual de seus militantes;

- a elevação da opção consciente de seu coletivo tomando a atividade de formação ideológica prática cotidiana de suas instâncias;

- uma nova concepção de organização de base e uma nova dinâmica de seu funcionamento levando em conta as transformações ocorridas na vida de todo mundo.

Na reafirmação do que é central na contribuição de Lênin está o nosso chão. No debruçar sobre a multilateralidade dos novos processos de luta de classe que se desenvolve em nosso país está o nosso avião. Voemos em busca do novo, partindo de uma pista segura.

*Do Comitê Estadual do PCdoB-MG

Partido para a hegemonia

Leandro Schillpake*

O Partido chega aos seus 75 anos de existência realizando seu 9º Congresso e enriquecido por muitas batalhas e pelos desafios da atualidade.

Dizemos, adjetivando, que determinada quadra histórica é a mais importante, quer pelo ascenso, quer pelo descenso das idéias revolucionárias. É correto. Quando se trata luta pelo poder todos os países (encadeados) são importantes.

Mas há colocações nos céus de hoje que tornam os dias diferentes dos tempos idos. Nascemos sob o signo da Revolução de Outubro e sob ela crescemos.

Mesmo o surgimento do revisionismo não desfaz esta representação.

O PCdoB teve decido e coerente combate contra essa corrente, mas a verdade é que para grande parte das massas eram "sutilezas" não percebidas, o que não diminui a importância da ação do Partido. O que quero ressaltar é que dos 75 anos de existência, 67 tiveram uma referência muito forte.

Nosso Partido não se fez rogado. Antes da débacle no Leste europeu, tivemos a democratização aqui. Podemos dizer que historicamente os acontecimentos são paralelos, e que inauguraram um novo capítulo na história do Partido. Os capitalistas, num clima de euforia,

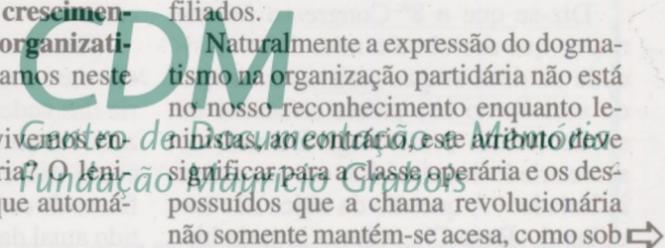
apregoam com requintes de ideologia a orientação econômica que a muito gestam, o neoliberalismo.

Nestas condições o Partido faz política e, sem dúvida, representou um avanço na compreensão da revolução brasileira o **Programa Socialista** aprovado na 9ª Conferência. Uma importante vitória no campo teórico, mas constatamos existir **um descompasso entre o crescimento político e o crescimento organizativo**. Destarte o intróito, ficamos neste ponto.

Cabe a pergunta: o que vivemos em quanto organização partidária? O leninismo! É a resposta quase que automática.

Infelizmente o dogmatismo não se rompe por decreto (seria mais fácil vendê-lo), pensar o contrário já seria uma compreensão dogmática do próprio dogmatismo. Felizmente o PCdoB sabe disso. Ocorre que a superação dos dogmas pode nos permitir avançar no entendimento do que gera as diferenças entre o Partido do "Fora Collor" e o dos 250 mil filiados.

Naturalmente a expressão do dogmatismo na organização partidária não está no nosso reconhecimento enquanto leninistas, no entanto, este atributo deve significar para a classe operária e os despossuídos que a chama revolucionária não somente mantém-se acesa, como sob





⇒ o centralismo-democrático ela é viável. Mas enquanto nossa resposta restringir-se a isso (somos leninistas) não impulsionaremos a organização. Porque, na melhor das hipóteses, estaremos partindo de um ponto que falseia a realidade (o dogma tem esse poder) e na pior não estaremos sendo sinceros com o Partido.

A legalidade nos trouxe desafios. Seríamos mais precisos se disséssemos que a orientação política e os princípios organizativos do PCdoB são leninistas, vivendo seus membros dentro de uma disciplina livremente aceita, ordenada pelo centralismo-democrático, que o Partido (não só exige estatutariamente) estimula a organização em células, mas que também temos organismos "mistos", organismos "montados", para viabilizar fóruns, e muitos, muitos militantes sem organização de base.

O que faz com que as células não funcionem? Quanto mais tímidos forem os passos em se reconhecer a realidade, mais nos afastaremos de entendê-la. No entanto sabemos serem múltiplas as origens do problema e não seria nenhum clichê atribuir à ação subjetiva da campanha anti-comunista, a principal. As pessoas absorvem isso de forma diferente.

Ora, parece que somente as contribuições sinceras surgidas neste processo de debates, podem ajudar a esclarecer o tema. Alguns atribuem o problema ao fato do *fazer política* nas grandes cidades estar mais próximo de alguma encruzilhada aristotélica, entre a anima-

lidade e a racionalidade humana, não havendo um local previamente estabelecido para suas manifestações.

O indicativo pode ser verdadeiro para alguns setores médios, para tipos que fazem política (e dão discurso) nos elevadores, na Internet, nos bares... Ainda assim não representa argumento para negar a proposta leninista de organizar por local de trabalho, estudo ou moradia, porque indica a atitude individual e não coletiva (partidária) dos homens se manifestarem e porque levariam um partido que pretende a revolução ao liberalismo/espontaneísmo.

São questões em aberto e todo esforço é válido.

As coisas tornam-se mais difusas quando pensamos a organização de forma macro. Dizemos que é preciso atingir *um médio porte*, planejamos campanhas de filiações e manipulamos conceitos (simpatizante, militante, filiado, quadro) que envolvem pessoas, sem termos clareza dos seus papéis.

Em nossa organização um simpatizante pode ter maior peso que um filiado. Conceitualmente temos os filiados em dois tipos, que distinguem-se pelo conteúdo do ato da filiação: o ideológico e o legalista. O ideológico tem mínimo conhecimento do programa e estatuto do Partido e o legalista tem sua filiação despolitizada, colabora de forma pontual diante de alguma imposição legal.

O simpatizante pode estar nessa categoria transitória, em vias de tor-

nar-se filiado ou militante, mas há os que resistem à organização, ressaltando constantemente suas diferenças com o Partido. Podem ser de tipo suprapartidário ou pertencer a alguma agremiação.

Em suma, e de forma genérica, o que aproxima o simpatizante do filiado é o fato de ambos resistirem à organização, e o que os diferencia é o fato do simpatizante ser mais facilmente (como o militante) mobilizado para a ação do Partido.

Os militantes e quadros, guardadas suas diferenças, são a melhor expressão de que entendemos por *vanguarda*. Ocorre que conquistar simpatizantes e filiados sempre foi mais fácil. É possível que os problemas em nossa organização favoreçam isso. Fazemos a opção consciente por sermos um partido de vanguarda, mas compreendemos que a revolução será obra de muitos.

Pertencer a alguma dessas categoria acima não é algo que se resolva unilateralmente. Aos que se dedicam, nosso Partido abre suas portas através da educação revolucionária. Mas se é verdadeiro que a participação organizada de nosso povo em sindicatos e partidos é pequena é também verdadeiro que o entendimento que temos dessas posições define muito das coisas. Nos relacionamentos de forma tradicional com nossos filiados.

O PCdoB, com suas palavras de ordem ajustadas, de unidade e luta, é um

partido de grande influência no cenário político. Ser um partido de médio porte antes que quantificar, guarda maior relação com a necessidade de hegemonia, de tornar conhecida a autoria de sua política.

Fala-se em flexionar a organização partidária, o que causa grande frenesi nas fileiras. Alguns supõe ser o leninismo sendo abandonado.

Acredito que para o objetivo do socialismo, **nosso Partido precisa rever a participação dos filiados**, é preciso envolvê-los na vida partidária, sem esperar a dedicação de militante. Devemos realizar campanhas de filiações politizando este momento (em tempos de Programa Socialista a filiação com o argumento de "fortalecer a democracia" pouco ajuda) e ainda é preciso rever o entendimento do torna-se médio porte, o que deve combinar um trabalho sério de imprensa aumentando o espectro de nossas idéias.

Se este voltar para si (aos filiados) configuraria num outro tipo de organização, acho precipitado avaliar, é preciso verificar experiências, mas havendo alterações o fundamental é que o princípio diretor (o centralismo) mantenha-se, e que quaisquer novidades coexistam (e subjuguem-se) com a organização em células.

A organização partidária deve adaptar-se aos tempos, mas não se desfigurar em conjunturas.

**Militante do PCdoB/PR*

A necessidade do partido comunista

Parte 2

Francisco N. Reis*

Neste outro artigo para a *Tribuna de Debates*, pretendo dar prosseguimento ao raciocínio desenvolvido no primeiro, penetrando no interior da idéia esboçada centralmente, construindo camadas preenchidas da esfera (imaginária) na qual, teoricamente esta deve se configurar.

Após fazer críticas gerais ao sistema, empreendi o que os clássicos determinam como essencial à gestação da revolução, que passa pela edificação do partido de vanguarda. Quero mostrar como se configura subjetivamente a visão que formo sobre a questão da transformação radical da sociedade, o que considero a expressão da estratégia no caminho da luta.

Toda estratégia, numa concepção científica, é seguida de um conjunto de táticas que dão suporte para que aquela seja alcançada, portanto é neste ponto particular da tática que tentarei me deter, discorrendo atentamente, embora impulsionado por força subjetiva, o que significa que passarei uma compreensão elaborada e apreendida pelo íntimo deste que escreve, refletindo, certamente, o estudo e o debate aos quais me apliquei.

Diz-se que o 8º Congresso foi um marco que derrubou o mito da necessidade de duas etapas para a construção do socialismo nos países atrasados ou semicoloniais (vide Jorge Barreto, do secretariado estadual-RJ, em seu artigo intitulado: "A questão da tática não neoliberal - Parte I"), o que a própria his-

tória confere veracidade, como é o caso de Cuba, da China e mesmo da União Soviética, países que, mesmo inseridos em conjunturas distintas, ousaram recriar à maneira de sua revolução, implantando novas regras no que concerne à política econômica.

Nós, comunistas brasileiros, que temos que analisar com toda a minúcia estes exemplos que a história nos forneceu e deles retirarmos o máximo de ensinamento para que, na consecução de nossos fins, o êxito seja o resultado final. Hoje lutamos em várias frentes, mas me parece que, principalmente, na frente parlamentarista. Não creio que este seja o caminho mais importante, não aceito que seja possível a vitória do socialismo por esta via, contudo não sou inconsequente ao ponto de indicar o voto nulo, pois sei que desta maneira cortaríamos um canal de expressão e comunicação direto com as massas que, objetivamente, possuem ainda um nível incipiente de consciência. Seria ótimo se pudéssemos dizer: senhores pais, senhores mães, senhores explorados, senhores excluídos munam-se com armas agora e, juntos, marcharemos para a tomada do poder e, isto efetivamente acontecesse.

Também decerto que o Partido não esperará a vida toda até ganhar a maioria das cadeiras no parlamento para fazer a revolução. Este nos serve, apenas, como exercício da diplomacia e como frente de confronto institucional no sentido atual da palavra. Mesmo que o Par-

tido - juntamente com as demais forças de esquerda da política nacional - viesse a ter maioria nestas instituições, a burguesia, enquanto classe, não entregaria sem uma luta encarniçada tudo o que roubou da classe trabalhadora. Certamente, muitas vítimas e sacrifícios haveriam de ocorrer até que a propriedade privada, em sua dimensão significativa, fosse quebrada.

Outro aspecto, que deve ser posto, é que as frações da esquerda nacional, na sua maioria, não são a favor da quebra da propriedade privada, pois não representam efetivamente o proletariado, mas a pequena burguesia não menos egoísta que a outra. Portanto, temos que ter uma prática adequada, amarrando pontos comuns em nosso programa, cedendo temporariamente aos seus dogmas elementos nossos, o que não quer dizer traficar princípios, mas apenas "esbarrarmos nossas beiras" enquanto haja conveniência e necessidade, para desmontarmos o projeto imperialista em curso em nosso território. Tão logo isto aconteça, renova-se a tática, pois começaremos uma nova etapa no avanço de nossos princípios.

Exigir justiça, ampla construção de moradia, escolas e hospitais. A democratização dos meios de comunicação, transporte público de qualidade e barato, quando não gratuito para desempregados e estudantes, reforma agrária, respeito à constituição, salário digno, igualdade feminina, punição ao racismo, defesa do meio ambiente etc., são pontos

táticos de formação de políticas de aliança com os partidos pequeno-burgueses que já não se alinham ao projeto dominante.

O 9º Congresso vem aí e depositaremos esperanças de alinharmos bases para enfrentarmos os desmandos do neoliberalismo. Neste Congresso devemos provar para todo o Brasil as táticas que, no cotidiano, temos sentido necessárias, como por exemplo a formação de ampla frente popular para, merecidamente, derrotarmos o fagocívoro governo FHC que diz que o Brasil é fácil de se governar, basta atender ao FMI e ao Banco Mundial que tudo se ajeita.

Parece contraditório falar em se preparar para mais uma eleição, depois do que foi escrito no parágrafo anterior, mas tenho consciência de que a realidade exige mais este passo. Sei que não estaremos acabando com o capitalismo, mas encostaremos duro golpe na condução do projeto imperialista em nosso país. Estaremos abrindo a possibilidade de termos à mão o aparelho de Estado e dele nos utilizarmos para protegermos os sem-terra, os sem-teto, para revertermos a questão da dívida externa, apurarmos os crimes do colarinho branco, apoiarmos a CUT, enfim um novo leque de possibilidades que dará novo tom à luta pela democracia. Não custa apostar pois, como disse Lamarca: "ousar lutar, ousar morrer, ousar vencer". Então vamos à luta pois só quem luta pode vencer.

Do Comitê Municipal do PCdoB-Barra Mansa-RJ



Partido revolucionário e de massas

Carlos Augusto Diógenes (Patinhas)*

O avanço no debate do 9º Congresso vai trazendo novos elementos para uma melhor compreensão do Partido para o atual momento. O item 40 do *Projeto de Resolução* do Comitê Central fala de um **“Partido concebido como instrumento político da consciência avançada dos trabalhadores da cidade e do campo, construído como ampla organização de massas, um canal de expressão para a prática da militância política indispensável ao movimento transformador”**.

O crescimento do Partido, transformando-o numa organização de porte médio e, em seguida, de amplas massas, como se refere o item mencionado acima, depende em última instância do desenvolvimento do quadro político nacional e até mesmo do internacional. A política de construção de uma ampla frente de combate ao regime militar instalada em 64 permitiu que o PC do B, no bojo das grandes manifestações populares, em meados da década de 80, conquistasse a sua legalidade política, passando a ter uma atuação num patamar superior, inimaginável nos anos negros de fascismo. Hoje, a elaboração de uma política global, visando unir forças para deter e derrotar o projeto neoliberal em curso no país e abrir espaço para a alternativa socialista, **nos coloca no centro do grande embate nacional**. Isto possibilitará o acúmulo de forças para o surgimento de um novo quadro político

e criará condições para uma atuação partidária num nível superior ao atual. Esta visão política ampla, de médio prazo, abre um vasto horizonte sobre o qual iremos aperfeiçoar a nossa política de organização.

É real o aumento da influência política e de massas do PCdoB nos últimos anos. Hoje, muitos setores democráticos, populares e patrióticos compreendem a importância e a indispensabilidade da atuação organizada dos comunistas no cenário nacional. A sua defesa, sempre intransigente e coerente, dos interesses dos trabalhadores, da unidade política e de ação do nosso povo, da democracia, da soberania nacional e do socialismo, causa uma impressão muito forte em todos os que desejam o progresso social e econômico para a nossa terra. Por outro lado, desperta o ódio e a ira das elites dirigentes. Estas procuram incessantemente fórmulas, através da chamada “reforma política”, como a implantação do voto distrital misto, a cláusula de barreira e a proibição de coligações proporcionais, apresentadas como indispensáveis à “governabilidade” (deles), para isolar o nosso Partido, reduzindo a sua visibilidade e o seu papel no cenário nacional. De grande importância as afirmações dos itens 106 e 107 da resolução em debate, quando define a reforma política neoliberal como ameaça real concreta a nossa trajetória de crescimento e quando chama a atenção, através da afirmação **“a luta pela defesa da representação parlamentar do PCdoB,**

ameaçada pelo arbítrio das forças dominantes, deve ocupar lugar central na atividade de propaganda e de massas do Partido”, para que o combate a estas propostas não fique restrito ao parlamento, precisando ir para as ruas e ser assumido pelo conjunto da militância.

No processo de debate, algumas idéias são equivocadamente esboçadas engendrando contradições antagônicas entre a construção de um Partido de vanguarda, de quadros, e um Partido de massas. Na verdade, refletem um incompreensão do atual momento e do papel que o PCdoB joga e está sendo chamado cada vez mais a jogar na aglutinação das forças de esquerda e na conjuntura nacional. **Em função deste papel, novos horizontes e novas tarefas são objetivamente para nós colocadas.** Cabe assumi-las coletivamente, com espírito criativo e numa perspectiva revolucionária. Chamando a atenção para não descuidar das frentes de luta fundamentais referentes ao movimento popular, a resolução em discussão aborda, além da importância da frente parlamentar, a participação hoje dos comunistas nos órgãos executivos. **“Autorizados pelo Partido, comunistas exercem funções neste órgão de tendência democrática ou de esquerda. Isto tem sido positivo para fortalecer o Partido, sempre que os comunistas compreendam que essa participação é mais um instrumento para intensificar a ação política do Partido, ampliar a sua área de influência, seu campo de atuação, sua ligação com**

as massas, contribuindo com a construção partidária”, (item 21 da *Resolução*). Para cumprir bem esse amplo leque de tarefas que vão surgindo, nas antigas e novas frentes de atuação, no curso da grande batalha política existente no país, é necessário um número cada vez maior de bons, preparados e capacitados quadros revolucionários, com amplos conhecimentos e muita sagacidade política.

Uma política de organização, que busque a soma harmoniosa dos esforços de quadros e militantes, espinha dorsal da nossa estrutura vertical leninista, com a contribuição valiosa de filiados, amigos, simpatizantes nas suas variadas atividades, é o caminho que devemos perseguir. Descobrir vínculos permanentes de comunicação com uma grande massa de aderentes que vai se formando em torno do nosso Partido, buscando a sua atuação em correntes de opinião, é um grande desafio. Experiências positivas, como a da CSC, UJS e UBM, precisam ser levadas de forma criativa para outros segmentos sociais. O recente Seminário de Saúde, realizado em Belo Horizonte, aponta nesta direção.

Acredito que o processo do 9º Congresso está contribuindo para melhor definir os contornos dos grandes e desafiantes caminhos que se abrem para o PCdoB e que serão em breve palmilhados por multidões de homens e mulheres em busca da transformação social.

**Do Comitê Central, presidente do PCdoB-CE*

Construção partidária: tarefa permanente

Parte 2

Francisco Livino De Noronha Neto*

Resistência ainda mais ampla

No quadro atual, além da resistência política que devemos empreender contra o neoliberalismo, devemos também, ao mesmo tempo, empreendê-la no campo cultural. Pois cotidianamente o que vemos é cada vez mais inculcar-se na cabeça das pessoas, tendo-se como alvo principal a juventude, novos costumes, hábitos, valores que devem servir para nortear os comportamentos, formas de pensar, de agir etc. É certo que estes variam no tempo e no espaço e de acordo com a cultura. O problema é que com o avanço das comunicações, isto está se dando de forma artificial. O modelo ideal de sociedade que tentam nos impor é o norte-americano O individualismo, embasado na idéia de competição nestes tempos de neoliberalismo, aumenta crescentemente. Existem palavras estranhas à nossa formação histórico-cultural que já são utilizadas, e a tendência é acrescentar-se outras no ritmo em que vão as coisas.

Todas estas coisas, a curto prazo, parecem não significar nada. Mas, a médio e longo prazos, contribuem para deturpar os diversos elementos formadores da nossa cultura, costumes, hábitos, valores etc, contribuindo para rebaixar a auto-estima do nosso povo.

Não faz muito tempo, disse-me um camarada que o Nelson Rodrigues afirmou em certa ocasião: “Que o povo brasileiro valoriza os seus defeitos e despreza as suas virtudes”. Quais os motivos para se pensar assim? Parece que se encaminha todas as nossas mazelas sociais, econômicas e políticas, para desprezar nossa cultura e história! Será isto certo? Talvez. Pois em nosso país em que sempre se empurrou de cima para baixo estruturas sociais, econômicas, instituições políticas, religiosas, jurídicas, entre outros aspectos. Até hoje, as classes dominantes costumam citar exemplos da Europa ou dos EUA, seja em questões de caráter social, econômico ou político. Somos herdeiros de uma cultura política profundamente autoritária. Em que as classes dominantes sempre tomaram decisões de cima para baixo, excluindo toda e qualquer participação política do povo. O melhor exemplo disso é o FHC, representante fiel do autoritarismo dos detentores do poder.

Embora o povo brasileiro tenha dado exemplos brilhantes em revoluções e revoltas com grande participação popular, como a Conjuração Baiana ou Conjuração dos Alfaiates, a Cabanagem, Balaiada, a Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, respectivamente, no Pará, no Maranhão, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina entre outras. Ainda é pouco

experiente em termos de organização social e política. Pois desde a Proclamação da República tem vigorado o autoritarismo no nosso país. Fossem governos militares ou civis, poucos até hoje foram eleitos diretamente. Por outro lado, a experiência e organização de um povo depende do grau de desenvolvimento econômico-social e político do país e também da “existência, capacidade e desenvolvimento de suas organizações políticas”.

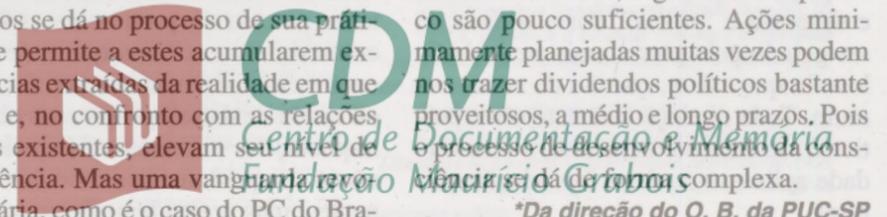
Ainda devemos lembrar que, quando o povo brasileiro adquiria maior experiência e organização e, inclusive, as diversas organizações existiam em maior número e se encontravam com maior capacidade de luta, veio o golpe militar de 64, que desorganizou os variados movimentos políticos através da cassação e repressão.

É necessário procurarmos formas de luta bastante consistentes do ponto de vista, do nosso discurso e prática cotidianas, para estimular o debate, o censo crítico das massas. Naturalmente que o desenvolvimento da consciência dos indivíduos se dá no processo de sua prática, que permite a estes acumularem experiências extraídas da realidade em que vivem e, no confronto com as relações sociais existentes, elevam seu nível de consciência. Mas uma vanguarda revolucionária, como é o caso do PC do Bra-

sil, deve, de acordo com o momento e a complexidade dos problemas, procurar quer do ponto de vista teórico, político, organizativo e da agitação e propaganda, agir em consonância com a nossa realidade econômico-social, política, cultural e histórico. Devemos utilizar imagens. De forma que estas possam criar representações do real, a partir de nossos discursos, palavras de ordem e de nossa prática, para nos contrapormos à ideologia dominante. Capazes de combater o individualismo, estimulando a solidariedade; despertando a força política inconsciente das massas; fortalecendo os laços de sua cultura e história; É importante fazermos tudo isto de acordo com as particularidades locais e regionais.

Muitas vezes, certas ações que parecem estar imbuídas de espontaneísmo são a maneira pela qual nos vinculamos as massas. Acho que devemos tomar iniciativas mesmo quando estas possibilitarem o mínimo de contato com as massas. Mesmo quando o nosso potencial em termos financeiro, organizativo e político são pouco suficientes. Ações minimamente planejadas muitas vezes podem nos trazer dividendos políticos bastante proveitosos, a médio e longo prazos. Pois o processo de desenvolvimento da consciência é um processo complexo.

**Da direção do O. B. da PUC-SP*





Todo comunista com *Princípios*

Divo Guisoni*

Estou de acordo com as teses apresentadas pelo CC ao debate dos comunistas no período do 9º Congresso. Podem haver imprecisões e/ou insuficiências que serão corrigidas no processo ou após o Congresso de outubro, com a contribuição do coletivo.

É correto afirmar que no Partido há um descompasso nas frentes ideológicas e de organização em relação à política. E que na construção partidária a ideologia é a força aglutinadora e a organização a força que materializa a política e a ela serve.

As teses dão justo e importante destaque ao trabalho coletivo, à necessidade de ter um Partido de princípios, mas alegre e criativo como nosso povo, para ganhá-lo à luta e materializar o Partido de feições modernas. Partido que seja ao mesmo tempo de vanguarda e de massas. Vanguarda por suas idéias e propostas transformadoras. De massas por sua capacidade de aglutinar as classes revolucionárias e buscar aliados para materializar sua política e trazer para as fileiras partidárias os mais combativos e conscientes. Partido reconhecido e res-

peitado pelo povo como instrumento necessário à construção do mundo de justiça e igualdade que nosso povo almeja.

A tese faz uma análise um tanto otimista de nosso trabalho de agitação e propaganda quando fala de *A Classe Operária e Princípios*. Nenhuma referência à revista *Debate Sindical* e fala da necessidade de retomar a periodicidade da *Presença da Mulher*.

A imprensa dos partidos comunistas e as publicações de cunho marxista caminham na "contramão" da onda atual. Procuram assimilar a derrota sofrida pelo campo socialista, lutando contra o mais globalizado, monolítico e homogêneo sistema que o imperialismo já criou - os meios de comunicação. Livros, revistas, jornais, noticiários e programas de televisão no mundo servem à mesma causa, quase sempre com as mesmas formas e argumentos. As verdades e fatos que criam muita vezes são virtuais, mas aparecem como reais na cabeça do "povão".

O trabalho dos comunistas nesta frente nunca foi tão desproporcional. Por isto precisamos valorizar mais e utilizar melhor os instrumentos que temos, corrigindo as falhas e superando as incom-

preensões coletivas e individuais. Mais do que nunca precisamos de um jornal ágil, que informe, oriente o coletivo em meio à crise em que vivemos. A crise de *A Classe Operária*, que há quase uma década enfrenta problemas de circulação regular, não é muito distinta da sofrida pela *Presença da Mulher*. Ou das revistas *Debate Sindical* e *Princípios*, que reduzem suas tiragens apesar da melhoria no conteúdo e circulação regular.

É preciso valorizar muito e utilizar mais estes instrumentos nacionais nestes tempos de tanta pressão ideológica e confusão. São materiais feitos com sacrifício, pelo Partido, para armar teórica e ideologicamente a militância.

Ao coletivo dos diversos níveis cabe a responsabilidade de colocar a imprensa partidária ao alcance dos militantes para superar situações como a de São Paulo, onde 62% declararam não ter acesso à mesma. O mesmo vale para o *Programa Socialista* e os livros, até como condição para o efetivo exercício da democracia no Partido.

Mas a responsabilidade pela circulação e manutenção de nossa propaganda é também de cada comunista. Há formas de pedir os materiais diretamente na fon-

te, quando as direções não o fazem. E isto é feito ainda em pequena escala. A promoção da Editora, válida até o Congresso, *TODO COMUNISTA COM PRINCÍPIOS*, para tornar mais fácil e acessível a assinatura da revista (R\$ 20,00 por 1 ano) teve pouca repercussão.

Neste período de debates do 9º Congresso é preciso que cada comunista assumira com mais determinação seu papel no Partido, considerando-se o Partido onde atua, trabalha e vive, assumindo responsabilidades e não ficar atribuindo todos os problemas, erros e críticas aos outros, à direção. Afinal, no Partido todos têm direitos e deveres. E o principal dever do comunista é transformar a política do Partido em força material. Para isto precisa se preparar política e ideologicamente no coletivo e individualmente. Não se consegue lutar contra o modismo de hoje sem fortes convicções ideológicas e lucidez política. E nossa imprensa desempenha importante papel neste processo. Nestes tempos mais do que nunca é preciso repetir: *TODO COMUNISTA COM PRINCÍPIOS*.

*Do Comitê Central, São Paulo, SP

A cultura, campo onde se luta pelo futuro

José Carlos Ruy*

Uma lenda atribui a Goebels, o ministro da propaganda de Hitler, a frase "quando ouço falar em cultura, tenho vontade de puxar o revólver". Verdadeira ou não, essa lenda exprime com precisão um dos aspectos centrais desta área da atuação humana que designamos como cultura, e que indica o campo vasto freqüentado pela produção de idéias, conhecimento e arte, e também lazer e divertimento - ele é um campo de luta, onde ocorre o choque das concepções e visões de mundo, onde os interesses de classe se transformam em teses destinadas a convencer, compreender, orientar a ação dos indivíduos e das classes, cooptar, consolar ou mesmo mistificar. É neste campo que se organiza o consenso social em torno de uma determinada forma de organizar a vida, ou se geram as idéias que contestam as formas existentes e convocam à construção do futuro.

Muitas vezes, a pretexto da imposição de atividades práticas, a cultura, a teoria, o estudo, ficam relegadas a um obscuro segundo plano, com prejuízos graves para a própria ação que se pretende mais importante ou urgente. Afinal, é no campo da produção das idéias que se dá a reflexão crítica a respeito da atividade prática - e sempre é bom ter em mente que, ao contrário do que muitos pensam, quem não se faz "filosofia", e despreza a "teoria", corre o risco de ser guiado pela pior e mais atrasada filosofia que existe, que é a do senso comum. Toda distinção entre teoria e prática é estranha ao marxismo, e esta verdade aplica-se também à produção cultural.

Além disso, o conhecimento humano, sob as múltiplas formas da arte, da filosofia, da ciência e demais produções do espírito e da investigação, tem sempre um condicionamento de classe. A vida cultural de um povo não está dissociada da luta política, econômica e social, não é alheia à luta de classes e às condições em que esta se dá.

Ao contrário, é o estágio da luta de classes, e da consciência de classes, que condiciona toda a vida cultural de uma nação. As manifestações culturais e científicas têm uma folgada margem de autonomia em relação à base material e às relações sociais, mas essa autonomia tem limites que são definidos pelas próprias contradições de classe que, por sua vez, resultam do grau maior ou menor de desenvolvimento da base material e das relações sociais.

Nessa luta, as classes dominantes têm uma vantagem que decorre de sua própria situação privilegiada. Como escreveu Marx, as idéias dominantes de uma época são as idéias da classe dominante, mesmo porque ela detém o monopólio dos meios de produção cultural - as grandes editoras, redes de rádio e televisão, gravadoras, produtoras de cinema e teatro, galerias de arte, universidades, institutos de pesquisa, museus, etc. - tudo isso está nas mãos da burguesia.

Contra o aparato dominante, que dá forma ao aforisma de Marx, há a importante parcela de produtores artísticos, culturais e científicos que enfrentam, com escassos recursos materiais, a difícil tarefa de dar corpo em suas obras às inquietações e interesses daqueles que não se enquadram nos modelos dominantes, mas pretendem elevar o conhe-

cimento humano a posições mais altas e alargar o número de homens e mulheres que se beneficiam dos progressos da cultura. Daqueles que, insatisfeitos com os becos sem saída da cultura burguesa, cujo desenvolvimento estagnou, querem construir um mundo novo, mais avançado, onde as conquistas do espírito sejam ferramentas para desenvolver o potencial multifacético de cada homem ou mulher.

Assim, há dois campos definidos que se confrontam na arena da cultura - de um lado, aqueles que se ligam aos interesses das classes dominantes, e são seus porta-vozes e apologistas. De outro lado, aqueles que lutam pelo progresso social e se esforçam por desenvolver e ampliar o rico patrimônio cultural que a humanidade acumulou ao longo de sua história.

No campo da ciência e da filosofia está registrada a longa trajetória do esclarecimento humano, da conquista do conhecimento a respeito do mundo objetivo, a respeito do próprio homem e das relações que foram estabelecendo entre si através da história. Essa é a forma pela qual os homens transmitem suas aquisições e aprendizados para outros homens e para outras gerações.

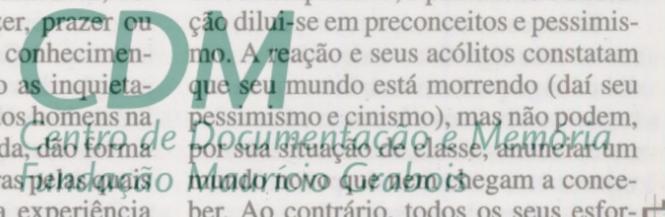
O campo da arte registra a aventura do homem em seu autodesenvolvimento. É errôneo acreditar que as obras culturais, principalmente as artísticas, sejam meros objetos de lazer, prazer ou fruição. Elas são obras de conhecimento, cuja matéria-prima são as inquietações, angústias e alegrias dos homens na experiência concreta da vida, dão forma artística às variadas maneiras pelas quais os homens enfrentam sua experiência

concreta e todas as contradições, individuais ou coletivas que a compõem, e relatam-nas para outros homens, em outros lugares e outros tempos. Nelas está inscrita a multiplicidade da experiência humana acumulada ao longo dos séculos.

Em nossos dias, a reação apresenta como "novo" a destruição da cultura como conhecimento, reduzindo-a a mera fluência e lazer. O culto à novidade, que o capitalismo impõe às obras culturais ao transformá-las em mercadoria, degenera na busca do novo fácil - e falso, pois o novo autêntico resulta do trabalho intenso de investigação e elaboração que permite extraí-lo lá onde ele é realmente gerado e pode ser encontrado: nas contradições da vida do homem e da sociedade.

A ânsia do "novo" decreta de antemão a relatividade de todo saber e a impossibilidade (ou falsidade) do conhecimento objetivo. O senso comum mais atrasado, subjetivo, arbitrário e conservador, é posto na base do pensamento, como se houvesse uma imediata e necessária identidade entre essência e aparência (é bom lembrar a anotação de Marx, de que se a aparência e a essência coincidissem toda ciência seria desnecessária).

Sem capacidade para enfrentar de forma conseqüente os dilemas do mundo contemporâneo, o pensamento da reação dilui-se em preconceitos e pessimismo. A reação e seus acólitos constatarem que seu mundo está morrendo (daí seu pessimismo e cinismo), mas não podem, por sua situação de classe, anunciar um novo mundo. Eles seguem a conceber. Ao contrário, todos os seus esfor-





→ ços dirigem-se no sentido de impedir a investigação do novo autêntico, que nasce através da desagregação do velho.

As obras culturais que se originam dessa postura não poderiam deixar de ser cínicas, pessimistas, voltadas para a exaltação da violência, do prazer individual e para a afirmação do presente, em contraposição a um futuro que parece ameaçador e incompreensível.

Embora dominante, a cultura burguesa enfrenta adversários de grande valor. Suas idéias e teses são denunciadas e desmascaradas por homens e mulheres do pensamento comprometidos com o progresso e a construção do futuro. E aqui, apesar de todo o aparato técnico, financeiro e mercadológico, a cultura da época da decadência da burguesia é frágil. Afinal, trata-se do embate de idéias, e a produção de idéias exige, na verda-

de, um único equipamento altamente sofisticado, o cérebro humano, dotado da vontade de examinar o mundo objetivo, o homem e as relações entre os homens, e armado de conceitos e categorias capazes de apreender e elaborar a infinita complexidade da natureza, da vida e da sociedade, e traduzi-la em formas sensíveis e compreensíveis para os demais seres humanos.

Este é o papel daqueles que se dedicam ao pensamento, à investigação e à elaboração teórica, científica ou artística.

Este é também o papel dos comunistas - cada comunista é um intelectual do proletariado, e cabe-lhe a compreensão profunda de que a relação entre os homens e a natureza, com os outros homens na sociedade, e do indivíduo consigo próprio, é profundamente influenciada

pelas posições e situações de classe. E que o conhecimento, a cultura, a arte, o pensamento, trazem essa marca.

Por isso, cada comunista defronta-se com o desafio de compreender radical e profundamente seu mundo, as contradições de sua vida, para poder organizar, a partir disso, a proposta de uma vida nova e mais avançada. Aquilo que chamamos de cultura tem aqui um papel central. Trata-se de fazer as amplas massas compreenderem que a experiência burguesa já cumpriu seu papel e está superada. E, em torno dessa compreensão e da ampliação radical do conhecimento em todos os domínios, organizar um novo consenso que tenha como eixo os interesses dos trabalhadores, das camadas proletárias e dos setores comprometidos com o progresso social e com uma convivência mais justa entre os ho-

mens, que aponte para um mundo onde os benefícios da cultura sejam partilhados por todos, e não privilégio de uma pequena minoria.

A construção de formas mais avançadas de manifestações culturais, em todos os campos (na ciência, na arte, no pensamento etc), que rompam com os limites acanhados da experiência burguesa, é um desafio e uma necessidade para os comunistas. Se não nos debruçarmos com decisão sobre esta tarefa, corremos o risco de ficar repetindo de forma tal-múdica nossos clássicos, traindo aquilo que faz a vitalidade e o vigor do marxismo - sua relação com a vida, com a história, sua capacidade de compreender e dar forma compreensível às contradições da vida presente.

**Da Comissão Nacional de Propaganda e da revista Princípios*

Vicissitudes da Propaganda do PCdoB

*Pedro de Oliveira**

A propaganda burguesa adquiriu tal magnitude que podemos considerá-la um dos fatores importantes da manutenção da unidade interna do sistema capitalista/imperialista dominante no mundo. As teorias de Goebbels - o ministro da Propaganda de Hitler - sobre os mecanismos da comunicação nazista, vão sendo substituídas por elaborações extremamente complexas. O conceito de que *uma mentira repetida mil vezes acaba se tornando uma verdade*, hoje em dia, é trabalhado de forma muito mais sofisticada: procura-se apresentar *meias verdades, verdades fora do contexto, mentiras baseadas em aspectos da verdade*, em substituição às mistificações grosseiras. Um bom exemplo dessa capacidade de tergiversação ideológica é a utilização que se faz do conceito de "globalização". A palavra globalização é apresentada como se expressasse algo mágico. Tentam nos vender a idéia de que a tal globalização é processo irreversível em curso na economia mundial e que só nos resta a adaptação a esse movimento inexorável, comandado por forças tec-

nológicas e pelas grandes corporações, ditadas transnacionais, que operam no plano internacional. Uma palavra com uma conotação positiva é utilizada para esconder o que consideramos a terceira grande ofensiva do imperialismo contra os povos, a política neoliberal, que de nova não tem nada. Ao contrário, trata-se de um período regressivo da história da humanidade, que o documento do nosso Congresso qualifica de crise civilizatória. A propaganda burguesa é instada a "maquiar" os problemas criados por essa onda neoliberal que varre o mundo - como a exclusão e o desemprego -, a desregulamentação, a liquidação das fronteiras e da soberania dos países dependentes. O interessante de se notar é que os gastos públicos nos países ricos vêm crescendo, ao contrário do que eles determinam para a periferia do sistema, enquanto que as chamadas multinacionais absolutamente não perderam suas bases nacionais.

Para enfrentar esta verdadeira máquina de guerra ideológica e conscientes de nossos poucos recursos financeiros, é imprescindível o fortalecimento dos órgãos nacionais, um jornal político e uma

revista teórica e de informação, que possam analisar e polemizar sobre a grande ofensiva do capital e as saídas para a crise. Nosso trabalho regional de divulgação, organização da distribuição e venda dos materiais, entretanto, é bastante precário. Com raras exceções, existe uma tendência forte ao localismo e ao regionalismo expresso em cotas estaduais decrescentes dos instrumentos de propaganda nacionais.

Para ilustrar o problema, no Estado de São Paulo - que neste processo de Congresso distribuiu o maior número de jornais e é o único que está em dia com os pagamentos - foi realizada uma pesquisa entre os filiados que participaram do processo do Congresso na capital: dos 1600 participantes da conferência municipal (de 106 organizações de base), 62% declararam não ter acesso à imprensa partidária; 17% são leitores do jornal *A Classe Operária*; 5% lêem a revista *Princípios*, sendo que 15% declararam ter acesso às duas publicações eventualmente. Esses números são implacáveis.

Quanto à questão da necessidade de órgãos nacionais do Partido, essa discussão não é nova. Lênin, em sua obra *Que*

Fazer?, escreveu: "A predominância da imprensa local sobre a imprensa central é um indício de miséria ou opulência. De miséria, quando o movimento ainda não forneceu forças suficientes para a produção em grande escala, quando ainda vegeta nos métodos artesanais e está quase imerso nos 'pequenos fatos da vida de fábrica'. De opulência, quando o movimento já teve êxito completo em cumprir suas múltiplas tarefas de divulgação e de agitação, e surge a necessidade de se ter, paralelamente a um órgão central, numerosos órgãos locais."

De qualquer forma, precisamos manifestar nosso descontentamento profundo em relação ao trabalho quase artesanal que ainda reina entre nós, e a firme disposição, como afirmava Lênin, de nos desembaraçarmos dele. Os trabalhos deste 9º Congresso podem ajudar a alavancar nossa imprensa nacional, e todos os que participaram das assembleias de base, cerca de 20 mil camaradas, em princípio deveriam tornar-se leitores, contribuintes, articulistas, repórteres, divulgadores e assinantes d' *A Classe Operária* e da *Princípios*.

**Do Secretariado do Comitê Central*

O papel fundamental que nós comunistas temos

*Ana Paula B. de Faria**

Creio que o 9º Congresso do PCdoB deva ser um marco de renovação na vida do Partido. Quando digo renovação falo em vigor, renovação de forças e de responsabilidade para com o Partido. O que nos tem faltado ultimamente é a auto-estima, tão fundamental para que possamos assumir nossa condição de revolucionários.

Precisamos assumir a responsabilidade que cada um de nós tem, enquanto formadores de opinião, críticos e estudiosos do marxismo que devemos ser. Principalmente a dedicação ao estudo. Esta se torna cada dia mais necessária para que tenhamos recursos para enfren-

tar o inimigo que se torna cada dia mais perverso: o capitalismo.

O povo se mostra carente de uma alternativa transformadora social e nos cabe preencher este espaço vazio. Claro que nem sempre as coisas se tornam tão simples, pois a cada dia somos mais ameaçados e colocados como reféns da crise que o capitalismo nos oferece. Nos tiram direitos e nos obrigam a aceitar condições absurdas de sobrevivência. Postos de trabalho são drasticamente reduzidos, praticamente não existem e, quando existem, são com salários humilhantes. Isto para exemplificar somente a questão econômica. Então, ou o trabalhador se submete às condições impostas, ou se une à massa de desempregados.

Então, essa é a livre concorrência que o capital quer nos impor, essa é a democracia que dizem que devemos agradecer, essa é a liberdade que nos dizem todos os dias que temos? Livre concorrência para nos transformarmos em selvagens que querem competir com outros que também só querem viver com dignidade? Democracia, com capital internacional movendo milhões de dólares para manter o seu reprodutor do neoliberalismo comandando a destruição do país? Liberdade para morrer de fome?

Sabemos que a alternativa existe e é o socialismo. Sabemos também que o capitalismo ainda tem fôlego e que talvez o neoliberalismo não seja o seu últi-

mo estágio. Também sabemos que o Partido é o nosso instrumento para a luta e que com ele impulsionamos e forjamos a massa para que tenham noção e se libertem da exploração a que são submetidos. Precisamos ser firmes em nossos objetivos, não desanimar a cada derrota circunstancial que o capitalismo nos oferta e acreditar que somente a nossa constante formação nos tornará verdadeiros revolucionários e assim imprimiremos uma derrota definitiva ao capitalismo. Caso contrário, se desanimarmos, estaremos sendo coniventes com toda a situação atual. Precisamos ser firmes em nossos objetivos, não desanimar a cada derrota circunstancial que o capitalismo nos oferta e acreditar que somente a nossa constante formação nos tornará verdadeiros revolucionários e assim imprimiremos uma derrota definitiva ao capitalismo. Caso contrário, se desanimarmos, estaremos sendo coniventes com toda a situação atual.

**Secretária de Organização de Base do Judiciário - Porto Alegre-RS*



Educar, formar ou capacitar? Eis uma velha questão

Lejeune Mato Grosso Xavier de Carvalho

Não era nossa intenção iniciar a participação no processo de discussão dos temas do Congresso pela questão da educação partidária. Há assuntos que temos acompanhado pela *Tribuna de Debates* que têm nos motivado a desenvolver mais estudos e leituras, em especial assuntos do tema internacional das teses e particularmente sobre a crise do capitalismo. Mas tais discussões seguirão em artigos posteriores.

No processo de realização das Conferências Municipais, em praticamente todas elas elegemos novas direções nas cidades. Em sua grande maioria compostas de camaradas que entraram no Partido há poucos anos, para não dizer em menos tempo. Não conhecem ou conhecem pouco a história partidária, as doutrinas, não tiveram oportunidades de participar de curso de educação política e ideológica nas escolas do Partido, enfim, assumem o comando partidário sem o preparo necessário para as tarefas que se avizinham.

Grosso modo, se fizermos Conferências em mil cidades, sairemos deste Congresso com perto de 7 mil dirigentes municipais, se levarmos em conta uma média de 7 por cidade e centenas de dirigentes estaduais.

Há uma diferença entre a formação e a capacitação política que ocorre no dia a dia das lutas das massas, com o povo, nas fábricas, nas escolas e bairros e a que se faz necessária para a formação de um quadro de direção do Partido. Um quadro partidário deve aliar o importante aprendizado da luta com o estudo sistemático da teoria marxista-leninista. Para isso, além do estudo individual, são ne-

cessários cursos especiais em vários níveis, que devemos voltar a pensar em montar.

Até um certo tempo atrás, existiam os cursos nacionais, em vários níveis. Havia ainda os cursos chamados panorâmicos, com duração variada. Nestes últimos 6 anos, considerando apenas o tempo do fim da URSS até hoje, o mundo passou e passa por mudanças profundas. Valores há tempos arraigados são, de um momento para outro, contestados. Conceitos históricos são revistos, modificados. Quem era revolucionário é visto pela mídia como conservador, "jurássico", dinossauros etc.

Ainda em passado recente, chegamos a ter apostilas de cursos marxistas-leninistas (em São Paulo, tínhamos a do Ceps). Mesmo alguns dos livros didáticos que usávamos, como os da Martha Harnecker e o de George Politzer, ambos verdadeiros manuais de estudos, falam de uma época e de um tempo que já não é o mesmo (o campo socialista hoje restringe-se a poucos países, e mesmo esses enfrentam dificuldades). Mas a pergunta que fica é: ainda assim, os conceitos fundamentais dessas obras modificaram-se? Tornaram-se obsoletos? Precisam ser revistos? Pensamos que não.

Em nossa experiência na docência do ensino superior, é muito comum alguns alunos em cada sala de aula interessarem-se pelo aprofundamento dos estudos do marxismo enquanto ciência da sociedade e criadora de leis gerais que procuram explicar essa mesma sociedade. A indefectível pergunta que quase sempre vem é: "professor, quais livros o senhor recomenda para eu ler no sentido de aprimorar meus conhecimentos do marxismo?". E aí apresentamos uma lis-

ta, um pequeno roteiro de leitura.

Refletindo concretamente nessa questão, podemos imaginar que há uma "ordem" lógica para o crescimento na educação ideológica marxista-leninista, ou as leituras podem ocorrer aleatórias, em qualquer ordem? Ainda outro dia no Comitê Estadual de São Paulo, ao procedermos à filiação de uma estudante universitária, esta nos disse que já havia lido **dois volumes do Capital**, mas não tinha lido o *Manifesto Comunista* (que aliás fará em fevereiro de 98, 150 anos da sua publicação). Disse-nos que "não havia entendido bem *O Capital*...", mas não era para menos.

O aprendizado segue um acúmulo contínuo e sistemático, organizado, onde tudo deve vir a seu tempo. É assim na vida, no aprendizado profissional, nas escolas e nos processos de educação formal. Existem pré-requisitos no aprendizado para que possamos ir evoluindo gradativamente (salvo os gênios, que saltam etapas). Também no Partido e na questão da educação deve ser dessa forma.

Nesse sentido, devemos fortalecer a Comissão Central de Educação do Partido. E propositalmente usamos a palavra **Educação**, para diferenciar da formação e capacitação, que devem ser utilizados especificamente para determinados aspectos do aprendizado, aspectos particulares. A educação é contínua e permanente e, em nosso caso, devemos preservar e manter o espírito criador e revolucionário da teoria marxista-leninista.

Quando o filósofo grego pré-socrático **Heráclito**, precursor da dialética moderna, disse a sua famosa frase "...não é possível a um mesmo homem banhar-se

em um mesmo rio duas vezes, porque nunca será o mesmo homem e o rio não será mais o mesmo...", queria nos dizer na essência que tudo muda e se transforma. Essa concepção mudou? E propaga-se com uma solidez no ar há 2,5 mil anos.

Assim, recompor a Comissão de Educação, composta por intelectuais orgânicos do Partido (que podem ou não ser intelectuais e acadêmicos no dia a dia) deve ser pensada pelo 9º Congresso. E recompô-la dando-lhe a atribuição, entre tantas outras, de pelo menos as seguintes tarefas: 1. Elaboração de uma seleção (em ordem de complexidade) de uma lista de livros da doutrina marxista-leninista por níveis de complexidade; 2. Elaborar um roteiro de estudos do **Capital 1**; 3. Organizar cursos em diversos níveis (seriados ou com imersão total); 4. Preparar pequenos manuais e apostilas que facilitem o aprendizado dos quadros do Partido; 5. Contribuir para ampliar o trabalho com a intelectualidade próxima do Partido; 6. Fazer um levantamento e propor uma articulação nacional entre os camaradas doutores (professores universitários, pesquisadores ou não); 7. Estudar formas de como a Comissão de Educação trabalha com o Instituto "Maurício Grabois". São essas algumas idéias iniciais e propostas para a discussão.

**Da Comissão de Organização do Comitê Estadual do PCdoB-SP*

1 A edição que utilizo é da Bertrand do Brasil, de 1991, traduzida por Reginaldo Santana a partir da 1ª edição original alemã terminada de organizar por *Friedrich Engels*, e tem os 4 Livros, totalizando na edição brasileira 9 volumes.

TEORIA, POLÍTICA E INFORMAÇÃO EM PRINCÍPIOS

Leia na edição 45 de Princípios:

Socialismo no século XXI, por **João Amazonas**

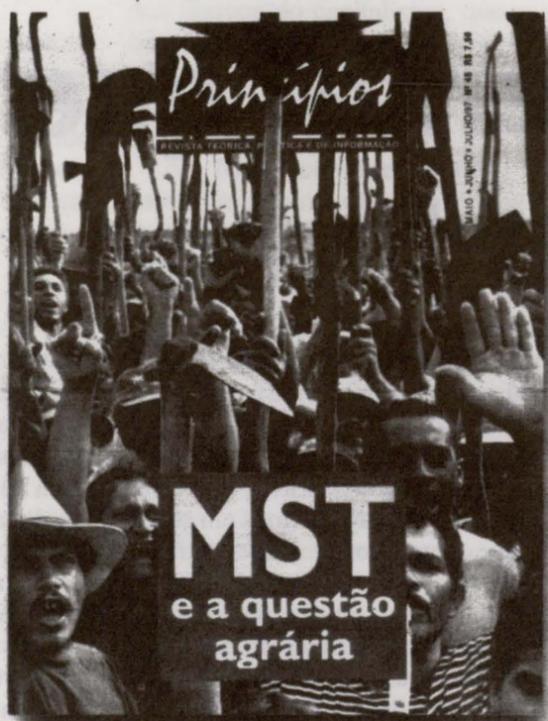
Terra, direito e justiça, por **José Saramago**

Os apóstolos do passado e os porta-vozes do futuro, por **José Carlos Ruy**

Caminhos de um autoritarismo civil subalterno, por **Haroldo Lima**

Forças Armadas, poder naval e soberania nacional, por **Aldo Reberlo**

E muito mais!



Faça seu pedido para Editora Aníta Garibaldi,
rua Mons. Passalacqua, 158, CEP 01323-010, São Paulo-SP,
fone 011 289-1331, e-mail: agprincipios@ax.lbase.org.br

ATENÇÃO!

Dia 28 de agosto é o
último prazo para entrega de
artigos para a

**TRIBUNA DE
DEBATES**

Envie seus artigos para Comissão Editorial
Rua Major Diogo, 834 - Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01324-000 - Fax: (011) 608-4104
E-mail: pcdob@ax.apc.org.br

PUBLICAÇÕES DOS PARLAMENTARES DO PCdoB

Fábio Palácio e
Cristiano Capovilla



Araguaia - Epopéia da Luta pela Liberdade

O livro consiste na transcrição de audiência pública, na Câmara dos Deputados, com João Amazonas - presidente nacional do Partido Comunista do Brasil. A audiência foi realizada em Brasília pela Comissão de Direitos Humanos, da Câmara - presidida pelo deputado Hélio Bicudo (PT-SP) - a partir de solicitação do deputado Inácio Arruda (PC do B-CE).

O evento - que contou com a participação do jornalista português Miguel Urbano, membro do Parlamento europeu - tinha a finalidade de ouvir Amazonas acerca da Guerrilha do Araguaia.

Em um depoimento emocionante, João Amazonas, protagonista do acontecimento, relembra o contexto em que começou a ser preparada a guerrilha.

O dirigente comunista resgata a histórica guerrilha do Araguaia como um grande episódio de luta do povo brasileiro, pelo heroísmo de seus combatentes e pela duração do levante, de três anos.

O livro é um documento sintético e ao mesmo tempo abrangente, boa leitura para os que querem informações mais profundas sobre as circunstâncias e o significado da Guerrilha do Araguaia.

Pedidos podem ser feitos à Ed. Anita-Tel.:(011) 289 1331



Caminhos de um Autoritarismo Civil Subalterno

Reúne seis textos do deputado Federal Haroldo Lima (PCdoB - BA). O livro traz também uma coletânea de artigos, publicados em vários órgãos da imprensa, de intelectuais como Jânio de Freitas, C.H. Cony, D. Luciano Mendes de Almeida, Maria da Conceição Tavares e Luiz Fernando Veríssimo.

Os assuntos abordados nos diversos textos são vários: o golpe da compra dos votos para a reeleição de FHC; o crime de lesa-pátria da privatização da Vale; o papel das forças armadas na atual conjuntura; a inserção subordinada do Brasil de FHC na globalização neoliberal, dentre outros.

Essa diversidade temática está unida pelo fio comum enunciado no primeiro texto de Haroldo Lima, homônimo da publicação. Nele, o parlamentar comunista, a partir de uma análise dos seis primeiros anos de neoliberalismo no Brasil, indica os determinantes da atual escalada anti-democrática - que vem se concretizando com as restrições eleitorais e o avanço agressivo do Executivo sobre os outros poderes. A diminuição do espaço democrático acompanha a perda progressiva da soberania do povo sobre suas decisões.

Pedidos podem ser feitos nos Tels.:(061) 318 5456 e 318 2456



40 Horas Semanais - Mais Emprego - Mais Vida para o Povo

Em "40 Horas Semanais - Mais Emprego - Mais Vida para o Povo", o leitor encontrará textos e pronunciamentos do deputado federal Inácio Arruda (PCdoB-CE), integrante das Comissões de Ciência, Tecnologia, Comunicação e Informática e de Defesa do Consumidor, Meio Ambiente e Minorias.

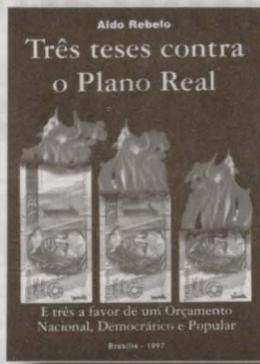
O livro trata de temas como política salarial, quebra dos monopólios estatais e soberania nacional, índios, Lei de Patentes, universidade públicas, restrições à Democracia e jornada de trabalho.

A caracterização do Estado do Ceará em "O Ceará é assim..." mostra como uma bem montada operação publicitária transformou o Estado em laboratório da política neoliberal no país.

Merece destaque também o primeiro texto, "Ao Lado dos Trabalhadores", que identifica na reestruturação produtiva e na crise econômica os fatores determinantes do desemprego.

O livro de Inácio Arruda traz informações importantes para todos os interessados na luta dos trabalhadores por melhores condições de vida, luta da qual a diminuição da jornada de trabalho é importante capítulo.

Pedidos nos tels.:(061) 318 5582 e 318 2582



Três Teses contra o Plano Real

"Três Teses sobre o Plano Real e Três a Favor de um Orçamento Nacional, Democrático e Popular" é uma publicação do deputado federal Aldo Rebelo (PCdoB-SP).

O texto publicado foi produzido em um grupo de discussão do qual, além de Aldo Rebelo - integrante de quatro comissões na Câmara, dentre elas a de Economia, Indústria e Comércio -, participaram Raimundo Rodrigues Pereira (org), Lécio Moraes, Luiz Marcos Gomes e o deputado Sérgio Miranda (PCdoB-MG), dentre outros.

O trabalho descreve os pressupostos econômicos do Plano Real, como o déficit zero e a âncora cambial, mostrando a contradição entre a retórica defensora do Plano e seus reais objetivos, relacionados "aos imperativos dos capitais financeiros globalizados, que encontraram no serviço da dívida pública e nas políticas monetárias... o mecanismo mais eficiente de transferência efetiva de riqueza".

Após o diagnóstico da estru-

tura do Plano de Estabilização, e à luz desse diagnóstico, Rebelo desmistifica algumas idéias ufanistas, como a de que o Real "promoveu enorme distribuição de renda entre os pobres" ou a de que a globalização é um processo "natural e benfazejo".

Boa leitura para todos os interessados em informações sobre os aspectos político, econômico e social da conjuntura nacional.

Pedidos nos tels.:(061) 318 5924 e 318 2924



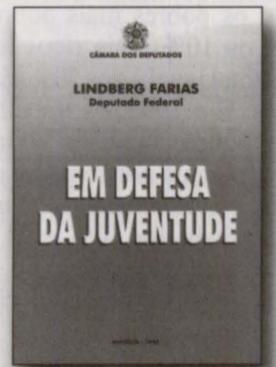
Redução da Jornada de Trabalho - Necessidade Histórica dos Trabalhadores

"Trabalho - Necessidade Histórica dos Trabalhadores" é um trabalho desenvolvido em 97 pelo deputado federal Inácio Arruda (PCdoB-CE), como parte de sua luta parlamentar pela diminuição da jornada de trabalho. O texto é uma análise crítica da forma atual de integração do Brasil no mercado mundial. Fundamenta-se em uma reflexão, sucinta mas profunda, sobre o conceito de trabalho, a atual crise do emprego e as perspectivas dessa crise.

Arruda observa as perdas sociais dos trabalhadores com a flexibilização da legislação trabalhista, que vêm gerando mais desemprego. Desmistifica a idéia governista do "Custo Brasil", que vem servindo de justificativa para as demissões e a desregulamentação do mercado de trabalho.

É uma boa síntese das tendências atuais do mundo do trabalho e das alternativas de luta dos trabalhadores. Pode ser adquirido no Gabinete do Deputado, em Brasília.

Pedidos nos tels.:(061) 318 5582 e 318 2582



Em Defesa da Juventude

Publicação organizada pelo deputado federal Lindbergh Farias, reúne textos e pronunciamentos sobre assuntos como reeleição, reforma do ensino superior, juventude e UJS.

O livro é leitura essencial para militantes e demais interessados nas questões da Frente de Juventude e do movimento estudantil. Pode ser encontrado no Gabinete do Deputado, nos tels.:(061) 318 5613 e 318 2480.

Nivaldo e Jamil lançam publicações em São Paulo

O deputado Nivaldo Santana, presidente da Comissão de Relações do Trabalho da Assembléia Legislativa, está lançando o livrete intitulado "Redução da Jornada - Alternativa para diminuir o desemprego". A publicação é fruto da discussão da audiência pública realizada em junho para discutir o tema e tem apresentação do deputado federal pelo PCdoB, Aldo Rebelo.

A audiência pública contou com a participação de representantes dos trabalhadores, empresários e governo e tratou da viabilidade da redução da jornada para criação de empregos. O deputado Nivaldo Santana ressaltou a importância de reforçar a campanha de arrecadação de assinaturas em apoio à Proposta de Emenda Constitucional apresentada pelos deputados Inácio Arruda (PCdoB-CE) e Paulo Paim (PT-RS) na Câmara dos Deputados, que reduz a jornada de trabalho para 40 horas semanais. O livrete também divulga os projetos do deputado

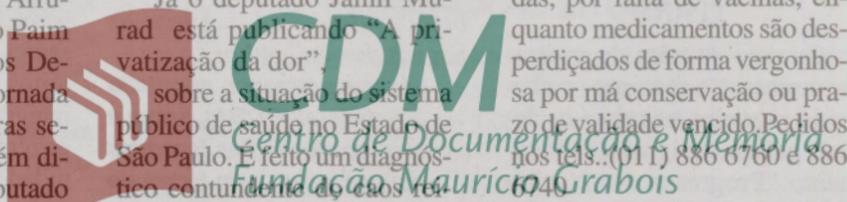


para amenizar os efeitos do desemprego: o passe-desemprego, a não-suspensão do fornecimento de água e luz dos trabalhadores desempregados e a criação da Universidade Livre do Trabalhador. Pedidos nos tels.:(011) 884 2322 e 886 6846

Já o deputado Jamil Murad está publicando "A privatização da dor", sobre a situação do sistema público de saúde no Estado de São Paulo. É feito um diagnóstico contendo de seus res-



nante neste setor fundamental para a população, e que está cada vez mais à mercê da política neoliberal, com redução de investimentos e privilégio ao lucro. Esta lógica perversa é o que permite que o Brasil se veja às voltas com epidemias de doenças que já estavam controladas, por falta de vacinas, enquanto medicamentos são desperdiçados de forma vergonhosa por má conservação ou prazo de validade vencido. Pedidos nos tels.:(011) 886 6760 e 886 6740





GIRAMUNDO

José Carlos Ruy

Capitalismo popular

O domínio neoliberal foi altamente nocivo para o povo inglês, segundo uma pesquisa do Instituto de Estudos Fiscais, da Grã Bretanha. Nos últimos 20 anos, os ricos ficaram mais ricos, e os pobres mais pobres. Hoje, os 10% mais ricos tem renda total igual à dos 50% mais pobres. Em 1995, os trabalhadores pobres ingleses viviam com 200 reais por semana, em média, contra a média semanal de 880 reais dos 10% mais ricos. Apenas 1,6 milhão de ingleses (ou 2,7% da população) tem renda superior a 1.200 reais por semana. "O aumento da desigualdade", disse Paul Johnson, subdiretor do instituto e co-autor do livro *Desigualdade no Reino Unido*, "é provavelmente a maior transformação social dos últimos 20 anos".

De olho na Amazônia

Em julho, numa reunião de policiais federais do Brasil, Peru e Colômbia, ocorrida em Iquitos (Peru), patrocinada pela DEA, o órgão norte-americano de combate às drogas), quatro oficiais do exército dos EUA insistiram na idéia do envolvimento das forças armadas latino-americanas no combate ao narcotráfico e dos militares norte-americanos e agentes do CIA terem livre tráfego pelas fronteiras dos países amazônicos. Para os militares brasileiros, essa não é uma tarefa das forças armadas, mas da polícia de cada país. Além disso, os militares brasileiros (e também o Itamaraty e a Polícia Federal) estão convencidos de que esta é mais uma tentativa de interferência norte-americana na Amazônia e nos assuntos internos dos países da América Latina. A denúncia consta de um documento confidencial produzido pelo Centro de Inteligência do Exército, e trás os nomes dos militares norte-americanos: os majores Dave Erchull e Ben Hadley, o capitão John McQuarry e o capitão-de-corveta Vince Campos.

Alto risco

Quando se trata de maltratar mulheres e meninas, o chamado primeiro mundo e os demais países são iguais. O documento "Progresso das Nações 1997", da Unicef (Fundo das

Nações Unidas para a Infância) mostra que existem 60 milhões de mulheres e meninas desaparecidas no mundo, vítimas de violência. Nos EUA, a cada nove segundos uma mulher é vítima de violências ou abusos cometidos por seus próprios companheiros. Na Índia, mais de cinco mil mulheres são assassinadas anualmente por seus maridos, a pretexto de serem "pouco eficientes". Apesar disso, diz o relatório, entre os 193 países que fazem parte da ONU, apenas 44 tem legislação de proteção da mulher. "No mundo de hoje, nascer mulher significa pertencer a um grupo de alto risco", diz Carol Belamy, diretora executiva do Unicef.

Ventos do sul

Um vento suave e promissor sopra para as oposições na Argentina. A União Cívica Radical e a Frente País Solidário uniram-se para participar da eleição parlamentar em 1998, com um programa onde defende a paridade cambial do peso com o dólar; uma política educacional para o século vindouro; luta contra a corrupção; fim dos privilégios de todos os funcionários públicos; negociações de empresários e sindicatos para solucionar a crise social e o desemprego. A *Alianza* sai bem, e pode derrotar o neoliberalismo de Carlos Menem.

Dizem...

"O livro é um produto como qualquer outro."

Luis Schwarcz, da Cia das Letras, na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro

"Se a França encarasse os livros como sapatos e não como veiculadores de idéias, não teria feito a revolução"

Alice Raillard, da editora francesa Galimard, na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro

"Estamos perto do limite da ruptura da ordem. É o começo de uma convulsão social"

Jarbas Passarinho, senador e ex-ministro da Justiça, sobre a greve dos PM do Ceará

"É como se a Princesa Isabel excluísse da Lei Áurea os negros dos quilombos"

Jacques Wagner, deputado federal (PT/BA), sobre a exclusão das fazendas ocupadas por sem terras do programa de reforma agrária

Foro de São Paulo

Unidade internacional pela soberania e democracia

Por Edvar Bonotto

Aconteceu de 31 de julho a 3 de agosto, em Porto Alegre, o 7º encontro do *Foro de São Paulo*. Dos partidos participantes, 58 são *Foro da América Latina e Caribe*, 9 partidos convidados da América Latina e Caribe e 15 de outros continentes.

O secretário de relações internacionais do PCdoB, José Reinaldo Carvalho, participou do encontro.

Classe - Qual a importância política do Foro de São Paulo e qual a importância específica desta 7ª versão do Foro?

José Reinaldo - O Foro de São Paulo é a principal articulação de partidos de esquerda da América Latina e Caribe. Desde o seu primeiro encontro (que ocorreu em 1990, em São Paulo), ele tem tirado resoluções de caráter antiimperialista, em favor da unidade e integração dos povos latino-americanos, em solidariedade a Cuba e a todos os povos que lutam no continente. Este 7º Foro teve a importância realçada por dois fatores: primeiro, porque se realizou num momento em que se intensifica a ofensiva neoliberal, capitaneada pelo imperialismo norte-americano, que procura impor uma maior subordinação aos países do continente, a negação de sua soberania, a negação dos direitos dos trabalhadores e maiores restrições à democracia; segundo, porque cresce a luta de resistência dos povos latino-americanos e caribenhos contra a ofensiva neoliberal, que se traduz no aumento de greves de trabalhadores, em levantamentos populares e em vitórias eleitorais de forças de esquerda e centro-esquerda.

Classe - Quais as principais decisões tomadas pelos partidos reunidos em Porto Alegre?

José Reinaldo - Foi aprovada uma declaração final que constitui uma ata de acusação ao neoliberalismo e, simultaneamente, uma plataforma comum de luta. A declaração



Mesa de abertura do Foro São Paulo, em Porto Alegre

acentua de modo especial a luta em defesa da soberania nacional, da democracia e dos direitos sociais dos povos. Um expressivo número de partidos afirmou que, em perspectiva, não há saída nacional e democrática nos marcos do capitalismo, enfatizando, assim, a defesa da alternativa socialista. Essa ênfase, embora não unânime no *Foro*, representa um amadurecimento nas elaborações de muitos partidos. Neste 7º Encontro foram realizados seminários temáticos, dentre eles se destacaram os de mulheres e os de parlamentares. Esses seminários aprovaram a resolução de manter e ampliar a articulação dos partidos membros do *Foro* nestas frentes de trabalho específicas, além da realização de eventos entre o 7º e o 8º Encontro do *Foro*. Foi aprovada também uma moção de solidariedade a Cuba e de condenação à lei Helms-Burton (lei com caráter de extraterritorialidade, imposta pelos Estados Unidos, que proíbe países e empresas de negociar com Cuba).

Classe - Que significado tem esse encontro para os partidos observadores de outros continentes?

José Reinaldo - A julgar pelo número de partidos de outros continentes presentes em Porto Alegre (15 partidos), o 7º Foro de São Paulo se reveste de significação mundial. As questões estratégicas debatidas

em Porto Alegre e o significado do *Foro* como espaço de articulação e unidade entre as forças de esquerda ultrapassam sua repercussão para além da América Latina e Caribe.

Classe - E os partidos comunistas?

José Reinaldo - Os partidos comunistas dedicam uma grande atenção ao *Foro de São Paulo*: 12 partidos comunistas latino-americanos e 11 partidos comunistas de outros continentes estiveram em Porto Alegre. Eles realizaram uma intervenção com muita qualidade, unitária e centrada na luta antiimperialista. O PCdoB participa do *Foro* desde a sua fundação e teve uma delegação numerosa neste 7º Encontro, integrada por membros de seu secretariado, comissão política, bancada de parlamentares, comitê estadual do RS e frente de mulheres (dentre eles, Renato Rabelo, Aldo Rebelo, Sérgio Miranda, Haroldo Lima e Socorro Gomes). Os representantes do PCdoB tiveram presença e intervenção nas sessões, nos seminários e participaram das liberações. Além disso, a representação do PCdoB realizou um grande número de conversações bilaterais com dezenas de partidos presentes, especialmente comunistas, o que traz como resultado o reforço de novas relações internacionais e uma maior inserção no movimento progressista do mundo.

Impunidade para militares e cárcere para opositoristas na Colômbia

O presidente da Colômbia, Ernesto Samper Pizano, tem-se caracterizado como um fanático defensor do Fórum Militar, que permitiu que milhares de desaparecimentos, assassinatos, massacres e outras violências dos direitos humanos cometidas por integrantes das Forças Armadas gozem da mais completa impunidade. Segundo o Departamento Internacional do Partido Co-

munista Colombiano, nesse país "o terrorismo de Estado e a violência política estão entre os mais altos do mundo e a impunidade alcança o índice de 99%".

Enquanto os militares permanecem impunes, aumentam as perseguições contra os setores populares. Recentemente, cerca de 100 dirigentes comunistas de Urubá foram julgados com a utilização de "testemu-

nhas ocultas" oriundas da rede de informantes do Exército, e cerca de 20 foram condenados a mais de mil anos de prisão. Também dirigentes da União Sindical Operária foram acusados com base em informações de "testemunhas ocultas", e centenas de camponeses, operários, estudantes e trabalhadores estão encarcerados após julgamentos suspeitos.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



O encontro internacional de trabalhadores mostrou que o neoliberalismo ataca os direitos dos trabalhadores em todo o mundo. Por isso, ficou decidido que é preciso globalizar também a resistência. O encontro aprovou também a realização de jornadas de luta

Trabalhadores condenam o projeto neoliberal

Guimar Prates

Havana, capital de Cuba, foi sede do Encontro Internacional dos Trabalhadores frente à Globalização e o neoliberalismo, realizado entre 6 e 8 de agosto. O encontro contou com mais de 1300 participantes, representando 61 países dos cinco continentes. A delegação brasileira foi o maior do encontro, com cerca de 400 delegados. Da Corrente Sindical Classista, participaram mais de 90 pessoas.

Além de sindicalistas, este encontro teve a participação de cientistas sociais, intelectuais, camponeses, trabalhadores rurais sem terra, mulheres e jovens.

Programa mínimo

Os delegados aprovaram um programa mínimo de ação, que convoca a jornadas de luta unitárias dos trabalhadores e outros setores da sociedade, através de suas organizações, contra o neoliberalismo.

Ficou definido que estas jornadas se darão, especialmente, em datas como o 1º de Maio, Dia Internacional dos Trabalhadores. Neste ano, acontecerá uma jornada internacional de luta em 8 de Outubro, Dia Internacional de Solidariedade a Cuba. Nesta data serão lembrados os 30 anos da morte de Che Guevara, caído em combate na luta pela libertação da Bolívia. O próximo encontro será realizado no Brasil, em 1999.

Durante os três dias de discussão, foram relatadas as consequências nefastas que a aplicação do projeto neoliberal causa nos quatro cantos do mundo. O desemprego, que atinge todos os países, os mais e os menos desenvolvidos, é uma das prin-



Mais de 1.300 trabalhadores participaram do Encontro

cipais preocupações dos dirigentes sindicais presentes ao encontro.

As denúncias contra o imperialismo foram unânimes, devido aos efeitos ainda mais negativos que causa, no atual mundo unipolar, sobre os trabalhadores dos países do Terceiro Mundo e também sobre os países industrializados. Além do desemprego, outros aspectos são comuns, como a desregulamentação dos direitos trabalhistas, a redução de salários e a supressão de históricos benefícios sociais.

Também foram aprovadas resoluções contra o bloqueio a Cuba e sua intensificação mediante a lei Helms-Burton e em favor das lutas legítimas de todos os povos do mundo. Os delegados proclamaram, insistentemente, em centenas de intervenções, a necessidade da

unidade dos trabalhadores de todo o mundo frente à globalização neoliberal, independente de diferenças políticas, ideológicas e filosóficas. Apesar do reconhecimento de que os trabalhadores não conseguem ainda dar uma resposta contundente à aplicação do projeto neoliberal, várias intervenções destacaram o crescimento e ampliação da resistência em todo o mundo, com a realização de greves, marchas contra o desemprego e, até mesmo, com a vitória de opositoristas em eleições, como foi na Inglaterra e na França.

Internacional Socialista

O presidente da Assembléia Nacional do Poder Popular de Cuba, Ricardo Alarcón, em intervenção especial na plenária final, se referiu ao conflito que a ilha enfrenta com os Estados Unidos, recordando as atividades agressivas que o país sofre. Alarcón destacou que o povo cubano resiste e saberá resistir a estas agressões, "provocadas porque nosso país encarna a possibilidade de uma alternativa, apartada do dogma neoliberal que eles pretendem impor ao mundo".

A resolução de solidariedade a Cuba foi proposta e redigida pela delegação norte-americana, onde se comprometem "a elevar a luta para exigir que o

governo dos EUA levante incondicionalmente o bloqueio a Cuba e cumpra os reiterados acordos da Assembléia Geral da ONU, assim como rechaçam energicamente a criminosa lei Helms-Burton".

Pedro Ross, secretário-geral da Central de Trabalhadores Cubanos (CTC) e anfitrião, ao encerrar os trabalhos, avaliou: "Nosso encontro foi um êxito. Todas as expectativas foram superadas. Podemos afirmar, sem medo e sem exagero, que demos passos de importância estratégica para o movimento sindical nacional, regional e internacional".

As resoluções finais do encontro não apontam a perspectiva socialista, em que pese inúmeros delegados de muitos países, inclusive do Brasil, terem insistido sobre isso.

Ao final do encontro, bastou que algumas vozes entoassem "Arriba los pobres del mundo!..." para que, em um segundo, todos os presentes cantassem, nos mais variados idiomas, o hino da Internacional Socialista, causando emoção entre os delegados. E isso ocorria poucos minutos depois da aprovação do programa mínimo, que não se refere à necessidade do socialismo. Porém, todos os que lá estavam, cantaram o hino internacional, levantando os braços, sonharam com o dia em que os trabalhadores alcançarão seu triunfo.



João Lopes, de Brasília, no grupo de trabalhadores rurais

Renato Recio, editorialista do jornal *Trabajadores*, da CTC, escreveu: "algo está sucedendo nas mentes e na vontade de homens e mulheres que vivem o mundo do trabalho, esses a que a arrogância burguesa modernamente chama de perdedores, malabarismo utilizado para não falar em classes sociais, para não falar em explorados e exploradores. Parece-me que o que está ocorrendo é que os trabalhadores e seus representantes sindicais estão assumindo novamente com força um discurso classista, enterrando certas desesperanças e incertezas, certos enfoques errados que sobreviveram após a derrocada da União Soviética e do Leste Europeu". E conclui: "Tomara que a Internacional seja mais do que um hino, que seja como uma substância indefinível que reside no centro da terra, esperando emergir como um vulcão".

Globalizar a resistência

O Encontro aprovou documento que afirma a importância da unidade, da resistência e a necessidade de encaminhar ações comuns mediante um programa mínimo. As deliberações visam mobilizar forças para que a humanidade recupere sua auto estima, ganhe consciência de que é possível lutar e vencer, por maiores que sejam os obstáculos. "Se a explosão, que se globaliza também a resistência", afirmaram quase todos os delegados.



Pedro Ross, presidente da CTC, no encerramento

Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes

Solidariedade, paz e amizade

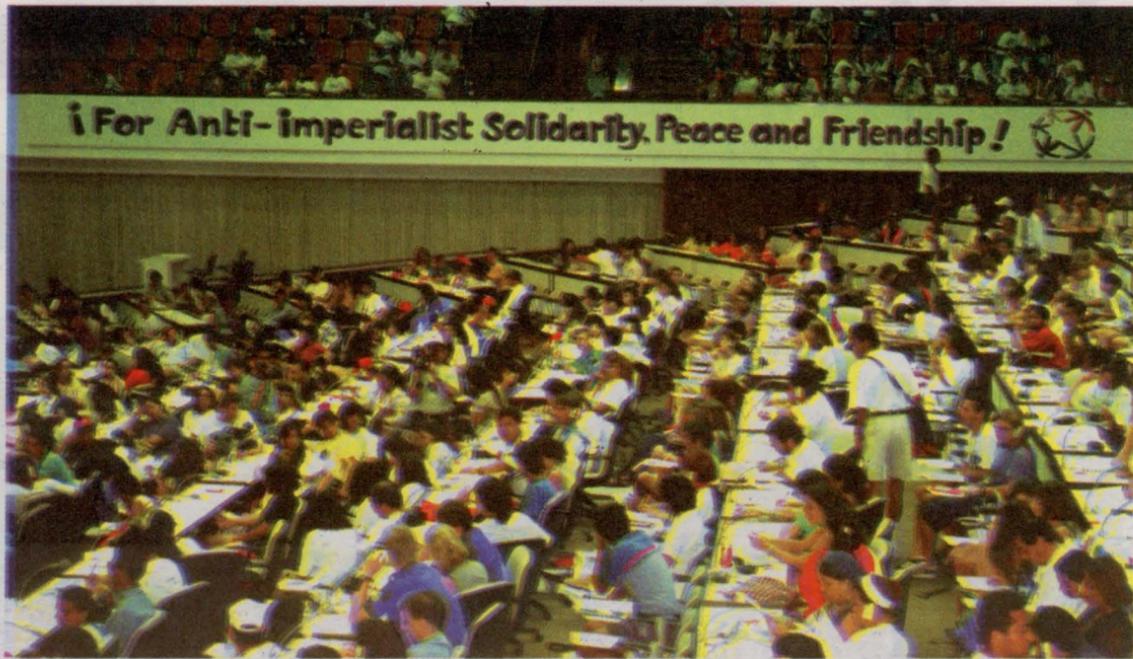
Guimar Prates

Quando milhares de jovens se reúnem, durante uma semana, numa pequena ilha, para debater, participar de atividades culturais e prestar solidariedade a um povo que sofre com um bloqueio criminoso, os sonhos se sobrepõem ao pesadelo que vive a maioria dos homens e mulheres do planeta, ameaçados pela miséria material e intelectual imposta pelo capitalismo.

Ainda é possível sonhar. Foi esta certeza que os mais de 12 mil participantes do Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes levaram de Cuba. Retornaram aos seus países depois de um exemplo de solidariedade e amizade, proporcionado por um povo alegre e consciente, que vive num país com pouca variedade de alimentos, mas onde todos comem.

Programação intensa

O 14º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, realizado de 28 de julho a 6 de agosto, contou com delegados de 132 países, que representaram mais de 2 mil organizações. Do Brasil, foram cerca de 700 jovens. Hospedaram-se nas casas de trabalhadores, homens e mulheres que os receberam como se fossem seus próprios filhos, compartilharam suas alegrias e preocupações e choraram na hora da partida. O Festival teve uma programação política intensa, debatendo temas como democracia, participação e direitos humanos. "Nas 48 horas transcorridas desde o início deste Festival, morreram no Terceiro Mundo 93.150 pessoas, de enfermidades curáveis; faleceram ao nascer 20.217 crianças e só 767 123 latino-americanos tiveram acesso aos serviços de saúde", disse o chanceler cubano, Roberto Robaina,



Tribunal antiimperialista condena Estados Unidos

tomando como base estatísticas da ONU sobre desenvolvimento social. Afirmou que "para a maioria do nosso planeta, a luta por direitos humanos se torna muito difícil, porque existem milhões de analfabetos, milhares de refugiados e uma pobreza estrutural que insulta o desenvolvimento do intelecto".

Os depoimentos no Tribunal Antiimperialista chocaram pela contundência. Um dos mais emocionados foi de um jovem norte-americano, que chorou ao denunciar o governo de seu país como responsável por manter o maior número de encarcerados do planeta, a maioria negros e pobres e parte deles presos sem julgamento. A delegação norte-americana foi a maior do encontro, com mais de 800 participantes, em que pese a proibição do governo para que fossem a Cuba. Desconhecendo a proibição, eles foram até o México e depois à Ilha.

Reveladoras foram também as intervenções de Heloísa Iníguo, funcionária da empresa Medicuba, em relação ao crime que significa o bloqueio a Cuba, ao impedir a aquisição pelo país



Shows marcaram as atividades culturais na Casa das Américas. Ao lado, indiana dança no hall do Palácio de Convenções no intervalo de um debate

por violar, de modo flagrante, os direitos humanos.

Paralelo às plenárias principais, reuniram-se jovens parlamentares, jornalistas, estudantes, sindicalistas, mulheres. Foram realizadas mostras de teatro, cinema, inúmeros shows. Organizaram-se caravanas para visitar as províncias e dar oportunidade para que a população que não reside na capital pudesse, de alguma forma, participar do Festival.

Clubes de diversas corporações cederam suas instalações para que cada continente tives-

de insumos médicos de primeira necessidade. Como provas, ela apresentou contratos de venda de produtos médicos por empresas estrangeiras que foram rescindidos depois da aprovação da Lei Helms-Burton. Cuba, hoje, precisaria de 200 máquinas de hemodiálise para tratar de 1100 pacientes, mas só tem 120.

O Tribunal também pediu a condenação do imperialismo norte-americano por exercer uma arbitrária e ingerente política extraterritorial; manter o colonialismo, o neocolonialismo e a ocupação de territórios; ser responsável por todo tipo de agressões, de terrorismo e pela presença de bases militares em todo o mundo; por ser o causador dos males políticos, econômicos, sociais e culturais que afetam a juventude mundial;

se sua casa-clubes, onde os jovens se reuniram nas diversas programações culturais.

Che vive e inspira

Todas essas atividades, políticas e culturais, foram inspiradas numa figura que, em Cuba, mais do que em qualquer lugar, sobrevive como exemplo revolucionário, de rebeldia, desprendimento e internacionalismo: Ernesto Che Guevara. A citação de seu nome era suficiente para que os aplausos credenciassem o orador.

O debate com os filhos de Che, Camilo e Aleidita foi um dos mais concorridos. Eles falaram das poucas lembranças que têm do pai. A filha procurou desfazer a idéia de que Che e Fidel Castro, comandante em chefe de Cuba, que lutaram juntos pela libertação da ilha, teriam divergências profundas. É de que o rumo da revolução cubana seria outra se Che não tivesse caído durante a batalha. "Fidel era a pessoa em quem meu pai mais confiava", respondeu Aleidita à pergunta de um jornalista.

O encerramento do Festival, realizado no estádio Pan-americano, nada ficou a dever aos mais belos espetáculos dos finais de olimpíadas. A dança, as cores e o entusiasmo prevaleceram, num final em que Fidel Castro esteve presente mas preferiu não falar, embora seu nome fosse aclamado por vários minutos e todos aguardassem sua mensagem.

A declaração final do Festival, faz "um apelo aos jovens e aos estudantes de todo o mundo a encontrarem a unidade na luta pelos nossos direitos e aspirações e defesa dos mesmos, e a integrarem um movimento juvenil internacional que não só seja capaz de enfrentar as agressões do capitalismo, mas também de continuar a ofensiva na busca da transformação da sociedade".



Ricardo Cappelli, presidente da UNE, entre lideranças da UJS



Muitas bandeiras, cores e alegria na festa de encerramento

CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois